



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

DANILDO MUSSA FAFINA

**TABU LINGUÍSTICO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO, NA BAHIA E
EM GUINÉ-BISSAU**

Salvador

2017

DANILDO MUSSA FAFINA

**TABU LINGUÍSTICO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO, NA BAHIA E
EM GUINÉ-BISSAU**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras,
do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da
Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito
parcial para obtenção do grau Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado
Filho

Coorientadora: Profa. Dr. Conceição de Maria de Araujo
Ramos

Salvador

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

DANILDO MUSSA FAFINA

**TABU LINGUÍSTICO NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO, NA BAHIA E
EM GUINÉ-BISSAU**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau do mestre em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

João Paulo Lazzarini Cyrino - Substituto do Orientador _____
Doutor em Linguística, Universidade de São Paulo (USP).
Universidade Federal da Bahia

Jacyra Andrade Mota _____
Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Universidade Federal da Bahia

Marcela Moura Torres Paim _____
Doutora em Letras, Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Universidade Federal da Bahia

Salvador-BA, 28 de agosto de 2017.

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA para ser confeccionada pelo autor

Fafina, Danilo Mussa
Tabu linguístico no português falado no Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau / Danilo Mussa Fafina. -- Salvador, 2017.
154 f.

Orientador: Américo Venância Lopes Machado Filho.
Coorientador: Conceição de Maria de Araujo Ramos.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2017.

1. Tabu linguístico. 2. Variação lexical. 3. Tabu linguístico no português falado no Brasil ? Maranhão e Bahia ? e em Guiné-Bissau. I. Filho, Américo Venância Lopes Machado. II. Ramos, Conceição de Maria de Araujo. III. Título.

Dedico primeiramente a Deus, pela saúde, força, fé, perseverança que tem me dado nesta vida. Ao meu pai, Mussa Fafina, à minha mãe, Sabado Embana. Ao herói da minha conquista, meu Irmão, Alfredo Sambú.

AGRADECIMENTO

Ao longo de desenvolvimento deste trabalho, essa parte, talvez, seja a mais difícil de redigir. Pois para mim, é difícil expressar o sentimento de gratidão por ter percorrido todos esses cominhos até chegar aqui, sabendo que há pessoas que, mesmo de longe, estão torcendo para que tudo dê certo. Para isso, aqui vou deixar meus agradecimentos, mesmo sabendo que só as palavras não são suficientes para exprimir tudo que sinto por essas pessoas.

Nascemos numa família, somos criados nessa família e depois entregados ao mundo para novas descobertas, nessas descobertas, conhecemos pessoas que gostaríamos que fizessem parte da nossa família biológica. São aquelas pessoas que nos amparam nos momentos difíceis, que fazem o nosso problema o dele, de quem podemos contar em qualquer momento, mesmo distante fisicamente, sentimos sua presença.

Mas antes de começar agradecendo essas pessoas, devo-me, primeiramente a gratidão a Deus, por ter me dado a força e a determinação para esta conquista que tanto almejava;

Agradeço imensamente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) por ter me concedido a bolsa de estudo que me ajudou no desenvolvimento deste trabalho;

Agradeço aos meus queridos pais, que, desde criança, souberam me mostrar o caminho por onde devo andar e por criarem as condições básicas para que eu chegasse aqui;

A Alfredo Sambú, que merece um especial agradecimento pelo seu admirável esforço e por honrar o seu compromisso para com a minha formação acadêmica;

Ao meu orientador, Américo Venâncio Lopes Machado Filho, Coronel, por ter me acolhido como orientando desde o primeiro dia que entrei no programa da Pós-Graduação em Língua e Cultura de UFBA e também pelo aprendizado nas discussões sobre as mais diversas temáticas no grupo de pesquisa Nêmesis.

À minha coorientadora, Prof^ª. Dr^ª. Conceição de Maria de Araujo Ramos, pelo amor, carinho, dedicação e determinação, pelos incentivos, por acreditar sempre que sou capaz de enfrentar qualquer desafio e, também, pelo seu esforço incansável na orientação e na elaboração deste trabalho, que era um sonho e hoje se tornou realidade;

Ao seu marido, Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra, pelo exemplo de profissionalismo;

Aos meus colegas do projeto ALiMA, por me acolheram por todos esses anos da convivência, me senti integrado à essa família;

Agradeço a todos os professores do Programa da Pós-Graduação em Língua e Cultura, em especial aqueles que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa;

Agradeço à equipe do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), por disponibilizar os dados que compõem a pesquisa no Brasil. Nesta ocasião, não posso esquecer de manifestar a minha alegria e gratidão, por ter sido aluno da professora Emérita do Instituto de Letras da UFBA e Diretora-Presidente do Projeto ALiB, a professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, de quem fui aluno com muito orgulho;

À secretaria da Pós-Graduação em Língua e Cultura, principalmente para Ricardo, que sempre me atende da melhor forma possível, tirando minhas dúvidas, me acalmando em momentos de desespero;

Seria injusto não fazer um agradecimento especial ao grupo Nêmesis, formado por pessoas incríveis, que nesse pouco tempo da convivência, aprendi várias coisas que nunca imaginei que fosse aprender com essas pessoas. À Jessica, pela forma carinhosa como me tratava, ao Invan, que sempre esteve disponível para tirar minhas dúvidas quanto ao Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), aliás, foi ele quem me ensinou desenhar a legenda geolinguística, à Jani Keli, Lisana, Cemary, Anielle, Isamar, Ione, Maria José, Maria Luana, Ana Pompilio, Goretti, Lucas, Laila, Tharsila, Lanara, Ingrid, com quem passava horas e horas conversando sobre assuntos de aulas de estágio docente e o intercâmbio cultural. E todos aqueles que não mencionei por um outro motivo, meu muito obrigado;

Aos meus companheiros do mestrado, turma 2015.1, em especial a Cezar Neri, Gracielle, Jani Keli, Lorena, Angelo, Ingrid, Elias, Elaine pela amizade e afinidade que desenvolvemos durante esse período; e àqueles que eu não mencionei aqui, mas que durante esses dois anos estiveram firmes nessa luta árdua.

Ao Governo Brasileiro, pela criação do Programa de Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), do qual fui beneficiário;

Ao meu primeiro Professor, Júlio da Costa (*in memoriam*), pelos primeiros passos de uma longa caminhada, ainda que nem fizesse ideia de aonde queria chegar;

À equipe do ALiMA, projeto cujas pessoas merecem agradecimento especial, pois é nesse lugar que começou meu desejo de ser pesquisador, esse grupo me fascinou pelo amor, carinho, respeito e compromisso e tudo quanto posso imaginar; ao meu parceiro, Luís Serra, a quem admiro muito pelo vasto conhecimento e pela vontade de ajudar na elaboração de trabalhos; às minhas “filhas” Amanda, Nádia e Layne pela temporada passada em Salvador; à Flávia pelas diversões e brincadeiras, a Edson, pelas ajudas prestadas quanto ao trabalho; a

Theciana, Laryssa, Thayane, Camilla, Alana, Eric, Gabriel, Wilma, e às professoras Cibelle, Georgiana e Heloisa;

Aos meus conterrâneos africanos, que comigo atravessaram milhares de quilômetros em busca de um sonho que um dia vai se realizar – Euclides Mendes de Carvalho (Tchy), Deolindo Deolindo L. A. Sá (Carinha que mora logo aí), Celeste Djassi, Erisângela Valentim (Narja), Luizela Domingas Mendonça, Antônio Aloisio (Tó), Ayvandra, Anso da Silva, Ivo Cosi, Vladimir Gomes, Diamantino Alves, Siaca Dabó, Osmilde, Anacleto, Adriano Damião, e Fiston – meu muito obrigado pela convivência fora do *habitat*, por aprenderem a lidar com diferentes tipos pessoas com ideologia diferentes, mas que, sempre, souberam respeitar os meus princípios;

Ao primo Bruno César Pinto, a quem não trato mais de primo, mas sim de irmão, que, desde criança, parece que tivemos o mesmo objetivo na vida, o que o tempo vai confirmando.

Aos outros meus conterrâneos de Salvador, a quem devo muita gratidão, pelo acolhimento durante esses dois anos. Não vou mencionar nome de todos, mas alguns merecem ser mencionados, como Virgílio Pereira Sanca (Vimpers) a quem devo muito favor, por ter me recebido quando cheguei à cidade, recepção essa que estreitou a nossa amizade, que hoje nos tornamos irmãos;

A Jorge, Alqueia, sua esposa Vanusa e seu filho Adiel (super gente boa), Adulai, Alfa, Jailson, Pedro Junior, Augusto, Vitor, Ismael, Guigui, Igor; aos meninos de São Francisco do Conde, Secov, Emo, Aldan, Mamado (Cubilas), sem esquecer da pessoa que tem sido muito especial na minha vida, Edneusa, sou muito grato a seu companheirismo;

Aos meus irmãos, João Mussa Dantas, Fidélis Mussa Faféna, José Camnate Mussa Fafina, Domingos Sambú, Duarte Sambú, Agustinho Sambú, Júlio Sambú (Bloé), Ntchoba Sambú, Lemos Camara (Lama) e Rosilia Sambú (Tó); ao meu tio, Marciano (Ndum); à minha tia, Antônia, e aos seus filhos, Junior, Atchu e Vanessa; à minha madrastra, Sabado (Néne), e às suas filhas, Iama, Assí, Adama e à minha diva, mana Kinhité; aos meus sobrinhos, Erikson (Cletch), Pansau (Pans), Izi, Baba (Biglas), Las, Zaida (Aua) e Salimatu, meu obrigado por fazerem parte da minha vida.

Ao meu grande amigo, Tiano Badjanha (Matchu), a quem quase sempre partilhamos as mesmas ideias e os objetivos de vida;

As minhas preferidas amigas, Daniele, Wgercilene e Jacilene, que sempre me motivaram e me ensinaram o verdadeiro sentido de uma amizade;

A todos vocês, minha muita gratidão!

Em muitas religiões e culturas acredita-se que foi a linguagem que ordenou o caos primitivo transformando-o num cosmos significativo. Cada cultura foi ordenado, a seu modo, o caos primitivo através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. Por ser mágico, cabalística, sagrada, a palavra tende a construir uma realidade dotada de poder. Os mitos falam dos segredos e das essências escondidas na palavra instituidora do universo.

Maria Tereza Camargo Biderman (1998, p.81)

FAFINA, Danilo Mussa. **Tabu Linguístico no Português Falado no Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau**. 2017. 154p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

O texto é resultado de uma pesquisa geo-sociolinguística que analisa, a partir de uma perspectiva diatópica, comparativa e descritivo-interpretativa, a variação lexical resultante do tabu linguístico no português falado no Brasil e em Guiné-Bissau. Os tabus analisados são de natureza religiosa e social. A pesquisa toma como base para a análise uma amostra representativa de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e de dados coletados em Guiné-Bissau, coletadas *in loco*. A pesquisa busca, na fala dos 72 sujeitos entrevistados oriundos de 10 localidades do Brasil e 1 de Guiné-Bissau, como essas duas culturas denominam conceitos considerados tabus, como a denominação do diabo, a menstruação e o nome de pessoas mortas: esses temas foram selecionados considerando o potencial tabuístico que eles podem suscitar. Nesse sentido, o estudo comparativo foi feito como base nas três perguntas do questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB, questões 121, *nome dado ao ciclo do período menstrual*; 135, *nome da pessoa que já morreu*, ambas do campo temático “ciclo de vida”; e 147, e *as denominações para o diabo*, do campo temático “religião e crenças”. Com a pesquisa, foi possível perceber a dimensão do tabu linguístico entre os dois países e observar como o tabu social e religioso se manifesta na fala de indivíduos das duas localidades, principalmente, quando se considera as práticas culturais, crenças religiosas e os mitos, que determinam a visão de mundo e o modo de estar dos indivíduos em cada uma dessas sociedades. A pesquisa permitiu observar que o grupo de guineenses apresenta-se como um grupo mais conservador do que o grupo de brasileiros, principalmente, no que diz respeito às questões sobre o diabo e a menstruação.

Palavras-chave: Tabu linguístico. Variação Lexical. Português falado no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau.

FAFINA, Danilo Mussa. **Tabu Linguistique en Portuguais Parlé au Maranhão, à Bahia et en Guinée-Bissau**. 2017. 154p. Mémoire de Master (Programme de Post-graduation en Langue et Culture). Institut de Lettres, Université Fédérale de Bahia, Salvador, 2017.

RÉSUMÉ

Le texte est le résultat d'une recherche géo-sociolinguistique qui examine, à partir d'une perspective diatopique, comparative et descriptive interprétative, la variation lexicale issue du tabou linguistique présent dans le portugais parlé au Brésil et en Guinée-Bissau. Les tabous analysés sont de nature religieuse et sociale. La recherche prend comme base pour l'analyse un échantillon représentatif des données issus de l'Atlas Linguistique du Brésil (ALiB) et des données recueillies en Guinée-Bissau, recueillies *in situ*. Cette étude cherche, dans le parler de 72 personnes interrogées, provenant de 10 lieux du Brésil, et 1 de Guinée-Bissau, comment ces deux cultures appellent des concepts considérés comme tabous, tels que le nom du diable, la menstruation et le nom des personnes décédées: ces thèmes ont été choisis tout en considérant le tabou qu'ils peuvent soulever. Ceci étant dit, l'étude comparative a été faite à partir des trois questions du Questionnaire Sémantique Lexicale (QSL) de l'ALiB, la question 121, *le nom donné au cycle menstruel*; la question 135, *le nom de la personne qui est décédée*, toutes les deux présentes dans l'axe thématique « cycle de vie »; et la question 147, *les noms pour le diable*, présente dans l'axe thématique « la religion et les croyances ». Grâce à la recherche, il a été possible de réaliser la dimension du tabou linguistique qu'il y a entre les deux pays et d'observer comment le tabou social et religieux se manifeste dans le discours des individus des deux endroits, notamment quand on considère les pratiques culturelles, les croyances religieuses et les mythes qui déterminent la vision du monde et la façon d'être des individus dans chacune de ces sociétés. La recherche a permis de constater que le groupe guinéen se présente comme un groupe plus conservateur que celui de Brésiliens, en particulier en ce qui concerne les questions au sujet du diable et les règles.

Mots-clés: Tabou linguistique. Variation lexicale. Portuguais parlé au Brésil - Maranhão et Bahia - et en Guinée-Bissau.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa – 1: Recorte do mapa mundi tendo como destaque os estados do Maranhão e Bahia (Brasil) e Guiné-Bissau (África)	43
Figura 2 –	Gráfico - 1: Religião declarada pelos informantes maranhenses	52
Figura 3 –	Gráfico - 2: Religião declarada pelos informantes baianos	52
Figura 4 –	Gráfico - 3: Religião declarada pelos informantes guineenses	53
Figura 5 –	Gráfico - 4: Percentual de ocorrências nos municípios do Maranhão para o conceito do diabo	66
Figura 6 –	Gráfico - 5: Percentual de ocorrências nos municípios da Bahia para o conceito do diabo	71
Figura 7 –	Gráfico - 6: Percentual de ocorrências em Bissau para o conceito do diabo	85
Figura 8 –	Gráfico - 7: Percentual de ocorrências nos municípios do Maranhão para o conceito da menstruação	94
Figura 9 –	Gráfico - 8: Percentual de ocorrências nos municípios da Bahia para o conceito da menstruação	98
Figura 10 –	Gráfico - 9: Percentual de ocorrências em Bissau para o conceito da menstruação	105
Figura 11 –	Gráfico -10: Percentual de ocorrências nos municípios do Maranhão para o conceito do finado	113
Figura 12 –	Gráfico -11: Percentual de ocorrências nos municípios da Bahia para o conceito do finado	116
Figura 13 –	Gráfico -12: Percentual de ocorrências em Bissau para o conceito do finado	122
Figura 14 –	Imagem -1: CHAVE PARA CONSULTA	145

LISTA DE ABREVIATURAS

ALiB.	Atlas Linguístico do Brasil
DDB.	Dicionário Dialetal Brasileiro
DEPARC.	Dicionário Etimológico do Português Arcaico
Ex.	Exemplo
lat.	latim
port.	português
pass.	particípio passado
QSL	Questionário Semântico Lexical
Sf.	substantivo feminino
sm.	substantivo masculino

LISTA DE QUADROS

Quadro – 1	Perfil dos informantes do ALiB	38
Quadro – 2	Perfil dos informantes maranhenses	39
Quadro – 3	Perfil dos informantes baianos	40
Quadro – 4	Perfil dos informantes guineenses	41
Quadro – 5	Respostas para a questão 147 do QSL, em São Luís	59
Quadro – 6	Respostas para a questão 147 do QSL, em Brejo e Bacabal	61
Quadro – 7	Respostas para a questão 147 do QSL, em Imperatriz e Alto Parnaíba	64
Quadro – 8	Respostas para a questão 147 do QSL, em Salvador	66
Quadro – 9	Respostas para a questão 147 do QSL, em Jacobina e Barreiras	68
Quadro – 10	Respostas para a questão 147 do QSL, em Alagoinhas e Ilhéus	70
Quadro – 11	Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau	72
Quadro – 12	Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau	75
Quadro – 13	Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau	78
Quadro – 14	Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau	79
Quadro – 15	Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau	82
Quadro – 16	Informações sobre busca nos dicionários	86
Quadro – 17	Distribuição diatópica	87
Quadro – 18	Respostas para a questão 121 do QSL, em São Luís	89
Quadro – 29	Respostas para a questão 121 do QSL, em Brejo e Bacabal	91
Quadro – 20	Respostas para a questão 121 do QSL, em Imperatriz e Alto Parnaíba	93
Quadro – 21	Respostas para a questão 121 do QSL, em Salvador	94
Quadro – 22	Respostas para a questão 121 do QSL, em Jacobina e Barreiras	95
Quadro – 23	Resposta para a questão 121 de QSL, em Alagoinhas e Ilhéus	96
Quadro – 24	Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau	99
Quadro – 25	Respostas para a questão 121 do QSL, em Guiné-Bissau	100
Quadro – 26	Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau	101
Quadro – 27	Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau	102
Quadro – 28	As respostas para a questão 121 do (QSL), em Bissau	103
Quadro – 29	Informações sobre busca nos dicionários	105
Quadro – 30	Distribuição diatópica	107

Quadro – 31	Respostas para a questão 135 do QSL, em São Luís	111
Quadro – 32	Respostas para a questão 135 do QSL, em Brejo e Bacabal	112
Quadro – 33	Respostas para a questão 135 do QSL, em Imperatriz e Alto Parnaíba	112
Quadro – 34	Respostas para a questão 135 do QSL, em Salvador	113
Quadro – 35	Respostas para a questão 135 do QSL, em Jacobina e Barreiras	114
Quadro – 36	Respostas para a questão 135 do QSL, em Alagoinhas e Ilhéus	115
Quadro – 37	Respostas para a questão 121 do QSL, em Guiné-Bissau	116
Quadro – 38	Respostas para a questão 121 do QSL, em Guiné-Bissau	117
Quadro – 39	Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau	118
Quadro – 40	Respostas para a questão 121 do QSL, em Guiné-Bissau	119
Quadro – 41	Respostas para a questão 121 do QSL, em Guiné-Bissau	120
Quadro – 42	Informações sobre busca nos dicionários	122
Quadro – 43	Distribuição diatópica	124
Quadro – 44	Tipos de lexias	125
Quadro – 45	Microestrutura preliminar do DDB, para verbetes plenos, em 2010	141
Quadro – 46	Microestrutura do verbete de acordo com o DDB	143

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1 A LÍNGUA: uma atividade social e cultural.....	21
2.2 O reflexo do léxico no contexto cultural	25
2.3 ENTRE MITO E VERDADE: o poder da palavra	27
2.4 ENTRE MITO E TABU: o temor das coisas	30
2.5 Da norma ao tabu linguístico.....	35
3. METODOS E TÉCNICAS	37
3.1 Os informantes	38
3.2 Locus da pesquisa	43
3.2.1. Informações sobre as localidades pesquisadas	45
3.3 Coleta de dados	47
3.3.1. Ficha do Informante.....	47
3.3.2. Ficha da Localidade	47
3.3.3. Questionários do Projeto ALiB	48
3.3.4. Audição e transcrição dos dados da pesquisa	48
3.4. A pesquisa em dicionários de língua	49
3.5. Propostas de análise dos dados	50
4. ANÁLISE DOS DADOS	51
4.1 Campo temático “religião e crenças”.....	51
4.1.1. A figura do diabo no imaginário popular	53
4.1.2 O diabo na boca de brasileiros e guineenses	57
4.1.3. As formas registradas e não registradas nos dicionários da língua portuguesa para o conceito de diabo.....	85
4.1.4. Quadro da produtividade das lexias por localidades para o conceito do diabo	87
4.2 Campo temático “ciclos da vida”.....	88

4.2.1. Menstruações: um fenômeno humano e biológico que pode ser sinônimo de transgressão.....	88
4.2.2. As formas registradas e não registradas nos dicionários da língua portuguesa para denominação do ciclo menstrual	105
4.2.3 Quadro da produtividade das lexias por localidades para o conceito da menstruação	107
4.3 Finado: O que se refere à morte também é motivo da interdição.....	108
4.3.1 As formas registradas e não registradas nos dicionários da língua portuguesa .. para conceito do finado.....	122
4.3.2 Quadro da produtividade das lexias por localidades para o conceito do finado/falecido.....	123
4.3.3 Tipos de lexias encontradas no <i>corpus</i> da pesquisa.....	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS	131
Apêndices.....	135
Anexos.....	147

1. INTRODUÇÃO

Em toda prática linguística/linguagem, dependendo da situação ou finalidade da comunicação, a palavra vem impregnada de certas conotações ideológicas que são expressas em diferentes textos que circulam na sociedade. Pautando-se nessa ideia, esta pesquisa pretende observar a relação entre língua, cultura e sociedade, com o intuito de verificar a dimensão em que o tabu linguístico se evidencia nos usos orais do português do Brasil – Maranhão e Bahia – e de Guiné-Bissau.

Em se tratando da linguagem, principalmente do universo linguístico-cultural, observa-se que algumas palavras são abandonadas ou mesmo interditas, por não se adaptarem aos valores sociais e individuais exigido pelos falantes e outras entram para preencher esse espaço. Nessas constantes mudanças, algumas palavras são proibidas, seja por questões de natureza religiosa, social, afetiva, mais particularmente do tabu linguístico, que consiste na substituição da palavra considerada ofensiva, imoral, indelicada, inapropriada, inadequada por outra considerada menos ofensiva.

Partindo desses pressupostos, percebe-se que os valores sejam eles sociais ou individuais têm um reflexo direto na forma como as sociedades observam as coisas ou mesmo como elas se posicionam diante dos fenômenos humanos ou naturais.

Tendo como objetivo principal investigar o tabu linguístico no português falado no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau, espaços formados por grupos humanos com cultura e modos diferentes de olhar o mundo, dois países que adotam o português como língua oficial, este trabalho, em uma perspectiva histórico-variacional, se orienta pelos pressupostos teóricos-metodológicos da dialetologia e da geolinguística e busca analisar as variáveis extralinguísticas que condicionam a variação lexical gerada pelo tabu.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizam-se dois *corpora*. O primeiro foi extraído do banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), empreendimento de dimensão nacional e internacional sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, cujo objetivo principal é a elaboração de um atlas linguístico geral do Brasil no que tange à língua portuguesa, língua majoritariamente falada no País. Para descrever a realidade linguística do Brasil, o ALiB toma como pressupostos gerais o método da geolinguística, dando prioridade à variação diatópica, ou seja, espacial, e atendendo também a variação social que é de suma importância para seu estudo. Para a elaboração do atlas linguístico do Brasil, o ALiB utiliza dados da língua em uso no País, obtidos por meio de gravações da fala de

informantes durante a realização dos inquéritos linguísticos, nas localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto¹.

O segundo é oriundo de uma pesquisa realizada em Guiné-Bissau, em 2014, cujo objetivo foi investigar a variação lexical resultante do tabu linguístico em Guiné-Bissau e no Brasil (cf. FAFINA, 2014), buscando assim entender, por meio da análise do léxico, a visão de mundo dessas duas comunidades linguísticas e, conseqüentemente, a forma como lidam com as coisas que nelas existem.

Este estudo da variação lexical gerada pelo tabu linguístico busca, ainda, oferecer subsídios para a construção do Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), um Projeto de dimensão nacional e internacional, que tem por objetivo registrar, indiscriminadamente, os usos linguísticos considerados “desvios do padrão”, com dados do Questionário Semântico-Lexical do ALiB (QSL). Essa contribuição se materializa sob a forma de um glossário elaborado com as respostas dadas às questões selecionadas entre aquelas que compõem os campos temáticos “religião e crenças” e “ciclos da vida” e que possibilitam investigar a tabuização. O glossário compõe um dos apêndices deste trabalho.

A propósito dessa ideia, Machado Filho (2010) defende a necessidade de elaborar um dicionário dialectal, com vista a registrar todas as variantes utilizadas como respostas às questões do QSL do ALiB, privilegiando o registro das variantes próprias da oralidade, não aceitas ou não registradas nos dicionários gerais da língua portuguesa produzidos no Brasil. A esse respeito, assim se manifesta Machado Filho (2010, p. 50):

Aliás, têm os dicionários da língua, preferencialmente – porém não exclusivamente –, utilizado textos escritos, na composição de *corpora*, e como composição maior, obviamente, a norma padrão, excluindo no processo de lematização os elementos que consideram os lexicógrafos como erros ortográficos, posição que não se pode considerar inapropriada na estrita perspectiva metodológica, embora seja em algum grau politicamente incorreta, que se diga, já que veladamente despreza outros usos linguísticos.

Desse modo, defende o autor que, quando se trata de variação lexical, não se pode ignorar o que a dialetologia cartografa, devendo, portanto, registrar os diferentes usos lexicais, que podem ou devem ser legitimados pelos dicionários, sem marcas, como pejorativo, gíria, como se tem observado nos dicionários gerais contemporâneos.

Este trabalho adota a perspectiva de que a língua e as práticas culturais são ferramentas fundamentais que podem ajudar a entender o comportamento dos falantes das comunidades investigadas, uma vez que os dois conceitos estão intrinsecamente ligados;

¹ Maiores informações sobre o ALiB podem ser obtidas no endereço: < <https://alib.ufba.br> >

nesse sentido, dá-se sempre ênfase à língua usada no contexto cultural, pois entende-se que, para observar a dimensão do tabu linguístico nas localidades alvos da investigação, não se pode falar de língua sem mencionar a cultura, ou seja, a própria cultura se constitui e é difundida por meio da língua como mecanismo de identificação.

Com base nas ideias ora apresentadas, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o tabu linguístico no português falado no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau, e como objetivos específicos: (i) ampliar, com base no questionário semântico-lexical do ALiB, a recolha dos elementos linguísticos que são *tabuizados*² no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau; (ii) identificar as estratégias utilizadas pelos falantes para fugir dos elementos léxicos *tabuizados*; (iii) verificar, no âmbito da tipologia dos tabus linguísticos, o tipo mais recorrente no português falado no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau; (iv) analisar a variação linguística do português causada pelo tabu religioso e social em duas comunidades que partilham a mesma língua oficial – Brasil e Guiné-Bissau; (v) examinar as variáveis sociais sexo, faixa etária e grau de escolaridade que são condicionadoras da *tabuização* nessas localidades; e (vi) oferecer subsídios para a construção do Dicionário Dialectal Brasileiro .

Para dar conta desses objetivos, tomam-se, como aporte teórico, as ideias de Biderman (1998), Guérios (1979), Mateus (2006) e Ullmann (1987), que trataram de questões relativas à variação linguística e ao tabu linguístico.

O interesse por investigar o tabu linguístico no português falado no Brasil – Maranhão e Bahia – em Guiné-Bissau tem o seu ponto de partida na própria realidade do autor deste trabalho que, por ser guineense vivendo em terras brasileiras, maranhenses – baianas e se bifurca orientado por duas grandes motivações. Uma é de natureza histórica, já que as duas localidades, Maranhão e Bahia, estados em que fora acolhido, receberam, no período da escravidão, contingentes de africanos oriundos de Guiné-Bissau que, nesses lugares, trabalharam no campo da agricultura na plantação de cana-de-açúcar, mandioca, arroz, milho; na construção edificando obras que se destacam na arquitetura desses dois Estados, além terem deixado sua contribuição para a formação da variedade da língua falada no Brasil.

Por outro lado, há uma motivação de caráter linguístico, tendo em vista que o fato histórico mencionado instiga a pensar sobre questões linguísticas que dele possam ter advindo e que mantenham estreita relação com essas duas outras questões: (i) vivência aqui no Brasil,

² A palavra “tabuizado” e a “tabuização” são usadas como variantes da palavra tabu num mesmo contexto.

mais particularmente no Maranhão, na condição de aluno do Curso de Letras e auxiliar de pesquisa de um projeto que objetiva investigar a realidade sociolinguística do Estado, buscando examinar os fatores sócio-históricos significativos na formação da variedade do português falado no Estado, o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), e atualmente na condição de aluno do Programa da Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), cujo projeto objetiva investigar a realidade sociolinguística do português brasileiro, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), e (ii) o interesse por estudar as relações entre língua e cultura.

Assim, as duas motivações principais – a histórica e a linguística – levaram à apropriação do questionamento de Mateus (2006, p. 63) e a perguntar: “Se a língua é um fator de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?”. A esse questionamento de Mateus acrescenta-se um pessoal: Como o fenômeno da tabuização, que é de natureza linguístico-cultural, se materializa na língua de comunidades/culturas diferentes que compartilham, ainda que não na mesma condição, variedades diferentes de uma mesma língua?

Acredita-se que, nesses dois espaços – Brasil e Guiné-Bissau –, a presença de grupos de interesses unidos por falarem “a mesma língua” requer que se examine a língua não só como um fator de importância político-econômica, mas também como um fator de identificação cultural, sem perder de vista a diversidade de culturas entre esses dois países e a influência das línguas étnicas desses países africanos que estiveram em contato com o português na constituição da variedade brasileira. Religião, crenças, hábitos, música, artes plásticas e literárias, relações sociais e parentais e, sobretudo, a representação da etnicidade revelam a forma particular de cada grupo social ver o mundo e de nele estar, e essas formas se refletem na língua.

Muito embora se saiba da existência de alguns trabalhos referentes ao tabu linguístico no Maranhão e na Bahia, no âmbito dos projetos ALiMA e ALiB, ainda se faz necessário ampliar a discussão e aprofundar a investigação sobre esse tema, de modo que se possa dar conta de um exame mais apurado do tabu linguístico, em particular dos de natureza religiosa e social, alvos desta pesquisa. Este trabalho acrescenta a visão de mundo de uma localidade que não é brasileira e faz uma comparação com as brasileiras, o que pode auxiliar na ampliação da discussão sobre o tabu linguístico e a sua relação com as práticas sociais dos diferentes grupos humanos.

Em Guiné-Bissau, por sua vez, registra-se uma escassez de estudos sobre o tabu linguístico. Razão por que se pretende ampliar a pesquisa.

Vale ressaltar que o estudo de um mesmo fenômeno linguístico em comunidades que compartilham uma “mesma língua” é uma oportunidade ímpar para se estudar a língua como fator de identificação cultural, observando que é no uso e pelo uso que dela faz o indivíduo que se torna possível essa identificação.

Para melhor apresentar os resultados desta pesquisa, organizou-se esta dissertação da seguinte forma: neste capítulo introdutório, apresentam-se o tema, os objetivos, as motivações e a justificativa que levaram o autor a desenvolver a pesquisa.

No segundo capítulo, apresentam-se considerações teóricas sobre temas importantes deste trabalho como a língua no seu contexto social e cultural e considerações sobre o fenômeno do tabu, sobretudo o tabu linguístico.

No terceiro capítulo, enfoca-se a metodologia usada na pesquisa.

No quarto capítulo, apresenta-se a análise dos dados, com o apoio de quadros e, em seguida, comentam-se os resultados desta pesquisa.

No quinto capítulo, apresenta-se uma síntese das principais ideias discutidas ao longo da dissertação.

Na última parte do trabalho, apresentam-se dois apêndices: apêndice A traz as informações sobre o mito e seu efeito na sociedade guineense, e apêndice B fala da contribuição das lexias utilizadas como respostas às questões na elaboração do Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB). Além disso, consta no trabalho, como anexo, a legenda geolinguística e o glossário produzidos pelo autor ilustrando a diatopia, considerando as lexias validadas como respostas às questões analisadas.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que sustentam esta pesquisa. Para isso, julga-se necessário fazer uma breve abordagem sobre a língua no seu contexto social e cultural; na sequência, focar o léxico e seu reflexo no contexto cultural; para então apresentar discussões acerca da relação entre norma, mito e tabu, sobretudo em relação ao tabu linguístico, objeto deste trabalho.

2.1 A LÍNGUA: uma atividade social e cultural

Sendo um fenômeno exclusivamente humano, é quase impossível pensar a língua num contexto isolado, ou seja, separá-la do contexto sociocultural em que é usada, porque “ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte” (MONTEIRO, 2000, p. 13).

Esse “produto” conhecido como língua, tem fascinado, ao longo do tempo, o homem. Em primeiro lugar, por utilizá-la para comunicação, permitindo-lhe exercer o poder de nomear, criar, transformar as coisas no seu universo real, numa troca de experiência entre indivíduos, de falar sobre as coisas existentes no mundo físico e até das coisas inventadas, ou seja, aquelas criadas em seu imaginário e que não fazem parte desse universo. Em segundo lugar, por possibilitar ao homem descobrir e conhecer as coisas do seu universo, entre as quais se inclui a própria linguagem, que se torna assim objeto de estudo de diversas correntes do pensamento que pretendem descrevê-la. Convém ressaltar que, “Ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária do seu mundo e da sua convivência com os outros seres humanos” (ORLANDI, 2001, p. 7).

Tendo como suporte essas ideias, segue-se, neste trabalho, a perspectiva que considera a língua no seu contexto de uso real, entendendo-a segundo seu caráter eminentemente social e cultural, sendo ela o resultado de toda ação dos falantes de uma comunidade. Como afirma Labov (2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social”, e esse comportamento pode manifestar-se também por meio da língua. Nesse sentido, vale ressaltar que a função da língua não é só transmitir informações, ou ainda, expressar emoções, ideais, desejos; serve também para exprimir pensamentos, julgamentos e crenças que revelam a visão de mundo e a realidade social, histórico-cultural do seu falante.

Uma língua é o reflexo da sociedade em que é falada, porque representa a ação do pensamento por meio dos símbolos presentes no imaginário dos falantes de uma dada

comunidade. A representação linguística pode partir da necessidade básica do sistema de organização de cada sociedade, pois todas as línguas dispõem de recursos lexicais suficientes para nomear todos os elementos presentes na sociedade, também pode, por motivos condicionados pela sociedade, não o fazer, a exemplo de fenômeno conhecido como tabu.

Os falantes de cada uma das inúmeras línguas que existe no mundo nomeiam e categorizam as entidades que fazem parte do seu meio físico ou abstrato, baseado no seu modo de perceber a realidade. Nessa perspectiva, toma-se, como ilustração, um clássico exemplo do ato de nomeação das coisas – o signo *neve*. A neve é mais conhecida em determinados países que em outros, então, espera-se que, nas localidades em que o fenômeno é conhecido, haja, no mínimo, uma denominação para esse fenômeno nas línguas faladas nessas localidades, diferentemente das localidades onde não se têm conhecimento dessa entidade e, portanto, não se pode esperar a sua nomeação nas línguas locais, uma vez que não faz parte do contexto sociocultural desse povo, a exemplo do que ocorre nas línguas étnicas balanta, bijagó, fula, manjaco, faladas em Guiné-Bissau que não têm uma denominação para o conceito de neve.

Segundo Monteiro (2001, p. 19), mesmo sendo a *neve* um fenômeno conhecido na língua portuguesa, nesta língua há apenas uma palavra para denominá-lo, ainda que a língua disponha de recursos lexicais para fazer a distinção de tipos de neve. Ao contrário do que faz a língua portuguesa, os esquimós têm várias formas para denominar *neve*. Para o autor, é extremamente importante que esse grupo étnico saiba distinguir diferentes tipos de neves por meio de palavras simples.

Em síntese, observa-se que a percepção da realidade não só varia de uma língua para outra, mas também no interior de uma mesma língua, que pode distinguir realidades diferentes, sobretudo quanto à nomeação e à categorização das coisas. As lexias *macaxeira* e *mandioca*, por exemplo, nomeiam e categorizam raízes distintas em diferentes comunidades do Brasil, evidenciando assim a variedade do português falado do lado de cá do Atlântico, enquanto que, em Guiné-Bissau, não há essa distinção: as duas raízes recebem a mesma denominação, ambas são conhecidas como *mandioca*. Isso se estende também às frutas como *abacaxi* e *ananás*, *mamão* e *papaia*, que, em Guiné, só se chamam *ananás* e *papaia* para ambas os casos.

Adotando a perspectiva de que a língua e a cultura caminham de mãos dadas, concorda-se com Monteiro (1999, p. 6) que, ao assumir o pressuposto heiddegeriano de que *a linguagem é a morada do ser*, afirma: “Se o homem é na linguagem, tudo o que lhe diz respeito, tudo o que o define, todo o mal-estar que o cerca outra coisa não constitui senão

expressão da própria linguagem”. Essa ideia faz entender que a linguagem, como morada do ser, é tudo o que diz respeito a ele, além de ser tudo que o define.

Por pertencer exclusivamente ao ser humano, a língua é um dos patrimônios culturais de uma comunidade, pois ela reflete a posição ideológica e cultural da comunidade que a utiliza. Uma mesma língua pode representar diferentes realidades de pensamento, visto que o comportamento linguístico é motivado pela prática cultural de cada grupo de falantes. Ao materializar-se a língua por meio do uso da palavra, esta vem carregada de cunho político e do poder ideológico do indivíduo que a utiliza, por isso é considerada como o retrato da realidade histórica do povo que a fala.

Assim, a palavra como signo linguístico não só retrata a realidade das coisas, mas também distorce essa realidade, tanto que antes de ganhar privilégio de ser usada livremente, ela está sujeita a todo tipo de critério de avaliação ideológica dos falantes, pois os signos ideológicos são considerados a sombra da realidade (BAKHTIN, 2006, p. 32). Nesse contexto, em que a língua retrata a sombra da realidade, seus falantes usam-na pensando nas possíveis interpretações e consequências que podem causar se a utilizarem inadequadamente.

Bourdieu (2008, p. 49) chama a atenção quando afirma que a “unidade de qualquer língua é o produto de um processo histórico de unificação ou padronização, e que as línguas variam de acordo com a sociedade em que são faladas”. O autor acrescenta ainda que toda norma linguística é controlada pelo rigor da sociedade que a impõe, na qual a conduta é regulada e as regras devem ser obedecidas, pois essa norma não permite que o falante extrapole os limites impostos para uma dada situação de comunicação. A regulamentação das regras que regem o funcionamento de qualquer língua, geralmente, começa por determinado grupo que imputa a si mesmo a responsabilidade de estabelecer a norma, impondo seu estilo que, rapidamente, se espalha pela sociedade, a exemplo, é o caso da norma padrão.

Gnerre (1991) reforça a ideia de que o ato da linguagem é controlado por uma relação sociocultural de quem fala e ouve. Como se pode ler:

Todo ser humano deve agir de acordo com tais regras, isto é, tem que “saber”: a) quando pode falar e quando não pode, b) que tipo de conteúdos dos referenciais lhe são conferidos, c) que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada. Tudo isso em relação ao contexto linguístico e extralinguístico em que o ato verbal é produzido. A presença de tais regras é relevante não só para o falante, mas também para o ouvinte, que, com base em tais regras, pode ter alguma expectativa em relação à produção linguística do falante (GNERRE, p. 6, 1991).

Cabe observar que essa adequação da produção linguística revela, por um lado, a dinamicidade de língua como um “produto” das ações sociais; por outro lado, revela uma ação de controle de poder do grupo, cujo padrão linguístico predomina na sociedade. Assim,

baseado no poder ideológico dos que controlam a sociedade, certas normas são discriminadas por não “fazerem” parte do padrão exigido, assim também são reprimidas certas unidades lexicais, por serem considerados indecentes.

Essa ação pode se configurar em um processo que constitui “um tipo de dominação simbólica” no qual as formas consideradas não-padrão, ou seja, as que ferem os princípios morais ou religiosos, como é o caso dos itens lexicais que são interditados por questões éticas, morais ou temor ao algo.

As chamadas palavras proibidas, consideradas eróticas, chulas, obscenas, chocantes, são reprimidas no contexto social e aqueles indivíduos que as utilizam são excluídos do sistema. De tal modo, para integrar o sistema, o falante abre mão da sua posição ideológica e fica à disposição do coletivo na tomada de qualquer decisão; contudo, o interesse pelo prestígio social e por sua identificação como membro dessa comunidade são aspectos importantes para utilização ou não dessas unidades lexicais.

Assim, dada a sua condição de ser histórico, um indivíduo embora possa, por iniciativa própria, inventar “totalmente sua expressão”, não consegue estabelecer as regras de funcionamento de uma língua sem o aval da norma, ou seja, aceitação do coletivo. Coseriu (1979, p. 64) afirma que nenhum falante emprega uma técnica de que o sistema não dispõe, mas sim utiliza aquilo que o sistema oferece a toda comunidade e, conseqüentemente, aceita também a norma que a tradição lhe oferece.

Reforçando essa questão da escolha do signo linguístico por parte do falante, Biderman (1998) adverte que isso parece ser paradoxal, pois, se de um lado há uma impressão de que o falante pode, por causa da sua aparente liberdade, escolher o signo linguístico, com base no modelo de categorização que o convívio social incutiu na sua mente; por outro lado, a utilização de um signo não pode ser feita livremente por questão da liberdade de escolha, porque “o vocabulário da língua manifesta-se como um acervo cultural – um produto herdado das gerações procedentes” (BIDERMAN, 1998, p. 106).

Levando em consideração a preocupação dessa autora, pode-se afirmar que a dinamicidade do signo é importante para todo o sistema linguístico, tendo em vista as constantes transformações pelas quais passam as sociedades. Segundo Biderman (1998, p. 107), “na verdade o signo não muda integralmente de uma vez; as alterações vão se verificando paulatinamente através da história”. Sendo assim, pode-se afirmar que o falante simplesmente se apropria dos modelos anteriores, por ser um indivíduo histórico, uma vez que a língua pertence à sua historicidade.

2.2 O reflexo do léxico no contexto cultural

Assim como toda ciência precisa definir seu objeto de observação, a lexicologia, como um ramo da ciência, estabelece como seu objeto de estudo, o léxico, e busca, com ele, abordar a relação existente entre significado e significante em variadas situações. A esse respeito Andrade (2001, p. 193) afirma:

(...) a lexicologia é o estudo científico do léxico, isto é, propõe estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a *lexia* –, bem como elaborar os métodos subjacentes às suas definições denominações (...).

Baseando-se na ideia apresentada pela autora, é possível afirmar que estudar o léxico de uma língua é buscar compreender a história, os costumes, os hábitos, os ritos, as crenças e as tradições de um povo. O léxico é um tesouro importante para desvendar os segredos da história social e linguística de um grupo, sobretudo quando se considera um determinado período histórico ou espaço geográfico, pois é na sua dinamicidade “(...) que são mais claramente observáveis as transformações pelas quais passa o sistema de valores grupalmente compartilhados, as mudanças continuadas de um sistema social e de um sistema cultural” (BARBOSA, 2001, p. 34).

Cabe afirmar que, no léxico, se evidencia de forma mais explícita uma característica básica da língua, a sua capacidade de reunir paradoxalmente os caracteres da mutabilidade e imutabilidade relativos. Segundo Biderman, “é o tempo que altera os signos linguísticos e que introduz outro fator importante: a *mutabilidade* dos signos. Assim *mutabilidade* e *imutabilidade* são solidários e constituem as duas faces da moeda” (BIDERMAN, 1998, p. 107.).

A característica mutável do signo linguístico se justifica com a história: em função das mudanças culturais, os signos sempre estão em constante transformação; ao decorrer do tempo, alguns itens lexicais se tornam arcaicos, outros são incorporados, outros mudam de sentido. Essas mudanças acontecem por exigência de contexto social, havendo a necessidade da renovação dos signos linguísticos que podem gerar novos sentidos, como lê nas palavras de Barbosa:

Dessa maneira, é lícito definir a norma do universo lexical como o lugar de equilíbrio dinâmico, o lugar do conflito e o epicentro da tensão entre aquelas forças contrárias. Esse equilíbrio e a tensão são observáveis com clareza, em qualquer etapa sincronicamente considerada de uma língua, por três aspectos: a conservação de grande parte do léxico, o surgimento de novas unidades lexicais, o desaparecimento de outras. Distingue-se, entre as unidades que permanecem as que

apresentam frequência de utilização estável, crescente ou declinante (BARBOSA, 2001, p. 36).

Concordando com essa afirmação, cumpre dizer que à medida que a sociedade adquire novos hábitos, as unidades lexicais acompanham a dinâmica social, se tornando mais flexíveis, visto que a dinamicidade linguística, principalmente a lexical, é motivada pelas constantes transformações pelas quais passam as sociedades. Assim, algumas dessas unidades caem no esquecimento por não terem mais função na sociedade, outras abandonam o sentido original e incorporam um novo significado e há aquelas que, mesmo representando um conceito, mas por questões de cunho ideológico, tendem a ser abandonadas, como é o caso dos itens lexicais tabuizados, que são interditados, por exemplo, por motivos sociais, do sagrado-religioso, atribuindo à palavra um poder mágico, como exemplifica a lexia *finado*, usada na sociedade guineense para se referir a quem já morreu, como se pode observar na análise de dados mais adiante. Nesse mesmo contexto, outros itens são substituídos por questão moral, sendo considerados obscenos ou chulos, a exemplo dos nomes referentes ao órgão sexual.

As mudanças que ocorrem no sistema linguístico, geralmente, são evidenciadas nas significações dadas aos itens lexicais de uma língua. É por meio do léxico que as coisas são nomeadas segundo a visão de mundo de cada grupo social. Nesse sentido, comunga-se da mesma ideia de Ramos (2006), quando, ao discorrer sobre a importância do léxico de uma língua, afirma:

[...] a compreensão da estreita relação que se estabelece entre a tríade léxico/sociedade/cultura requer que consideremos, por um lado, a língua em suas características concretas, de uso, no mundo; e, por outro lado, que observemos como os seus usuários se situam em e se relacionam com a sociedade da qual fazem parte (RAMOS, 2006, p. 26-27).

Além das mudanças que se observam no léxico de uma língua quando se faz uma análise diacrônica, observam-se também as variações lexicais quando se faz uma análise diatópica num momento sincrônico, em que se constata que a variação lexical é motivada por diversos fatores sociais. Um deles é a diferença cultural que se reflete diretamente no uso da língua, ainda que se trate de uma mesma língua falada por comunidades geograficamente distantes. De acordo com Humboldt (*apud* Mateus, 2006, p. 65), “as palavras são como ‘objetos reais’ e as relações gramaticais servem apenas como nexos”. Para esse autor, “as palavras representam ação do pensamento”, porque revelam o que está por trás da escolha de um determinado vocábulo. Soma-se a isso, a ideia de que as unidades lexicais são vistas como

acúmulo de todo o saber linguístico e cultural de um grupo, de modo que trazem informações extralinguísticas interiorizadas por uma comunidade linguística (ORSI, 2012, p. 168).

É nesse sentido que os dados deste trabalho apresentam as diferenças culturais entre duas comunidades falantes da língua portuguesa, Brasil e Guiné-Bissau, por meio de uso das unidades lexicais para a nomeação das entidades aparentemente “comuns”, mas com realidades, em que as nomeações são motivadas pelas práticas culturais de cada sociedade. Como afirma Antunes (2006, p. 24), “o léxico é visto como parte viva da língua”, faz parte do patrimônio social da comunidade, visto que enfoca os signos, dos quais se apropriam indivíduos de diferentes lugares, de diferentes épocas, para manifestar seus sentimentos e registrar suas histórias.

Para retratar melhor a realidade de uma língua em realidades culturais diferentes, toma-se como exemplos o fenômeno tabuístico, principalmente o tabu linguístico, assegurado por mitos atribuindo ao poder mágico de palavras. Esses mitos estão presentes em quase toda sociedade e se manifesta em diversas formas, como mostram os estudos nessa área.

2.3 ENTRE MITO E VERDADE: o poder da palavra

Em toda sociedade, há uma norma que determina o modo de estar e de viver dos indivíduos que nela se inserem. De um lado, essa norma regulamenta a relação dos indivíduos e, por outro lado, estabelece a relação desses indivíduos com as forças invisíveis do mundo da espiritualidade. Supõe-se que a relação entre os indivíduos e as entidades invisíveis vigora na sociedade porque aqueles acreditam que há seres superiores cujo poder extrapola a força humana.

A relação mítica dos indivíduos com as entidades invisíveis surge da necessidade que se tem de compreender os fenômenos da natureza, como a origem do próprio homem, as possíveis existência das forças da natureza, sobretudo os seres sobrenaturais. Em busca de uma explicação, os antigos povos gregos criaram o mito, as narrativas com simbologias representadas por personagens sobrenaturais, deuses, super-heróis etc., inspirados nas características humanas, mas com poderes superiores aos homens.

Um dos maiores exemplos de mito e talvez mais utilizado no cotidiano é o que diz respeito à origem da humanidade e à dúvida sobre a existência de seres invisíveis. Para origem da humanidade, tem-se várias versões das quais se destaca aquela sustentada pelo cristianismo, que, embora não tenha nenhuma comprovação científica, é a versão mais propagada devido à expansão do cristianismo. É no campo religioso que o mito se evidencia mais, pois tem-se o relato sobre a criação do mundo, na Bíblia Sagrada, por meio do poder da

palavra. Nesse livro, lê-se que tudo foi criado sob a força da palavra, ou seja, as palavras proferidas transformaram-se em algo concreto, como se pode ler:

(...) 3 **E disse Deus:** haja luz. E houve luz; 4 viu Deus que era boa a luz; e fez Deus a separação entre luz e trevas. 5 Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro. 6 **E disse Deus:** haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas. (GÊNESES, 1: 3-6) (grifo meu).

Observa-se que, segundo a narrativa, tudo começou com a linguagem, ou seja, com o ato de dizer, quando Deus todo poderoso usou a palavra para, por meio dela, criar todas as coisas. A narrativa bíblica mostra que, há muito tempo, existe a ideia de que a palavra ou o ato de proferi-la tem alguma espécie de poder mágico que invoca ou dá existência as coisas ou seres criados no imaginário dos indivíduos.

É interessante observar que essa ideia da existência das coisas passa necessariamente pela sua nomeação. Sapir (1969, p. 45) destaca que o ambiente físico em que vive o indivíduo revela, por meio do léxico de sua língua, seu conhecimento e suas limitações sobre coisas. Segundo o autor, só a existência de uma espécie não é suficiente para “fazer surgir um símbolo linguístico correspondente”; é necessário que essa espécie seja conhecida, e também que desperte algum interesse nos grupos de indivíduos que compõem a sociedade, para que possa reportar-se como elemento da sociedade. Nesse contexto, cabe ressaltar que nomear é criar, é dar vida às coisas, é dar identidade, pois só se pode falar da existência de algo quando esse algo é nomeado, porque as coisas são interpretadas por meio das palavras.

Se a história da criação do mundo foi contada na vertente da religião judaico-cristã, registrada no livro Sagrado dessa religião, a Bíblia, estabelecida como a verdade até um determinado momento histórico, essa mesma história ganhou outra versão em diversas sociedades de acordo com seu modo de interpretar o mundo. Em diferentes sociedades, os homens criam as entidades supremas a quem atribuem o controle da vida e das coisas no mundo invisível. Essas entidades permanecem no imaginário inconsciente dos homens, provocando medo e, muitas vezes, assumindo controle da vida humana.

Não muito distante do que narra a Bíblia sobre a criação do mundo, os Iorubas (povo que vive na região de África Ocidental, concretamente na República Popular da Nigéria), na sua civilização, creem que, no início, não havia o mar e nem a terra, tudo era “uma desolação pantanosa” (BIERLEIN, 2003, p. 64).

Como em quase todas as civilizações, crê-se que o mundo foi criado por um ser supremo, os Iorubas, por exemplo, atribuem a criação do mundo a *Oxalá* (Grande Deus), que o fez sob a ordem de *Olorum*, o maior entre todos os deuses. É importante salientar que, ao

contrário que prega o cristianismo, a crença de um único Deus, nas civilizações africanas, há vários deuses, e todos têm poderes específicos, bem como responsabilidades. Ainda de acordo com a crença dos povos africanos, todos os deuses estão subordinados ao deus maior, *Olorum*.

Bierlein (2003, p. 19) afirma que o mito “é a mais antiga forma de literatura, frequentemente uma literatura oral. O mito dizia aos povos antigos quem eles eram e qual era a maneira correta de viver. O mito era, e é ainda, a base de moralidade, dos governos e da identidade nacional”. Desde sua criação até os dias atuais, o mito continua sendo, em algumas culturas, um símbolo da orientação da vida humana, compartilhado por vários povos e herdado por diferentes gerações. Ainda de acordo com Bierlein, o efeito do mito continua presente nas sociedades de hoje e traz alguns benefícios. Nas palavras do autor:

v) O mito é um ingrediente essencial em todos os códigos de conduta normal. As regras para a vida sempre derivaram sua legitimidade das suas origens no mito e na religião; vi) o mito é um padrão da crença que dá significado à vida. O mito capacita indivíduos e sociedades a se adaptarem aos respectivos ambientes com dignidade e valor (BIERLEIN, 2003, p. 13).

Considerado, em certas culturas, um fenômeno que transcende a força humana, o mito tem desempenhado importante papel na preservação das coisas da natureza, visto que, por sua força, alguns lugares são considerados sagrados, conseqüentemente, temidos e assim interditados. A princípio, o mito ou o teor místico que ele provoca desencadeia o medo sobre determinadas coisas e, conseqüentemente, essas coisas se transformam em tabus; essa ideia, além disso, reforça a crença de que “a palavra falada tem poder”. A expressão retoma, dentre outras coisas, a passagem bíblica da criação, que demonstra, pelo menos na dimensão mística, o poder criacionista da palavra.

Na cultura popular, o mito sempre representa algo ocorrido no passado; mesmo não tendo comprovada sua veracidade, tem uma influência enorme na configuração da sociedade, sobretudo no âmbito religioso. Isquierdo (2008), ao falar da importância do mito e seu papel na sociedade, cita Eliade (1994), quando ele afirma que o mito:

É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fazem no tempo prestigioso dos “primórdios” (ELIADE, 1994, p. 11, *apud* RICHTER; ISQUERDO, 2008, p. 4).

Tomando como base as ideias apresentadas pelos autores e observando a realidade de algumas sociedades atuais, não se pode negar que o mito faz parte da natureza, pois é por meio dele que os indivíduos buscam solucionar alguns problemas que a ciência não consegue

resolver. A crença nas entidades invisíveis ainda vigora em muitas sociedades, principalmente nas africanas, em que a ligação com as forças sobrenaturais é uma necessidade para o bem-estar do indivíduo.

2.4 ENTRE MITO E TABU: o temor das coisas

Para discorrer sobre o fenômeno tabuístico, é necessário delimitar o campo de estudo e apresentar conceitos propostos pelos estudiosos que se debruçaram sobre o assunto de modo a permitir compreender melhor o fenômeno em causa.

Desse modo, toma-se como base o conceito de tabu apresentado por Guérios (1979, p. 01), para quem tabu “vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, **dizer** qualquer coisa sagrada ou temida” (grifo não-original). Segundo o autor, essa palavra tem, em sua origem, o significado de “sagrado-proibido” ou inverso “proibido-sagrado”. O autor sustenta ainda que existe tabu em toda ação humana, desde a proibição de pegar ou tocar um determinado objeto, matar, comer, ver e até dizer algo que possa causar desgraça à sociedade.

Ullmann (1965, p. 231), discorrendo sobre o conceito, reforça a ideia de que o tabu, no seu sentido amplo, é nada menos do que assinalar que uma coisa está proibida, ou seja, interdita. Para esse autor, esse fenômeno tem uma importância social, porque estabelece limite sobre pessoas, animais e coisas que fazem parte da natureza humana.

No seu estudo sobre este fenômeno, Benke (2012, p. 42), ao discorrer sobre o tabu, cita Freud (1969), que toma a ideia de Wundt (1906), quando este, na sua obra, afirma que o tabu pode ser considerado “o código de lei não escrito mais antigo do homem. É suposição geral que o tabu é mais antigo que os deuses e remonta a um período anterior à existência de qualquer espécie de religião” (*apud* BENKE, 2012, p. 42). Desse modo, tendo em vista que o tabu habita no imaginário e é um código de conduta dos indivíduos, ele é naturalmente compartilhado entre os membros que compõem essa sociedade, ou seja, todos os indivíduos partilham de uma norma que regulamente o comportamento na sociedade. É necessário completar que essa norma tem origem na capacidade humana de imaginar e de construir realidades.

Reforçando a ideia de que o tabu é tão antigo tanto quanto a humanidade, Benke (2012, p. 42) apresenta o conceito de tabu linguístico para Freud, que enfoca a temporalidade desse fenômeno na humanidade.

(...) são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem

estar relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação. Devem então ter persistido de geração para geração, talvez meramente como resultado da tradição transmitida através da autoridade parental e social (FREUD, 1969, p. 48, *apud* BENKE, 2012, p. 42).

Buscando entender esse conceito, o dicionarista Ferreira, no seu dicionário da língua portuguesa, numa das abonações, diz que o tabu é a “Proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social” (AURÉLIO ONLINE). Nesse sentido, é a sociedade que, baseada na tradição, determina o ato que deve ser considerado normal e o que deve ser interdito.

Baseado nos conceitos apresentados pelos autores, neste trabalho, entende-se por tabu a interdição/proibição ou a substituição de algo motivado por medo, sanção ou censura social (que pode ser velada ou não). Tais medos têm motivações psicológicas, sociais e espirituais. A título de exemplo, tem-se o tabu de alimento: comer carne de cachorro é inaceitável para a cultura brasileira, porém em algumas outras culturas, como a chinesa, essa é uma prática normal, mas que foi originada pela necessidade de alimentação, tendo em vista escassez da comida num determinado período histórico. Ainda com relação a esse mesmo tipo de tabu, sabe-se que os indianos não comem a carne bovina por entenderem que esse animal é sagrado na sua cultura, assim também como os muçulmanos e os judeus, que não comem a carne de porco. Por outro lado, católicos e praticantes de outras religiões tradicionais africanas se alimentam dessa carne, sem restrições.

Ao estudar esse fenômeno, Guérios (1979) tipificou o tabu e o dividiu em duas categorias: o *próprio* e o *impróprio*. O primeiro constitui-se como aquilo que não se deve fazer ou dizer, por temor às forças sobrenaturais cujo poder vai além do limite humano. Nesse sentido, alguns nomes ou certas palavras deixam de ser pronunciadas porque alguns falantes acreditam que essas palavras podem atrair desgraça por causa de seu poder mágico ou religioso.

O segundo – o *impróprio* – tem uma conotação social, faz referência à proibição de dizer algo por imoralidade, grosseria ou sentimentalismo, ou seja, interditar tudo o que refere diretamente a conteúdo desagradável, como palavrões. Nesse caso, pode-se observar, como exemplo, as expressões *porra*, *poxa*, *caralho*. Em certos contextos, essas expressões podem conotar a ideia de falta de educação, grosseria, estupidez.

Ullmann (1965, p. 231-234), no seu estudo sobre este fenômeno, estabelece três tipos básicos de tabu. O primeiro, por ele denominado *tabu de medo*, é condicionado, como sugere

o próprio nome, ao medo de pronunciar os nomes de algumas entidades por se acreditar nos poderes sobrenaturais; por esse motivo, os falantes criam outra forma para substituir a palavra tabu, como exemplifica a lexia *diabo* que é substituída por *capeta*, *peste*, *coisa ruim*, no português falado no Brasil.

O segundo é o *tabu de delicadeza*. Esse tipo de tabu faz alusão ao comportamento humano, em que qualquer assunto desagradável tende a ser evitado para não causar mal-estar. Nesse sentido, são proibidas, em função da moralidade, as palavras de baixo calão, consideradas grosseiras ou palavrões.

O terceiro e último tabu na tipologia estabelecida pelo autor, o *tabu de decência*, é nada menos do que aquilo que refere às partes do corpo, sobretudo ao sexo. É sabido que em algumas culturas, os nomes de certas partes de corpo humano não podem ser pronunciados sob pena de sofrer sanção, assim também, alguns assuntos relacionados com as atividades sexuais são sempre motivos de tabu, como é o caso da prostituição: usam-se as lexias *meretriz*, *fazendeira de programa*, *mulher de vida fácil* etc., para se referir à mulher que trabalha com sexo, ou seja, substituindo o termo canônico, *puta*, na língua portuguesa.

Cabe ressaltar que Guérios (1979) e Ullmann (1965) além de concordarem que a palavra tabu é da origem polinésia, introduzido por Cook na língua inglesa, passando por outras línguas europeias e não europeias, os autores também comungam da mesma ideia sobre o entendimento do tabu. Para eles, o tabu é a proibição de realizar alguma atividade ou coisa por motivos que podem ser condicionados ao medo, à repreensão espiritual das entidades invisíveis, ou a punição física estabelecida pela comunidade.

Desde a antiguidade, havia mais diversas formas de manifestação de tabu, tanto pelo atributo do poder às forças supremas quanto pela questão da moralidade assentada no modo de bom comportamento, que determina que o discurso de cada indivíduo deve ser controlado a fim de não extrapolar os limites e violar norma de conduta estabelecidos.

Sendo elemento meramente cultural, o tabu, como assinala Guérios (1979), não acontece só em uma sociedade, mas em diversas, tanto nas primitivas, quanto nas modernas, e pode se manifestar sob várias formas, como demonstram estudos acerca do fenômeno feitos no mundo afora. Por outro lado, é importante ressaltar, como adverte Guérios, que nem tudo que é tabu numa sociedade vai sê-lo em outra; o motivo para isso se evidencia nas formações sociais, culturais e ideológicas que compõem as diferentes sociedades.

Portanto, por estes e outros motivos, acredita-se que, em diversas sociedades, acontecem punições por desobediência às forças sobrenaturais, cujo sintoma se revela na dor física ou na perturbação espiritual. Os mitos cristalizados em algumas tradições contribuem

para a manutenção do tabu, sobretudo o de cunho sagrado-religioso. Por isso, para os cristãos conservadores, os vocábulos “diabo”, “demônio”, “satanás” são evitados, porque creem eles que esses vocábulos têm o poder de causar desgraça àqueles que os proferem, porque na mente humana, há sempre um vínculo entre nome e a coisa designada (BIDERMAN, 1998, p. 81).

É curioso perceber que o sentimento do medo provocado pelo tabu em diversas culturas se justifica pela penalidade física ou espiritual, o que Ullmann (1965) denomina *tabu de medo*, podendo provocar a morte. Em culturas como a guineense, há um respeito enorme pelas forças invisíveis, às quais se atribuem o poder de controlar todas as ações humanas. Em Guiné, não se pode fazer a comparação da altura ou tamanho de um jovem ou adolescente morto com quem ainda está vivo, pois, segundo a crença desse povo, a comparação pode desencadear a morte, portanto quem já morreu não pode mais servir de referência, salvo num contexto específico.

Ainda nessa mesma linha de pensamento, a associação entre coisa e o referente, retoma-se o que Guérios (1979) denomina *tabu improprio*, aquele referente ao conteúdo desagradável, principalmente no que concerne a algumas partes de corpo.

A esse respeito, toma-se como exemplo a palavra *bunda* que, na sociedade brasileira, não soa tão mal, ou seja, não tem uma carga semântica negativa tanto quanto na sociedade guineense, em que a pronúncia dessa palavra poder ser considerada uma aberração, ou seja, pode soar tão desagradável a ponto de motivar a punição para quem a profere³.

Por se referir a uma parte íntima do corpo humano, o vocábulo *bunda* é interdito em vários contextos da comunicação, tornando-se, assim, um item tabu. Nesse sentido, como o referente ainda continua existindo no cotidiano guineense, os falantes buscam outras formas para substituir aquela considerada tabu, recorrendo aos eufemismos *traseira*, *rabada*, *parte para se sentar*, *lasca traseira*, *rabo* etc.

Foucault (1996) aponta que, na sociedade europeia da Idade Média, não era permitido falar de qualquer coisa em qualquer circunstância; caso contrário, o procedimento seria de exclusão social. Desse modo, os indivíduos não tinham o direito de dizer tudo o que quisessem.

³ Um exemplo do desconforto que essa palavra causa pode ser observado na narrativa a seguir: em uma simples diversão, jogando a dama, um jogador fez uma jogada brilhante contra o adversário e, empolgado com a jogada, proferiu a seguinte frase: “da *bunda* de galinha saem duas coisas: fezes ou ovo” (isso para demonstra que o adversário não tinha para onde correr, sendo, portanto, a expressão guineense equivalente à expressão brasileira: se correr bicho pega, se ficar bicho come). Por ter ouvido a palavra *bunda* naquele contexto, o tio de um dos jogadores encerrou o jogo, expulsando imediatamente os dois jogadores, e advertiu que quem proferiu a palavra *bunda* não poderia mais jogar dama naquele espaço, alegando que ali não era lugar para proferir aquele tipo de palavra.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (...) (FOUCAULT, 1996, p. 9) (grifos originais).

Considerando as ideias de Foucault, pode-se entender que a história do tabu é muito antiga e continua presente nas sociedades atuais, manifestando-se sob diferentes maneiras. Para o autor, a interdição de uma palavra vincula-se estreitamente ao controle do poder vigente na sociedade. Ainda segundo ele, há outra forma de exclusão da palavra que se dá não mais pela interdição, característica típica do tabu, mas sim pela rejeição. Neste caso, trata-se da palavra do louco que, na Idade Média, é considerado como “aquele indivíduo cujo discurso não pode circular [na sociedade]” (FOUCAULT, 1996, p. 11), ou seja, o louco é desconsiderado no meio social, por não ser importante ou não ter verdade. Embora este tipo de rejeição da palavra (do discurso do louco) não se relacione diretamente com o *corpus* desta pesquisa, pode-se inferir que, também nesse discurso, há uma espécie de tabu linguístico que assenta no controle do discurso de louco, pois o louco pode proferir, sem que disto tenha consciência, palavras proibidas.

Ao discorrer sobre os tabus relacionados com nomes de espíritos malignos, Guérios (1979, p. 53) enfoca as várias estratégias que o falante usa para evitar o nome considerado maligno. Dentre elas destacam-se: as deformações (fônicas ou morfológicas); os metalexismos – que se subdividem em hipocorísticos (eufêmicos) e antifrásticos ou irônicos; os “disfemismos” e os qualificativos. Para exemplificar essas estratégias, o autor toma como referência o vocábulo diabo, e apresenta as formas *diá*, *diacho*, *diamo*, *dianho*, como casos de deformismos – fônicos ou morfológicos.

No caso dos metalexismos, os hipocorísticos eufêmicos fazem referência ao uso do diminutivo para denominar o elemento tabuizado que, em se tratando de espíritos malignos, como, por exemplo, o diabo, geram, na língua portuguesa, formas como *diabinho*, *diabilho*, *diabrete*, além de outras expressões comuns, como *pobre diabo*. Essa mesma estratégia é usada em outras línguas: no italiano – *diavoletto*, *demonietto*, *diavolaccio*, *diavolino*; no francês – *petit diable*, *petit démon*; no espanhol – *diablito*, *diablillo*, *diablejo*; no grego – *daimónion*. O disfemismo, por sua vez, definido por Guérios (1979, p. 14) como “uma expressão agravante”, embora aparentemente revele, ainda segundo o autor, uma “clara manifestação de coragem”, de fato, não implica coragem, mas sim uma demonstração de fraqueza, uma vez que o que deve ser temido é a palavra tabu e não seu substituto.

Nesse sentido e ainda tomando como exemplo a palavra diabo, Guérios cita os seguintes disfemismos: *bicho, bicho-ruim, cão-miúdo, chifrudo, coisa-ruim, maligno, traidor, pai-de-mentira, príncipe-do-pecado, anjo-das-trevas, bicho-negro, anjo rebelde, bicho-feio*, no âmbito da língua portuguesa. No universo das línguas eslavas, o autor enumera os seguintes disfemismos para diabo: *impuro, feio, maldito, imundo, mal, mau, ladrão, desagradável, espírito mau, fantasma, dor de barriga, dor de cabeça*.

A quarta estratégia enfocada por Guérios, o uso de qualificativos, corresponde às designações da qualidade ou da característica da coisa à qual se refere. Em se tratando do diabo, o autor dá como exemplo os vocábulos: *rabudo, coxo, canhoto*, dentre outros.

2.5 Da norma ao tabu linguístico

Assim como há normas que regulamentam o comportamento humano dentro de uma sociedade, no âmbito da linguagem, essa norma também se faz presente, determinando o uso da língua em cada contexto situacional. A esse respeito, Faraco (2008, p. 31) afirma que “o conceito de norma, nos estudos linguísticos, surgiu da necessidade de estipular um nível teórico capaz de captar, pelo menos em parte, a heterogeneidade construtiva da língua”, porque os estudos linguísticos revelam que “nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea”.

Richter e Isquerdo (2008), ao se debruçarem sobre esse conceito, afirmam que, a língua, como produto do uso social, é indissociável da sociedade na qual está inserida, pois, para seu funcionamento, oferece ao falante uma gama de possibilidades de realizações. Nesse sentido, cabe ao falante decidir sobre a escolha dentre as várias possibilidades disponíveis para o uso, porém respeitando sempre a ideologia adotada pela sociedade a que pertence. “A norma é o primeiro grau de abstração. Sendo a língua conjunto de possibilidades, a norma aparece como um dado número de realizações dela num dado momento e lugar” (BORBA, 2005, p. 49 *apud* RICHTER e ISQUERDO, 2008, p. 2).

Nessa perspectiva, considera-se a norma como uma entidade controladora do uso linguístico; é ela quem determina o que pode e o que não pode ser usado num determinado contexto, pois a sua ação é tida como uma espécie de “acordo virtual” entre os membros de uma sociedade, para determinar que tipos de linguagens são adequadas em determinadas circunstâncias, evitando o choque que pode vir do “mau uso”, principalmente quando se trata de palavras que têm conotação negativa.

O entendimento da língua sob este prisma – o reflexo da vida social – possibilita melhor compreender a noção de tabu linguístico proposta por Guérios (1979, p. 5) – “a

proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infidelidade ou desgraça” –, já que essa proibição é resultante da forma de conceber o mundo e de nele estar.

Cabe ressaltar ainda que, em cada sociedade, há determinadas regras que não podem ser infringidas e isso se reflete no uso da língua. Desse modo, é a sociedade que define o que deve ser dito (o que é moral) e o que não deve ser dito (o que é imoral ou o que pode causar desgraça coletiva), e o infringir dessas regras resulta em sanções contra aqueles que não as acatam.

Karlberg (2007, p. 01) reforça a ideia de tabu linguístico alegando que esse tipo de tabu “se refere à proibição ou inconveniência do uso de qualquer palavra ou expressão oral ou escrita”, principalmente aquelas que aludem à morte, à doença, ao demônio, ao sexo etc.

Ullmann (1987, p. 426) entende que o tabu não é só a proibição “sobre certas pessoas, animais e coisas, mas também sobre os seus nomes”, abrindo, assim, mais um caminho para as investigações acerca do fenômeno cultural tabuístico, no âmbito da língua. Ullmann (1987), ao focar o tabuísmo linguístico, também demonstra que o tabu se manifesta por meio de eufemismos, o que possibilita o abandono da palavra tabu em busca de um substituto inofensivo para preencher a lacuna.

É fato que o tabu é um dos responsáveis pelo desuso de algumas palavras que, em função de mudanças sociais, acabam sendo abandonadas. O fenômeno também abre a possibilidade de criação de novas palavras, ou mesmo a *reciclagem* daquelas que já existiam, atribuindo-as novas significações.

Como um fenômeno meramente cultural, a manifestação tabuística quase sempre é sustentada por mitos, que, por vezes, estão ligados a eventos religiosos, e esses mitos se infiltram na cultura popular por meio de uma relação de proximidade e da convivência. A interdição sobre coisas ou palavras parte de uma criação ideológica no imaginário humano, o que, ao longo de tempo, se transforma em “verdade”.

CAPÍTULO III

METODOS E TÉCNICAS

A pesquisa, de natureza geo-sociolinguística, se baseia nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия/Geolinguística, da Sociolinguística e da Lexicografia Histórico Variacional e se estrutura nos seguintes momentos:

- i) seleção bibliográfica (livros, teses, dissertações, artigos e outros meios de informações periódicas;
- ii) seleção do *corpus* do Brasil – Maranhão e Bahia – e de Guiné-Bissau. No Maranhão e na Bahia, o *corpus* foi delimitado com base nos inquéritos pertencente ao banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), um Projeto interinstitucional que tem como foco investigar a variação linguística do português falado em todo o território brasileiro. Para elaboração deste trabalho, foram consideradas as respostas obtidas por meio da aplicação do questionário semântico-lexical (QSL), a 48 informantes distribuídos igualmente entre o Maranhão e a Bahia. Em cada estado foram selecionados quatro municípios mais as capitais. Do QSL, foram selecionadas as seguintes questões: 121, *nome dado ao ciclo do período menstrual*; 135, *nome da pessoa que já morreu*, ambas do campo temático “ciclo de vida”; e 147, denominações para *diabo*, do campo temático “religião e crenças”. Em Guiné-Bissau⁴, foram considerados 24 informantes, todos oriundos de Bissau, capital do país. A eles foi aplicado, também, o QSL do ALiB, com foco nas mesmas questões selecionadas para pesquisa.
- iii) análise dos dados com base nas orientações teóricas que dão suporte a este estudo e na consulta feita em dicionários (gerais e etimológico da língua portuguesa). Os resultados foram apresentados por meio de quadros comentados, apresentando os contextos em que alguns itens foram utilizados; e
- iv) elaboração do glossário com as unidades lexicais coletadas. O glossário conta com uma legenda que, elaborada sob a perspectiva da Lexicologia, contém informações de natureza diatópica, diageracional e diassexual.

⁴ Por questão estratégica, decidiu-se por centralizar a pesquisa em Bissau, pois a capital é o lugar de maior concentração de diferentes grupos étnicos e, também, é lá que se encontra com frequência os falantes que dominam fluentemente a língua portuguesa.

3.1 Os informantes

Para composição da amostra desta pesquisa, no Brasil – Maranhão e Bahia –, consideram-se os informantes com o seguinte perfil, adotado pelo ALiB: sexo – homens e mulheres; idade – de 18 a 65 anos, considerando-se duas faixas etárias, faixa I, de 18 a 30 anos, e faixa II, de 50 a 65 anos; escolaridade – sujeitos com Ensino Fundamental⁵, e sujeitos com nível Superior completo, ou seja, universitário (este nível foi considerado apenas na capital); naturalidade – o informante deve ser natural da localidade e não deve passar mais de um terço da sua vida fora dessa localidade.

Por questões éticas e para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, o ALiB assim codifica seus informantes: aos homens são atribuídos números ímpares, e às mulheres, números pares; a faixa etária I é representada pelos números 1 e 2, para os informantes com Ensino Fundamental, e 5 e 6, para aqueles com Ensino Superior; a faixa etária II, por sua vez, é representada pelos números 3 e 4, para os informantes com Ensino Fundamental, e 7 e 8, para aqueles com curso universitário, como sintetiza o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Perfil dos informantes do ALiB

Região	Cód. de Informante	Gênero	Faixa etária	Escolaridade
INTERIOR	01	Masculino	Jovem (18 a 30)	Fundamental
	02	Feminino		
	03	Masculino	Idoso (50 a 65)	
	04	Feminino		
CAPITAL	01	Masculino	Jovem (18 a 30)	Fundamental
	02	Feminino	Idoso (50 a 65)	
	03	Masculino		
	04	Feminino		
	05	Masculino	Jovem (18 a 30)	Universitário
	06	Feminino	Idoso (50 a 65)	
	07	Masculino		
	08	Feminino		

Fonte: elaborado pelo autor, com base no modelo do ALiB

Com base neste perfil, contabilizou-se, por localidade brasileira, quatro informantes. Apenas nas capitais foram acrescentados mais quatro informantes. Isso se deve ao fato de nelas serem selecionado sujeitos com escolaridade de nível superior. Vale ressaltar que esse nível de escolaridade ainda não constitui, de fato, o perfil populacional de grande parte dos municípios do interior do País.

⁵ Para a composição de seu *corpus*, o ALiB seleciona sujeitos com dois níveis de escolarização: Ensino Fundamental, e os que cursam ou já cursaram universidade. Este último nível é levado em conta apenas em capitais do estado, onde o curso superior já faz parte da realidade de seus habitantes.

Assim, contemplam-se neste trabalho os dados referentes ao Brasil, com 48 informantes naturais ou residentes de 10 localidades que fazem parte da Rede de Ponto do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), 24 no Maranhão e 24 na Bahia. Ao todo, 32 informantes foram oriundos das localidades do interior e 16 das capitais, de acordo com a metodologia adotado pelo ALiB. Nos Quadros 2 e 3, apresenta-se a distribuição diatópica dos informantes, trazendo as variáveis sociais como: faixa etária, grau de escolaridade, sexo e também a religião declarada pelo informante, conforme registrada na Ficha do Informante do Projeto ALiB.

No Quadro 2, estão sintetizadas as informações dos sujeitos maranhenses.

Quadro 2 – Perfil dos informantes maranhenses

Municípios do Maranhão com Rede de Ponto do Atlas Linguístico de Brasil (ALiB)					
Nº pontos	Nº de Inf.	Faixa Etária	Sexo	Escolaridade	Religião
(026⁶) São Luís	026.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Evangélica
	026.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Evangélica
	026.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	026.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	026.5	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Universitário	Católica, não praticante
	026.6	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Universitário	Católica
	026.7	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Universitário	Católica
	026.8	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Universitário	Católica
(027) Brejo	027.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	027.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Não declarada ⁷
	027.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Evangélica
	027.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
(028) Bacabal	028.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Não declarada
	028.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	028.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	028.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
029 Imperatriz	029.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	029.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	029.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	029.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
(033) Alto Parnaíba	033.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	033.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	033.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	033.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica

Fonte: elaborado pelo autor, com base no modelo adotado pelo ALiB

⁶A numeração que antecede os nomes dos municípios faz parte da codificação usada pelo ALiB para identificar cada localidade pertencente a sua Rede de Ponto.

⁷Para os casos que configuram impossibilidade de identificar-se se o informante não quis declarar sua opção religiosa ou se o inquiridor deixou de averiguá-la, adotou-se a expressão “não declarada”.

O Quadro 3, por sua vez, sintetiza o perfil dos sujeitos baianos.

Quadro 3 – Perfil dos informantes baianos

Municípios da Bahia com Rede de Ponto do Atlas Linguístico de Brasil (ALiB)					
(086) Jacobina	086.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	086.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	086.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	086.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
(087) Barreiras	087.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	087.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Não declarada
	087.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	087.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
(088) Alagoinhas	088.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	088.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	088.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica, não praticante
	088.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Não declarada
(093) Salvador	093.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	093.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Não declarada
	093.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica, não praticante
	093.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Evangélica
	093.5	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Universitário	Não declarada
	093.6	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Universitário	Católica
	093.7	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Universitário	Sem religião
	093.8	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Universitário	Agnóstico ⁸
(099) Ihéus	099.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Evangélica, não praticante
	099.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Católica
	099.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Católica
	099.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Evangélica

Fonte: elaborado pelo autor, com base no modelo adotado pelo ALiB

⁸Embora não se considere o agnosticismo como uma religião, o informante, ao ser perguntado sobre sua religião, respondeu ser agnóstico.

Diferentemente das localidades brasileiras, Guiné-Bissau não faz parte da Rede de Ponto do Projeto ALiB; por isso, há necessidade de fazer uma adaptação inspirada no modelo adotado pelo ALiB, para tentar uniformizar da melhor forma possível, o perfil dos informantes inquiridos. Cabe ressaltar que os dados do país foram obtidos numa só localidade, a capital Bissau, para atender o que se propõe fazer neste trabalho, o uso da língua portuguesa atrelada à cultura, visto ser a capital o lugar onde se concentram os mais diversos grupos étnicos que compõem o País. Levando em consideração essa diversidade étnica e cultural do povo guineense, foram entrevistados os indivíduos pertencentes as seguintes grupos étnicos: balanta que representa 31,5% da população guineense; fula 21,3%, manjaco 14,0%, mandinga 13,6%, pepel 7,2%, mancanhe 3,3%, beafada 2,3% e bijagó 2,0%, segundo dados de Augel (2007, p. 33).

Assim, foram selecionados informantes com os seguintes níveis de escolaridade: sujeitos com nível fundamental, e sujeitos com nível universitário. Foram selecionados dois grupos de sujeitos com nível fundamental, com 16 informantes e um com nível universitário, contendo 8 informantes. Esse critério se deve ao fato de ter mais facilidade de encontrar o sujeito objeto da pesquisa com nível baixo da escolaridade do que grau universitário, visto que o curso superior ainda não é uma realidade comum nessa sociedade, ou seja, ter nível superior é um privilégio para poucos.

Utilizou-se as respostas de 24 informantes, sendo 12 da faixa etária I, igualmente distribuídos entre os dois sexos, e 12 da faixa etária II. O primeiro grupo da faixa etária I é formado por oito jovens, sendo quatro homens e quatro mulheres, com nível fundamental da escolaridade; o segundo, por sua vez, é composto por quatro jovens, também distribuídos igualmente entre os dois sexos, com nível universitário. Os 12 informantes da faixa etária II são também distribuídos em ambos os sexos, seis homens e seis mulheres. Dentro desse grupo, oito utentes cursaram até 6ª série do Ensino Fundamental e quatro deles têm Ensino Superior completo, como se pode ver no Quadro 4.

Quadro 4 – Perfil dos informantes guineenses

Localidade: Bissau, variáveis sociais dos informantes						
Localidade ⁹	Nº de Inf.	Faixa Etária	Sexo	Escolaridade	Grupo Étnico	Religião

⁹Para efeito de entendimento na análise dos dados, tendo em vista que em Bissau os dados foram coletados somente na capital, dividem-se os 24 informantes em 05 grupos de acordo com a ordem das entrevistas, codificou-se os quadros dos informantes do nível fundamental da escolaridade com algarismos 01, 02, 03, 04 e algarismo 05, para os informantes com nível universitário, como se pode ver nos quadros ilustrativos no capítulo IV deste trabalho.

(01) Bissau	01	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Mancanha	Católica
	02	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Balanta	Evangélica
	03	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Balanta	Sem religião
	04	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Bijagó	Católica
(02) Bissau	01	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Pepel	Evangélica
	02	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Manjaco	Católica
	03	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Mandinga	Muçulmana
	04	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Bijagó	Sem religião
(03) Bissau	01	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Mancanha	Católica
	02	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Fula	Católica
	03	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Balanta	Testemunha de Jeová
	04	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Pepel	Católica
(04) Bissau	01	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental	Balanta	Católica
	02	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental	Fula	Muçulmana
	03	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental	Beafada	Sem religião
	04	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental	Mandinga	Muçulmana
(05) Bissau	05	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Universitário	Mancanha	Católica
	06	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Universitário	Fula	Sem religião
	07	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Universitário	Pepel	Evangélica
	08	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Universitário	Manjaco	Sem religião
	05	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Universitário	Beafada	Muçulmana
	06	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Universitário	Mandinga	Não declarada
	07	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Universitário	Manjaco	Católica
	08	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Universitário	Fula	Não declarada

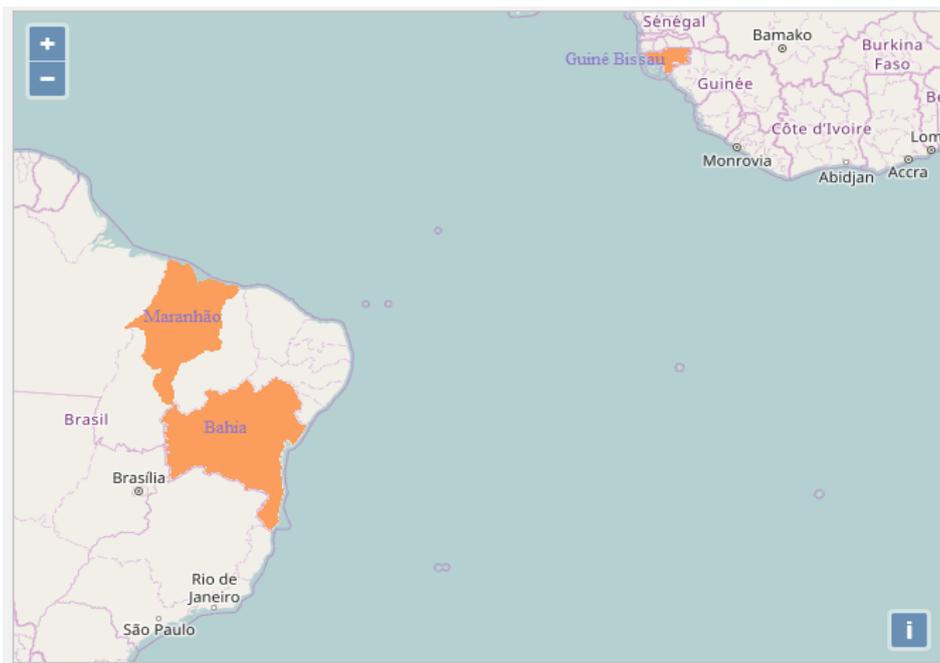
Fonte: elaborado pelo autor, com base no modelo adotado pelo ALiB

Como se pode observar, o Quadro 4 traz todas as informações sobre o perfil dos informantes importantes para averiguar seu comportamento linguístico. Nota-se que, embora as entrevistas tivessem sido feitas em uma só localidade, a capital Bissau, os informantes foram agrupados de acordo com a ordem cronológica da entrevista, como havia sido explicado na nota nove. Outro aspecto importante nesse quadro representando informantes guineenses é fator grupo étnico, pois como se pode perceber neste Quadro 4, cada sujeito pertence a um dos oito grupos étnicos selecionados, em que se tem balanta com quatro (4) informantes, fula quatro (4), mandinga três (3), pepel três (3), manjaco três (3), mancanha três (3), beafada dois (2) e bijagós dois (3), contemplando, ao todo, o total de 24 informantes inquiridos em Bissau. Interessante ressaltar que, embora tivesse número considerável dos informantes cujos grupos étnicos são tradicionalmente considerados muçulmanos pelas suas práticas religiosas, como por exemplo, fula, mandinga e beafada, nem todos se autodeclararam muçulmanos, aliás, para alguns desses informantes, essa não identificação religiosa se deve às suas mestiçagens, quando o pai pertence ao grupo étnico considerado muçulmano e a mãe, ao não muçulmano. Portanto, perante a situação como essa, muitas vezes, o filho se posiciona como neutro quanto à religiosidade.

3.2 Locus da pesquisa

No Brasil, foram selecionados o Maranhão e a Bahia, estados localizados no nordeste do País, que, por terem sido uma das rotas do tráfico negreiro vindo da África para América, caracterizam-se como os estados mais africanos do Brasil, que tiveram uma relação histórica com o continente africano, herdando, conseqüentemente, algumas práticas culturais deixadas pelos africanos trazidos como escravos pelos colonizadores europeus para trabalhar na edificação das cidades, na plantação de cana-de-açúcar, na lavoura e entre outras atividades. Esse fator histórico é um ponto determinante para o estabelecimento de um paralelo entre as realidades, a brasileira e a guineense, principalmente porque o interesse do trabalho é investigar a realidade linguística e cultural desses países, sem perder de vista o contexto histórico.

Figura 1 – Recorte do mapa mundi tendo como destaque os estados do Maranhão e Bahia (Brasil) e Guiné Bissau (África).



Fonte: Adptado do IBGE. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/3Q1>

É de suma importância destacar as diferenças entre essas duas sociedades, pois, no que tange aos avanços das sociedades modernidades, considera-se o Brasil uma sociedade mais evoluída em termo dos avanços tecnológicos, conseqüentemente mais liberal, distanciando-se um pouco dos mitos da tradição cultural, pautando-se mais no progresso da ciência e seus avanços, seguindo o modelo do padrão ocidental.

A sociedade guineense é constituída basicamente no modelo tradicional e ainda conservadora (cf. Apêndice A, p.136). Isso se revela no próprio modo de ver e estar no mundo de um guineense, que, ao chegar ao Brasil e se deparar com certas práticas que no seu país não são tão comuns e, às vezes, não permitidas por questão morais ou religiosas, acaba colidindo com a outra realidade sócio-histórica em que o guineense se encontra inserido.

Delimitando-se mais o *locus* da pesquisa, convém destacar que a escolha das localidades nos estados selecionados partiu do seguinte critério: como a proposta do trabalho é investigar o tabu linguístico no estado do Maranhão, decidiu-se selecionar um município de cada mesorregião, de modo que se pudesse contemplar a maior parte da rede de pontos linguísticos no território maranhense. É importante lembrar que o ALiB conta com nove municípios nessa rede no Estado. Desses nove municípios, foram selecionados cinco, representando cada uma das mesorregiões maranhenses: (026) São Luís – Norte, (027) Brejo – Leste, (028) Bacabal – Centro, (029) Imperatriz – Oeste e (033) Alto Parnaíba – Sul.

A escolha desses municípios se justifica, ainda, a partir da ideia de ampliar e aprofundar a pesquisa sobre o tabu, que já vinha sendo desenvolvida nessas localidades. (cf. FAFINA, 2014).

Do mesmo modo, no estado da Bahia, para contemplar boa parte do Estado, foram selecionados cinco municípios dentre as sete mesorregiões que fazem parte da rede de pontos do ALiB. Foram selecionados os seguintes municípios: (086) Jacobina – Centro Norte; (087) Barreiras – Extremo Oeste; (088) Alagoinhas – Nordeste Baiano; (093) Salvador – Metropolitana; e (099) Ilhéus – Sul.

Em síntese: escolher esses dois estados para investigar a presença do tabu não foi por acaso, visto que o fator histórico, o linguístico e o cultural são pontos comuns entre esses três grandes espaços geográficos pesquisados, Brasil – Maranhão e Bahia – e Guiné-Bissau – Bissau. Sabe-se que o Maranhão e a Bahia integram o conjunto de estados brasileiros que mais recebeu, proporcionalmente, escravos trazidos de diferentes regiões africanas, inclusive os capturados em Guiné-Bissau. Esses fatos podem ajudar a observar a questão ideológica no uso da língua, uma vez que alguns aspectos linguísticos e culturais se assemelham entre o povo guineense e o brasileiro, sobretudo a face afrodescendente do povo brasileiro. Para isso, pretende-se averiguar se o fator histórico-cultural evidencia-se no uso da língua desses informantes, que, embora compartilhem a “mesma língua”, encontram-se em espaços geográficos diferentes.

3.2.1. Informações sobre as localidades pesquisadas

- ✓ **São Luís** – capital do estado do Maranhão, o município faz parte da mesorregião Norte Maranhense e da microrregião da Aglomeração Urbana de São Luís. Segundo o censo do IBGE, em 2010, a estimativa da população, para 2016, seria de 1.082, 935 habitantes. Sua área territorial é 827,141 km², com uma densidade demográfica de 1.215,69 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é ludovicense.
- ✓ **Bacabal** – o município está localizado na mesorregião Centro Maranhense. Em 2016, o número da população está estimado, segundo IBGE, em 103.020 habitantes, com uma área territorial de 1.682,963 km². A densidade demográfica é de 59,43 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é bacabalense.
- ✓ **Imperatriz** – localizado na mesorregião Oeste Maranhense, é considerado o segundo município mais populoso do Estado. Tem uma população estimada, para 2016, segundo o IBGE, em 253.873 habitantes e possui uma área da unidade territorial de 1.368,987 km². Sua densidade demográfica é de 180,79 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é imperatrizense.
- ✓ **Brejo** – localizado na mesorregião Leste Maranhense, o município tem uma população estimada em 35. 799 habitantes, o município conta com uma área territorial de 1.074,628 km² e com a densidade demográfica de 31,04 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é brejense.
- ✓ **Alto Parnaíba** – este município está localizado na mesorregião Sul Maranhense, com uma população estimada, em 2016, em 10.979 habitantes, segundo IBGE. O município possui uma área territorial de 11.132,176 km², com uma densidade demográfica de 0,97 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é alto-parnaibano.
- ✓ **Salvador** – capital do estado da Bahia, está localizada na mesorregião Metropolitana e microrregião de Salvador, com a estimativa populacional em 2. 938, 020 habitantes, em 2016, segundo IBGE. Sua área territorial é de 692, 819 km², e possui uma densidade demográfica de 3. 859, 44 hab/km². O gentílico de quem nasce em Salvador é soteropolitano.
- ✓ **Barreiras** – situada na mesorregião do Extremo Oeste da Bahia, o município é cortado pelo Rio Grande, principal afluente da margem esquerda do Rio São Francisco. Tem uma população estimada em 155, 519 habitantes, para 2016, segundo

IBGE. Sua área compreende 7. 859, 225 km², com a densidade demográfica de 17,49 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é barreirense.

- ✓ **Jacobina** – localiza-se na mesorregião do Centro-Norte do Estado, o município conta com uma população estimada, em 2016, segundo IBGE, em 83. 435 habitantes e ocupa uma área compreendida em 2. 319,825 km². A densidade demográfica do município é de 33,6 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é jacobinense.
- ✓ **Alagoinhas** – localizado na mesorregião Nordeste da Bahia com uma população estimada, para 2016 em 155. 362 habitantes. De acordo com a projeção do IBGE, sua área é de 718,089 km², com a densidade demográfica de 188,67 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é alagoinhense.
- ✓ **Ilhéus** – localizado na mesorregião do Sul Baiano, possui uma extensão territorial de 1. 584,693 km², com uma população estimada, para 2016, em 178.210 habitantes, segundo IBGE. A densidade demográfica é de 104,67 hab/km O gentílico de quem nasce no município é ilheense.
- ✓ **Guiné-Bissau** – País localizado na costa ocidental da África, com uma superfície de 36.125 km² de território, que compreende a parte continental e a parte insular do continente. A última constitui os arquipélagos dos Bijagós. O país conta com um número populacional, em 2016, de 1.544.777 habitantes, segundo Instituto Nacional de Estatística¹⁰ (INE), o instituto guineense correspondente ao IBGE do Brasil. Sua população está distribuída em pouco mais de duas dezenas de grupos étnicos que falam línguas e têm crenças religiosas diversas. A maioria é animista, o que representa 50% da população; 40% é muçulmana e 10% cristã. É interessante observar que, em Guiné, embora a maioria da população pratique a religião muçulmana, nesta pesquisa, a maioria dos informantes declarou que sua religião é a cristã. Percebe-se que declarar-se pertencer a religião cristã, sobretudo católico, tem algum prestígio social, um prestígio que é moldado na tradição ocidental, implementado no país desde a ocupação colonial até dias atuais. Ser considerado cristão, na sociedade guineense, é sinônimo de pertencer à sociedade civilizada. Desse modo, tem-se observado, no país, que, mesmo os indivíduos que não frequentam igrejas, os não-praticantes do cristianismo, se declaram cristãos, para parecerem socialmente como indivíduos civilizados. Exemplo disso é que, no País, os guineenses que são mulçumanos consideram cristãos qualquer indivíduo que não

¹⁰ Cf. <http://www.stat-guinebissau.com>

seja mulçumano, mostrando um caráter dicotômico no aspecto religiosa do povo guineense.

- ✓ **A cidade de Bissau** – localizada no estuário do Rio Geba, na Costa Atlântica, é a maior cidade do País. Segundo informações do Instituto Nacional de Estatística do Ministério da Economia, do Plano e da Integração Regional de Guiné-Bissau, no último censo de 2009, a cidade apresentou uma população estimada em 387.909 habitantes, concentrados em uma área de 77,5 km², apresentando densidade demográfica de 4.187 hab/km². O gentílico de quem nasce em Bissau é *cidadino de Bissau* ou *bissauense*, sendo que esta última denominação é mais antiga e menos conhecida e usada. Na capital, estão concentradas mais de duas dezenas de línguas nativas do País, além de línguas faladas nos países vizinhos, como wolof, do Senegal, fulane e susu, da República da Guiné-Conacri, mandinga, de Gâmbia, além do francês e do inglês, línguas oficiais desses países.

3.3 Coleta de dados

Para realização da pesquisa de campo, o Projeto ALiB conta com os instrumentos descritos a seguir.

3.3.1. Ficha do Informante

Nessa ficha encontram-se registradas todas as informações socioeconômicas do sujeito da pesquisa: (i) dados pessoais, como nome, alcunha, idade, sexo, naturalidade, escolaridade, endereço, estado civil, profissão, local onde desenvolve suas atividades laborais; (ii) contatos com meios de comunicação e (iii) participação em atividade de lazer e as crenças religiosas que praticam. Além desses dados, a Ficha contém informações, resultantes da observação do inquiridor acerca do inquirido, com relação aos seguintes tópicos: características psicológicas, grau da espontaneidade da elocução, postura adotada durante o inquérito e grau de conhecimento entre informante e inquiridor.

Essas informações constituem outro mecanismo importante para investigar o comportamento do informante e as possíveis motivações de uso de um determinado item lexical.

3.3.2. Ficha da Localidade

Esta ficha contém informação sobre o ponto pesquisado, o que possibilita ao pesquisador ter um perfil da localidade. Assim, são levados em conta dados de natureza histórica, social e econômica, tais como: nome oficial, nome regional, número de habitantes,

atividade econômica predominante, infraestrutura, características demográficas e história sucinta da localidade.

3.3.3. Questionários do Projeto ALiB

O Projeto ALiB trabalha com três tipos de questionários: o primeiro abarca fenômenos de natureza fonético-fonológica (QFF), é constituído por 159 questões, incluindo as questões da prosódia, relativas à natureza das frases interrogativas, afirmativa e imperativas; o segundo investiga a área do léxico (QSL), é composto por 202 questões, distribuídas em 14 campos temáticos, que são: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos de vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana; e o terceiro enfoca fenômenos de natureza morfossintática (QMS), conta com 49 questões, distribuídas pelos seguintes assuntos: artigo, substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio. Ainda há 14 questões de pragmática; 4 questões que orientam a obtenção de discursos semi-dirigidos e que incluem relato pessoal, comentário, descrição e relato não-pessoal; e, por último, 6 perguntas metalinguísticas e um texto para leitura. Para realização deste trabalho, usa-se apenas o QSL, mais particularmente as questões 121, 135 e 147.

3.3.4. Audição e transcrição dos dados da pesquisa

Os dados relativos aos municípios brasileiros estão armazenados no banco de dados do Projeto ALiB. Para ter acesso a esses dados, solicitaram-se ao ALiB os áudios referentes a todas as localidades que compõem o *corpus* desta pesquisa, para que se pudesse transcrevê-los e depois analisar. A solicitação seguiu todos os protocolos formais que o Comitê do Projeto ALiB exige: solicitação por escrito e autorização para ter acesso aos dados solicitados.

Após o recebimento dos dados, começou-se o processo da transcrição grafemática de todo o conteúdo das questões selecionadas, de modo que se pudesse analisar melhor os itens lexicais alvos da pesquisa nos contextos em que foram usados.

É importante salientar que a transcrição foi realizada de modo a respeitar as variações fonéticas e morfossintáticas presentes na fala dos sujeitos da pesquisa. Por exemplo, foram registrados fatos como apagamento de consoantes finais, metáteses, apagamento ou

acréscimo de sílabas, monotongação, ditongação¹¹, problemas de concordância (nominal e verbal). Foram representadas ainda as hesitações *eh, ah, hum e risos*.

Em termos das respostas dos informantes, para as lacunas encontradas, também seguiu-se a orientação do ALiB, tendo-se optado, apenas, por desdobrar a sigla proposta pelo Comitê para cada uma das seguintes situações: 1) N.S - quando informante declara que não sabe responder a questão; 2) N.L - quando informante declara que não lembra ou não responde por alguns motivos externa; e 3) N.O - quando a resposta não é obtida devido a falha humana (o inquiridor *pulou* a pergunta e não voltou a fazê-la ou *queimou* a pergunta, isto é, utilizou na pergunta o item almejado na resposta), falha técnica (a resposta não foi gravada, ou a gravação está baixo, ou há um ruído que impede a audição).

A transcrição desse material exige uma atenção redobrada para que se possa escutar bem e transcrever fidedignamente a fala do informante. Para isso, foi necessário ouvir o áudio de cada informante várias vezes, para evitar equívocos no momento de registro, ou seja, ouvir uma coisa e transcrever outra.

É importante ressaltar que essa é uma das mais difíceis etapas para elaboração deste trabalho, pois, além de algumas gravações apresentarem problemas na qualidade de som (eco, barulho externos à gravação, interferência de outras vozes no momento da resposta etc.), alguns informantes não demonstraram muita espontaneidade, no momento da aplicação do questionário, principalmente quando o tópico da questão é por ele considerado tabu. Isso exigiu mais habilidade e persistência por parte do inquiridor no sentido de obter uma resposta clara.

Os dados de Guiné foram transcritos seguindo-se os mesmos procedimentos adotados para as localidades brasileiras.

3.4. A pesquisa em dicionários de língua

Foram selecionados três dicionários da língua portuguesa, sendo dois gerais e um etimológico, com intuito de averiguar, dentre os itens lexicais encontrados no *corpus* da pesquisa, quais estão registrados nesses dicionários. São eles: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001) e *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2011), ambos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2012, e dos mais usados para consulta geral, e o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua*

¹¹ Convém ressaltar que, dentre os fatos fônicos que devem ser representados grafematicamente, o ALiB não inclui a ditongação. A decisão de incluí-la é do autor deste trabalho, assim registraram-se forma como *satanás, satanais*.

portuguesa (1986), de Antônio Geraldo da Cunha, para melhor ajudar a compreender as motivações para o uso de alguns itens lexicais.

Para tornar mais rápida a verificação, nesses dicionários, do registro dos itens lexicais referentes às respostas dadas pelos informantes inquiridos, elaborou-se um quadro com todas as formas proferidas pelos informantes, pondo-se ao lado de cada forma o resultado da pesquisa nos dicionários, resultado esse expresso por meio dos seguintes símbolos: (=) *mesma acepção*; (+) *extensão de sentido*; (−) *outra acepção* e (Θ) *não registrado no dicionário*.

3.5. Propostas de análise dos dados

Todas as lexias coletadas como resposta as questões foram representadas nos quadros. Os quadros com dados coletados nos municípios brasileiros foram agrupados de seguinte forma: para cada capital foi elaborado um quadro; para os demais municípios, foi feito um agrupamento por mesorregião, sendo estas agrupadas de duas em duas, o que representa, por estado, um total de três quadros. Para o agrupamento das mesorregiões, levou-se em consideração a sequência da numeração da rede de pontos estabelecida pelo ALiB. Essa decisão implica na redução do número de quadros.

Para os dados de Guiné-Bissau, os quadros com as lexias colhidas foram divididos em dois conjuntos: o primeiro, formado por quatro quadros, com as lexias proferidas por informantes de nível médio da escolaridade, e o segundo, composto por único quadro, com as unidades lexicais dos informantes com nível superior completo.

Após todo o processo de transcrição, os itens lexicais foram lançados em uma tabela do pacote Office (Excel), para organização dos dados e produção dos gráficos. Vale ressaltar que nem todos os itens foram analisados, considerando que há itens que não se mostraram relevantes para o fenômeno tabuístico, objeto da análise.

Para a análise, foram consideradas também as informações contidas na Ficha do Informante, mencionadas no item 3.3.1 deste trabalho, e a audição das gravações a fim de apurar em que tom de voz as respostas foram dadas, e como as perguntas foram conduzidas.

Capítulo IV

ANÁLISE DOS DADOS

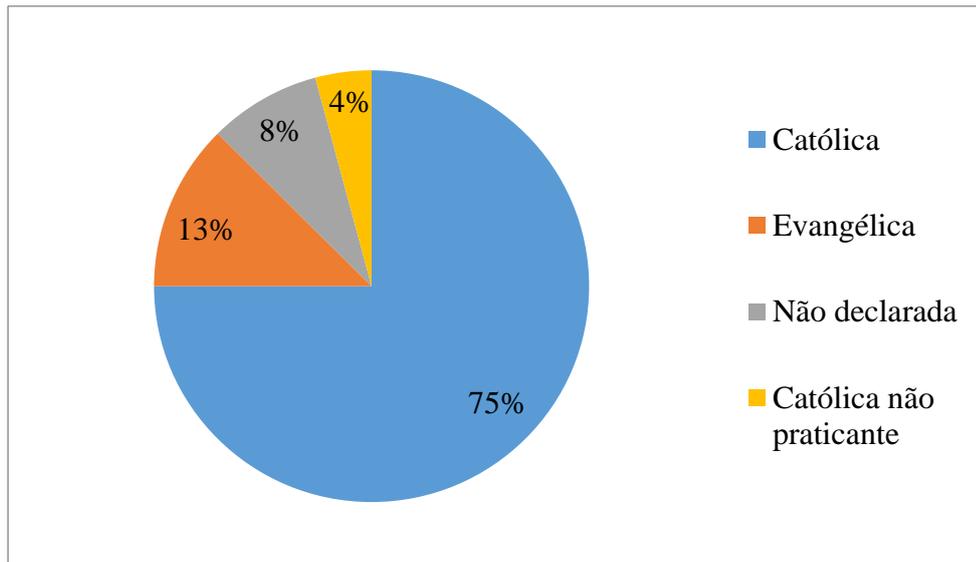
Por questões de clareza e de melhor visualização da análise e de seus resultados, optou-se por estruturar este capítulo em duas partes, considerando os campos temáticos enfocados. A primeira parte abarca o campo “religião e crenças”, e a segunda enfoca os “ciclos da vida”.

4.1 Campo temático “religião e crenças”

O campo temático “religião e crenças” está voltado a um conjunto de conceitos relacionados às questões mágicas e religiosas, envolvendo, assim, as entidades sobrenaturais. Os conceitos que fazem parte desse campo estão organizados tendo como ponto inicial o *diabo*, entidade de quem se atribui, na crença e superstição do imaginário popular, a origem do mal, o que lhe faz ser uma das figuras mais temida, conseqüentemente evitada.

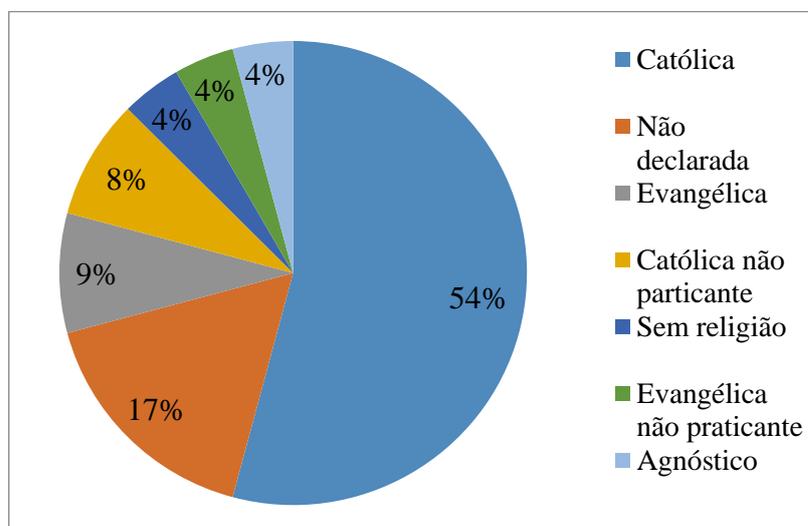
Esse campo temático é composto por oito conceitos que abarcam ideias ligadas à religiosidade e à superstição e a alguns comportamentos sociais, como *diabo*, *fantasma*, *feitiço*, *amuleto*, *benzedeira*, *curandeiro*, *medalha*, *presépio*. Selecionou-se, com isso, um dos conceitos – *diabo* – por estar fortemente ligada à ideia do mal.

Considerando o Quadro 2 (p. 39), elaborado com as informações acerca de crenças religiosas contidas na Ficha do Informante, observou-se que, no Maranhão, a religião cristã, sobretudo a vertente católica, predomina em todos os municípios. Dentre os 24 informantes selecionados em 5 municípios, 75% (18) se declararam seguidores do catolicismo; 13% (3) afirmaram ser evangélicos; 8% (2) não há informações sobre suas religiões; e 4% (1) se declarou católico, porém não praticante, como ilustra o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Religião declarada pelos informantes maranhenses

Fonte: elaborado pelo autor

Em se tratando da Bahia e de acordo com o Quadro 3 (p. 40), as informações referentes à religiosidade dão conta de que o catolicismo se configura como a opção religiosa de maior preferência entre os informantes das localidades pesquisadas. Dos 24 inquiridos, 54% (13) se declararam católicos; 9% (2) assumiram ser evangélicos; 8% (2) se assumem como católicos não praticantes; 4% (1) declararam ser evangélicos não praticantes; 4% (1) informaram que não praticam qualquer religião; 4% (1) não declararam sua religião, e sua atitude intelectual no terreno religioso, como sendo agnóstico; e 17% (4) não há informações sobre suas religiões, como ilustra o Gráfico 2.

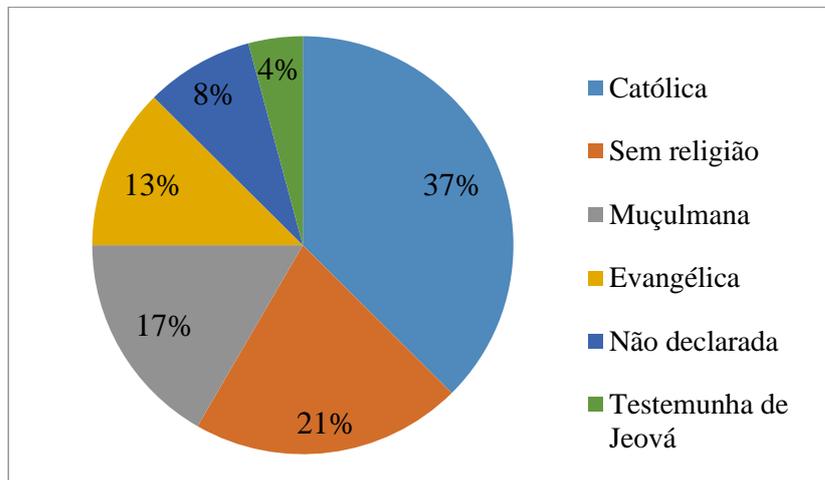
Gráfico 2 – Religião declarada pelos informantes baianos

Fonte: elaborado pelo autor

Em síntese, os dados das localidades brasileiras evidenciam que o cristianismo é a religião predominante, fazendo assim parte do cotidiano desses informantes, conseqüentemente, influencia também todas suas atividades, sobretudo no uso da linguagem.

Os dados sobre a religiosidade dos informantes guineenses (cf. Quadro 4, p. 41) revelam que o cristianismo, ainda que não seja a vertente religiosa predominante no país, configura-se, nesta pesquisa, a vertente religiosa com maior número de adeptos. Dos 24 sujeitos, 37% (9) declararam-se católicos; 17% (4) afirmaram seguidores muçulmanos; 13% (3) assumiram ser evangélicos; 4% (1) testemunha de Jeová; 21% (5) disseram que não praticam qualquer tipo de religião; e 8% (2) não quiseram declarar suas religiões, como evidencia o Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Religião declarada pelos informantes guineenses



Fonte: elaborado pelo autor

4.1.1. A figura do diabo no imaginário popular

De origem grega, adotada e introduzida pelo latim eclesiástica no campo religioso, sobretudo no cristianismo, a lexia *diabo* passou a fazer parte do vocabulário cotidiano em quase em toda sociedade, à medida que o cristianismo ganhava cada vez mais os espaços e adeptos.

As primeiras referências a essa entidade podem ser observadas no primeiro livro da Bíblia, ao relatar a primeira traição cometida por essa entidade quando usa da sua inteligência para enganar os primeiros seres humano criados por Deus, como se observa nessa passagem:

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?

2 Respondeu-lhe a mulher: Do fruto da árvore do jardim podemos comer, 3 mas o fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.

4 Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.

5 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores de bem e do mal (ALMEIDA, 2008, p. 5).

Os versículos acima revelam as ações feitas por este ser, contrariando a ordem dada por Deus sobre os homens que estavam no jardim de Édem. A doutrina cristã atribui esse momento como o início da queda do homem, ou seja, foi ali que o pecado começou devido à ação maldosa da serpente (diabo) sobre o homem, fazendo-lhe atrair a confiança do seu criador. Esse episódio conduz a inferir que a serpente mencionada no livro de Gênesis trata-se do “diabo” e ora satanás, essa interpretação foi feita com base nas características comuns que lhes são atribuídas. Pois todos eles têm o perfil comum, o de “mentiroso”, “enganador”, “traidor” ou mesmo oponentes a Deus.

O conceito sobre a figura de *diabo* é meramente cristão, pois para quem não tem ligação com essa doutrina religiosa ou não tem convivência com indivíduos seguidores dessa religião, provavelmente não tenha, no seu imaginário, essa figura como um ser tenebroso. Corroborando essa ideia, Costa (2016, p. 70) aponta que “arquétipo de grande inimigo de Deus e dos homens vem sendo construído e reforçado historicamente através de diversas crenças religiosas, mas, principalmente pelas de origem cristãs (...)”.

Segundo as interpretações baseadas no livro Sagrado adotado pelos seguidores do cristianismo, a Bíblia, o *diabo*, *demônio* ou *satanás* é o anjo caído em tentação por desobediência ao seu criador, como se pode ler na passagem bíblica do livro do Apocalipse (12:9). “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele”. Nesse trecho, o que se pode inferir é que, além do poder de manipular ou enganar os indivíduos, ele está cercado por vários anjos que o seguem, ou seja, ele conta com inúmeros seguidores que são oponentes à doutrina cristã.

Na Bíblia, o *diabo* é descrito como um ser extremamente maligno; essa descrição leva a uma idealização desse ser no imaginário daqueles que acreditam na sua existência, considerando-o inimigo de Deus e, conseqüentemente, dos homens, uma vez que nele são acumulados os poderes que pode utilizar para causar danos.

A história do diabo é narrada, na Bíblia Sagrada, como a de um anjo que tentava desafiar a Deus e que fracassou. Com a derrota, Lúcifer (seu nome original, segundo a

tradição religiosa, e que significa “estrela da manhã”¹² foi expulso do céu. Inconformado com a situação, o anjo iniciou uma disputa com Deus, pelo poder. Sobre a figura de Lúcifer, escreve Ezequiel na Bíblia:

(...) Assim diz o SENHOR Deus: visto que se eleva o teu coração, e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento, no coração dos mares, e não passas de homem e não és Deus, ainda que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus –
3 sim, és mais sábio que Daniel, não há segredo algum que se possa esconder de ti;
4 pela tua sabedoria e pelo teu entendimento, alcançaste o teu poder e adquiriste ouro e prata nos teus tesouros (Ezequiel, XXVIII, v 2,3,4).

Nesse capítulo do livro de Ezequiel, é possível observar que Lúcifer foi uma figura importante e que esteve ao lado do Criador, mas, por causa de sua soberba, tornou-se um anjo rebelde e malquisto.

Outro momento em que a figura do diabo é amaldiçoada, na tradição judaico-cristã, é quando, após a queda do homem no jardim do Éden, Deus lança uma maldição sobre as serpentes (animal que, na simbologia bíblica, é frequentemente relacionado à figura de Satanás):

14 Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida.
15 Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (GÊNESIS, III, v 14,15).

Após a sua derrota e a maldição no Éden, o diabo passou a figurar como a personificação do mal e se transformou em um ser temido pelo homem.

No entanto, segundo Guimarães (1950, p. 47), o “cristianismo afirma que o diabo existe. (...) nele tem o poder acumulado de todos os deuses, e de todos os prestígios na terra”. Nesse sentido, para a autora, o homem foi criado com base no medo do diabo e muitos de seus valores religiosos estão baseados nele (GUIMARÃES, 1950).

Por esse motivo, tendo reconhecida a sua existência e sendo temido pelo seu poder do mal, causador de toda desgraça, *diabo, demônio ou satanás*, configura-se na lista das entidades que são evitadas, ou seja, interditas, uma vez que não trazem benefícios aos homens. Vale ressaltar que a questão da interdição não se limita simplesmente à entidade

¹² O nome *Lúcifer* aparece apenas em algumas traduções da Bíblia em língua portuguesa. Em latim, vem de *Lux fero*, portador de luz; em hebraico, *heilel ben-shahar*, o que leva a luz, designando luz vinda da manhã, o planeta Vênus. Com relação a sua etimologia, é uma tradução latina da palavra hebraica *Heylel* “portador de luz” que aparece no livro de Isaías, no capítulo XIV, na Bíblia Sagrada.

considerada causador do mal, mas também há tabu relacionado com a figura de Deus¹³. Todavia, é sobre a figura do diabo que pesa todo tipo de julgamento por ter sido a ele atribuída a origem do mal. De acordo com Costa (2016, p. 74), o título da figura maligna foi instituído oficialmente ao diabo após o “triunfo do cristianismo sobre as crenças pagãs e sobre a religião folclorizada (...)”. É a partir desse momento, no entanto, que os denominados diabos começaram “a perder função de forças operadoras de magia” transformando-se inimigos de Deus, tendo como principal objetivo “seduzir as almas para arrancá-las de Deus e arrastá-las para o inferno (...)”.

Por ter sido uma figura temida, ao ser referida, sempre se busca alternativa utilizando a estratégia da substituição, em que a lexia tabuízada é substituída por outro sinônimo, como acontece com nome do *diabo* que, em muitas línguas e culturas, pode ser substituído por outras lexias ou ganha concorrência de outras variantes, contudo, é no cristianismo que a imagem de *Satanás* aparece com maior vigor, como se pode observar no depoimento de uma senhora religiosa, transcrito por Guimarães (1950, p. 48):

(...) E tinha tanto poder, tanto, que Deus quando queria sair, o deixava tomando conta de tudo. O nome dele era Luzbel, a luz bela do céu. Um dia, encabeçou uma revolta de anjos, para ficar como dono do paraíso. Quando Deus, que tinha saído, voltou e bateu, não quis abrir a porta. Abre, Luzbel! Luzbel nem conta fez. Então Deus usou de seu poder e entrou à frente de um exército de anjos fiéis. Botou o Coisa-ruim para fora (GUIMARÃES, 1950, p. 48).

Essa descrição feita pela senhora reflete a realidade da sociedade em que o cristianismo vigora, considerando o *diabo* como protagonista da revolta de anjos contra Deus e como o principal adversário dos homens.

Entre os seguidores dessa religião, evita-se, em certos casos, o nome do *diabo*, uma vez que este não traz nenhum benefício; ao contrário, pode causar desgraça àqueles que o proferem. Por essa razão, o falante busca outro item lexical para substituir aquele considerado impróprio ou perigoso. No caso de *diabo*, há várias outras lexias que se referem a ele, tais como: *cão*, *capeta*, *peste*, *anjo mau*, *satanás*.

¹³ Entre cristãos, árabes e judeus, há grande respeito e temor pelo nome de Deus. Lê-se em Deuteronômio, 5:11: “não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão”. Com relação a essa passagem, Ullmam (1987, p. 427) afirma que os judeus jamais podem referir-se diretamente ao nome de Deus; eles o substituem por outra palavra, *senhor*, que ainda está presente em inglês, “*The lord*”; em francês, “*Seigneur*”, e passa a ser adotada em várias outras línguas. A interdição sobre nome de Deus é mais pelo respeito para com essa entidade máxima do que temor à maldição que possa causar, porque nEle não há maldição.

Embora se reconheça que o conceito sobre o *diabo* foi criado por cristianismo, vale destacar que, em várias culturas esse conceito já se faz presente, e a sua imagem segue a corrente ideológica da sua interpretação original, a dos espíritos malignos.

A interpretação da figura diabo, por outro lado, depende da comunidade e de como os indivíduos lidam com os personagens mitológicas introduzidas pelas religiões, como por exemplo, no Ocidente, há religiões em que as figuras consideradas malélicas aparecem, trazem consigo a maldição, a exemplo das religiões indígenas, no politeísmo dos gregos e dos romanos, e em algumas religiões africanas ocidentais.

No Oriente, essa figura também se faz presente, personificada nos espíritos malignos *Amon* e *Set*, na cultura egípcia, e com *Lilith*, na cultura judaica, como se pode observar no trecho a seguir, uma referência aos poderes malignos da temida *Lilith*, nas comunidades judaicas medievais: “Há diversos amuletos que a exorcizam e rituais se sucedem para mantê-la afastada”. (FELDMAN, 2007, p. 8).

É interessante observar que as denominações para o *diabo* e suas variantes têm muito a ver com a crença do indivíduo. Nesse sentido, Aragão (2009, p. 27) afirma que as “crenças religiosas expressam a natureza das coisas sagradas e os ritos são as regras de conduta que prescrevem como um homem deve se comportar diante de objetos sagrados”. É justamente esse pressuposto que faz com que os ritos religiosos e suas filosofias definam o que é sagrado e o que deve ser evitado.

As interpretações feitas por informantes sujeitos da pesquisa por meio do uso dos itens lexicais para denominar *diabo* demonstram a concepção e a visão do mundo que eles têm dessa figura, mesmo por aqueles que não acreditam que esse ser sobrenatural tem o poder de causar mal, admitem ter, através de suas falas, a influência daqueles que nele acredita, demonstrando, de certa maneira, o temor a ele, pois buscam sempre uma estratégia para evitar proferir seu nome.

4.1.2 O diabo na boca de brasileiros e guineenses

A questão “Deus está no céu e no inferno está _____”, formulada para apurar a variação denominativa referente à entidade *diabo* não deixa dúvida quanto à sua objetividade, pois, em todas as localidades pesquisadas, os informantes demonstraram ter clareza quanto ao que estava sendo perguntado. Entretanto, as hesitações, os silêncios, o baixo tom de voz, os risos são manifestações cunhadas na visão de mundo, na posição ideológica e, sobretudo, na crença religiosa dos sujeitos, quando solicitados a nomear uma entidade sobrenatural com características malélicas, como se pode observar nos quadros que contém as respostas dadas a

essa questão. Por outro lado, a adaptação desse questionário para ser aplicado em um universo diferente do contexto cultural brasileiro¹⁴ fez revelar a visão de mundo dessa comunidade que também é diferente, sobretudo no seu modo de compreender e lidar com ideia desse ser sobrenatural. Em Guiné-Bissau, por exemplo, nem todos consideram essa entidade um ser totalmente maligno, embora tivesse sido a ele atribuído o poder de causar o mal, pois ele age de acordo com as circunstâncias e a forma como é tratado.

Nessa sociedade, há uma ligação muito forte dos indivíduos com o que é invisível, aquele que pertence ao mundo sobrenatural, porque, na concepção dos guineenses, como afirma Augel (2007, p. 92), “a vida social é regulamentada pela consulta à força sobrenatural que vai possibilitar o contato com o sagrado, vai proporcionar o acesso aos recursos da natureza, regular a disponibilidade da força do trabalho (...)”. Se as forças espirituais são consideradas instância superior e são acionadas em qualquer circunstância da vida, é evidente que elas não são interpretadas necessariamente como entidade maligna, embora se saiba que agem para punir quando lhes faltar o compromisso.

Em alguns contextos culturais, principalmente nas zonas rurais, não existe a concepção dicotômica entre seres sobrenaturais do bem e do mal; todos têm a mesma característica, pois mudam de personalidade conforme são tratados, agem por bem porque têm a ligação com os homens, também podem usar seus poderes para causar o mal.

As várias interpretações da figura do diabo no contexto cultural guineense estão presentes na fala dos informantes participantes desta pesquisa, que integram uma sociedade multiétnica e multicultural, em que cada grupo tem sua interpretação sobre esse ser. Suas crenças religiosas e a filosofia de vida são determinantes para melhor fazer uma leitura de como *enxergam* essa figura. Nesse espaço cultural, há uma dualidade entre indivíduos pertencentes às crenças religiosas ligadas à tradição e os que se filiam a religiões monoteístas, como se pode observar mais adiante, na análise dos dados.

Vale ressaltar que a corrente ideológica do cristianismo exerce uma grande influência nessa sociedade, e isso se observa no comportamento de sujeitos da pesquisa quanto às suas respostas. Mesmo aqueles que se declaram não cristãos ou não se filiam a alguma religião, acabam apresentando uma visão distorcida sobre a figura do diabo, tendo como suporte a influência dos adeptos da religião cristã, por conta da convivência ou da ação de evangelização.

¹⁴ No Brasil, vale destacar, diferentemente de Guiné-Bissau, manifesta-se de forma evidente uma visão de mundo pautada na dicotomia criada pelo cristianismo entre céu e terra, glória e inferno, bem e mal.

Essa ideologia perpassa em quase todas as culturas, fazendo crer que o diabo é causador de toda a desgraça da humanidade, sendo adversário daquele a quem se atribui o papel do criador, Deus.

Tendo como pano de fundo o conceito do *diabo*, busca-se, agora, examinar, por meio de análise detalhada dos dados de cada localidade, os itens lexicais usados para denominar esse conceito no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau. Começa-se pelos municípios maranhenses, cujas denominações para o diabo encontram-se reunidas em quadros.

Segue-se com a análise de dados da capital do Estado, representados no Quadro 5, a seguir.

QUADRO 5 – Respostas para a questão 147 do QSL, em São Luís

Informante	MESORREGIÃO
	NORTE MARANHENSE
	MICRORREGIÃO
	AGLOMERADO URBANA DE SÃO LUÍS
	Município
	SÃO LUÍS – (026)
01	Diabo, cão, capeta
02	Diabo, capeta, demônio
03	Diabo, cão (risos...)
04	Diabo, demônio (risos...)
05	Diabo, demônio, cão, capeta, coisa ruim, príncipe dos céus
06	Diabo, capeta, cão, anjo mau
07	Diabo, o cão, satanás
08	Cão, diabo, satanás, capeta, chifrudo

Fonte: elaborado pelo autor

Apresentar as denominações obtidas por meio de aplicação dos questionários nos municípios maranhenses permite observar de forma clara a intenção dos informantes quanto ao objetivo da questão. Para isso, é importante analisar atentamente as respostas dadas por cada informante e analisá-las cuidadosamente para que se possa compreender a visão do mundo desses informantes por meio do uso da língua.

Como se pode observar, no Quadro 5, onde são apresentados os dados referentes à capital do Estado, é possível notar que foi encontrada, na fala de todos os informantes, a lexia *diabo*, que é o alvo principal da questão 147. Por outro lado, vale destacar que, mesmo com uso desse item lexical na fala de todos os sujeitos inquiridos nessa localidade, não se pode descartar indícios do tabu linguístico referente a figura do diabo na fala de alguns informantes.

A manifestação do tabu pode ser tão discreta que é preciso muita atenção para percebê-la, pois um pedido de solicitação para reformular a questão já feita, as frequentes

pausas antes da resposta, respostas em tom de voz baixo, risos, tudo funciona como estratégias usadas pelo falante para fugir daquilo que não é lhe confortável.

No Quadro 5, observa-se que, apesar de o item *diabo* aparecer na resposta de todos os sujeitos inquiridos, os informantes 03 e 04, ambos da segunda faixa etária, embora tenham utilizado a lexia *diabo* e outras variantes, deixaram transparecer a manifestação tabuística, por meio dos risos após a resposta, o que, segundo Guérios (1979), é um mecanismo tabuístico.

Chama a atenção o informante 05 da primeira faixa etária que, na sua resposta, apresentou inúmeras formas para denominar a entidade, o que, nesse caso, pode-se tomar como hipótese o fato do informante ser jovem e ter o nível superior, o que supôs que além de ter contato com a modalidade oral da língua, pode ampliar seu repertório linguístico por meio da leitura, uma vez que tem mais contato com a escrita em relação àqueles do nível fundamental, aliás, o seu comentário já revela isso, quando diz: “tem outros nomes que não são tão comuns, *príncipe dos céus* todo mundo sabe que é o diabo”. Ele admite conhecer outras formas de denominação dessa entidade, mas ressalta que ainda são desconhecidas, ou seja, que ainda não fazem parte do léxico ativo de outros falantes.

Nesse mesmo contexto, percebe-se uma situação parecida com a do informante 05. Trata-se da informante 08, uma mulher da segunda faixa etária, cujo nível de escolaridade também é superior. Na sua fala, é interessante destacar que, das mais diversas formas apresentadas pela informante, se encontra o termo *chifrudo*, uma idealização da figura do diabo no imaginário popular e religioso, pois *chifrudo*, segundo os dicionários de Houaiss (2004) e Aulete (2011), é aquele que tem chifre, geralmente associado aos animais.

De acordo com Loureiro e Scaramussa (2002, p. 206), embora o diabo seja uma figura presente na Bíblia e associada à origem do mal, foi no século IX que ficou bem definido, tornando-se bem conhecido a partir do século XVI, com a seguinte aparência: “ser maligno, de asas, de chifres e rabos que habita as profundezas do inferno”. Essa descrição representa aquilo que se pensa sobre esse ser, pois mesmo não sendo uma entidade tangível, sempre é idealizado como uma figura medonha com chifres enormes.

Observando os dados de São Luís, não se pode afirmar que variável religião teve peso significativo na resposta dos informantes, visto que todos, nas suas respostas, usaram o vocábulo *diabo*, o mesmo vale também para os fatores sexo e faixa etária. Situação um pouco diferente quanto à variável escolaridade. Nesse nível, os informantes com curso superior são facilmente identificados por apresentarem as mais diversas formas para denominação desse ser sobrenatural, o que leva a inferir que este grupo, talvez, por ter tido o percurso acadêmico mais longo e ter contato com o mundo da escrita na sua forma mais ampla, dispôs de recursos

que o ajudaram a ampliar seu conhecimento do mundo e, conseqüentemente, ter o repertório linguístico ampliado.

Segue-se com a análise dos dados das mesorregiões Leste e Centro, representadas no Quadro 6, a seguir.

QUADRO 6 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Brejo e Bacabal

Informante	MESORREGIÃO	
	LESTE	CENTRO
	MICRORREGIÃO	
	Chapadinha Município	Médio Mearim Município
	Brejo – (027)	Bacabal – (028)
01	Diabo, o cão, demônio, judas	Diabo, satanás, demônio
02	Diabo, satanás	Diabo, cão
03	Satanás, diabo, cão	Diabo, cão
04	Ele, cão	Satanais, bicho, Lúcifer

Fonte: elaborado pelo autor

Em Brejo, se se fosse tomar como parâmetro a frequência da lexia diabo como determinador do tabu linguístico, poderia dizer-se que o tabu não se evidencia tão claramente, uma vez que foi possível observar que três dos quatro informantes utilizaram essa lexia e outras variantes; somente o informante 04 não a usou, optando pelo sinônimo *ele e cão*.

Mas os discursos dos informantes durante as respostas ajudam revelar o que está por trás de tudo. Surpreendentemente na fala do inquirido 03, aparece, dentre outras denominações, a palavra *judas*, como variante de diabo. Há uma aproximação no campo semântico entre essas duas lexias, pois no campo religioso, o diabo e judas têm um traço sêmico comum, a traição.

Com base em narrativa bíblica, Judas e diabo são entidades diferentes, porém com uma característica comum, ser traidor; portanto, nesse contexto, o informante usa a lexia *judas* como variante do diabo em função desse traço sêmico comum. Aláís, essa associação não veio por acaso, pois isso já estava registrada na Bíblia, no livro de João 6: 70 como se pode ler: “Não vos escolhi, Eu, aos doze? Todavia, um dentre vós é um diabo”. O relato de que há um diabo entre os discípulos escolhidos por Jesus (uma expressão metafórica), é de alertar que alguém há de se comportar como ele, o diabo, o mais conhecido traidor, um comportamento que lhe é identificado, ou seja, sua característica exclusiva. Na outra passagem, João 13:2 escreveu: “Durante o final da ceia, quando já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus (...)”, novamente, a passagem mostra que o diabo sempre está presente no lado do mal, essa oposição tem sido fundamentada pelos seguidores do cristianismo, descrito também na Bíblia que foi a traição da confiança que

motivou o seu afastamento do paraíso e de sua condição de anjo fiel e poderoso, em quem Deus depositava toda confiança, mas que infelizmente incentivou os primeiros seres humanos a comerem o fruto do mal, para que seus olhos se abrissem e descobrissem que estavam nus e, conseqüentemente, conheceriam o bem e o mal.

Interessante é observar que, pelo fato do nome judas representar, na Bíblia, um personagem considerado traidor, dificilmente se encontra uma pessoa com esse nome, ao contrário do que acontece com outros nomes bíblicos como Mateus, João, Pedro, Lucas, Filipe e tantos outros que se atribuem a crianças como forma de homenagear esses discípulos, como exemplo de caráter, por terem marcado a história da humanidade.

O nome judas é categoricamente interdito em várias culturas, isso vigora sobretudo nas sociedades cujas tradições são espelhadas nos modelos judaico-cristã, constituindo, assim, um tabu para com este nome, aliás, em certos contextos, só é proferido como uma ofensa contra quem se pretende constranger, usando aquela expressão popular que se diz: “você é um judas”, ou seja, atribuindo à pessoa o perfil de traidor, um mau caráter para sociedade.

O informante 03, na sua resposta, mostra claramente que reconhece a existência do diabo, ao estabelecer um paradoxo entre céu e inferno como se pode ler, no exemplo a seguir:

INF. – Deus no céu e o diabo no inferno, tem tanto nome que você nem pode imaginar que dão para esse tipo de coisa, mas só há um Deus (...).
(Informante 03, Brejo)

No seu discurso, o informante alega a existência de vários nomes para nomear “esse tipo de coisa”, uma forma de desqualificar essa entidade, finalizando a sua fala, com a afirmação: “mas só há um Deus”. A postura desse informante revela a sua crença religiosa, um cristão- evangélico, que enxerga o diabo como inimigo número um, e todos aqueles que com ele se aliam estão contra Deus, que diz ser “um só”.

Por seu turno, a senhora da segunda faixa etária, a informante 04, se limitou simplesmente a utilizar as formas *ele* e *cão*, interdito a lexia alvo da questão. Seu posicionamento demonstra o desconforto para com a entidade que se pretende que ela nomeie. Diante da tentativa da inquiridora de obter outras variantes, essa informante responde:

INF. - Sei lá, Deus está no céu e ele está no inferno.
(Informante 04, Brejo)

Além do ódio pela entidade, que deixa transparecer na forma como respondeu a questão, aparentemente agressiva, como o demonstra o áudio do inquirido, a informante usou o dêitico *ele* para se referir à entidade, confirmando, assim, o que diz Monteiro (1986, p. 17): “É também bastante comum que evitemos o nome de alguém a que odiamos, mediante o

emprego de pronomes (...). Esse desagrado pode ser justificado pela crença religiosa da informante, cristã-católica, uma corrente religiosa que não admite a figura do diabo.

No município de Bacabal, observa-se um caso semelhante ao do Brejo, em que, dentre os quatro informantes, apenas um não fez referência ao nome *diabo*. Coincidentemente é uma senhora também da segunda faixa etária, que optou por usar outras variantes para substituir o elemento tabu, das quais duas estão na Bíblia como sinônimo de *diabo*, *satanás* e *lúcifer*. Esse último nome, que talvez seja o mais conhecido por seguidores do cristianismo, é frequentemente relacionado com a figura do diabo ou *satanás*, embora não haja uma sustentação bíblica para tal, visto que essa palavra aparece poucas vezes na Bíblia, sem referir claramente ao diabo, como em: Jó 11:17, referindo-se ao amanhecer; Jó 38:32, em referência às estrelas; em Salmo 110:3, em alusão ao amanhecer; em 2 Pedro 1:19, aludindo a Jesus; Isaías 14:12, referindo-se ao rei da Babilônia e, por fim, em Apocalipse 2: 28, referindo-se à estrela da manhã (BÍBLIA SAGRADA, 2004).

É no conhecimento popular que o nome Lúcifer passa definitivamente a ser associado ao diabo, pois tudo se deve a uma possível interpretação talvez “equivocada” de uma das passagens bíblicas, quando o diabo ou *satanás* era um dos anjos que estava no paraíso, usufruindo de todos os prestígios e que, repentinamente, se revoltou. Lúcifer que era o anjo da luz foi considerado protagonista da revolta; a partir desse momento, começou-se a associar o Lúcifer ao diabo.

É importante destacar que o tabu não se manifesta apenas por meio da não menção do elemento tabu, porque este se manifesta nos pequenos detalhes, por meio dos comportamentos citados anteriormente. As estratégias para fugir do elemento tabu foram flagradas no comportamento dos informantes. Um exemplo claro disso se observa na fala da informante 02 que, ao responder a questão usando *diabo* e *cão*, deu risadas como forma de disfarçar ou atenuar o que considera desconfortável.

O mesmo comportamento é flagrado no comentário do informante 03, um homem da segunda faixa etária, que, após ter respondido a questão usando as formas *diabo* e *cão*, termina dizendo: “é o nome muito pesado, né!”. Esse peso corresponde à idealização desse ser como um espírito do mal, um ser tenebroso com o poder de causar a destruição.

Quanto aos fatores condicionadores, pode-se afirmar que a variável faixa etária foi determinante para a manifestação tabuística, tanto em Brejo quanto em Bacabal. Nessas localidades, somente as informantes 04 interditaram o vocábulo *diabo*. Uma possível hipótese para essa interdição seria o fato de as informantes serem da segunda faixa etária e do sexo feminino, grupo mais conservador, conforme assegura Aragão (2009, p 36), ao declarar que

“pessoas mais jovens tendem a tabuizar menos que pessoas com mais idade”. Também não se pode descartar a contribuição da crença religiosa dessas informantes, visto que ambas declaram ser religiosas praticantes, o que pode ter influência direta na interdição do item.

Segue-se com a análise dos dados das mesorregiões Oeste e Sul, representadas no Quadro 7, a seguir.

QUADRO 7 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Imperatriz e Alto Parnaíba

Informante	MESORREGIÃO	
	OESTE	SUL
	MICRORREGIÃO	
	IMPERATRIZ	GERAIS DE BALSAS
	Município	Município
	Imperatriz – (029)	Alto Parnaíba – (033)
01	Capeta, diabo, bicho ruim, satanás	Diabo, satanás, demônio
02	Diabo, demônio	Diabo, cão
03	Não obtida	Diabo, cão
04	Demônio, diabo, inimigo	Satanás, bicho, Lúcifer

Fonte: elaborado pelo autor

Em Imperatriz, com exceção do informante 03, cuja resposta não foi obtida devido à falha técnica no aparelho, todos os inquiridos utilizaram a lexias *diabo* e suas variantes. É na fala do informante 01, um jovem da primeira faixa etária, que se registra maior quantidade de variantes para denominar o diabo. Ao responder a pergunta, o jovem baixa o tom de voz e parece ter presa para encerrar essa questão, ao usar a expressão “taca pra frente” como se destaca na sua fala:

INF: - Capeta, diabo, chama de bicho ruim, satanás e *taca pra frente*.
(Informante 01, Imperatriz)

A informante 04, uma senhora da segunda faixa, usou, dentre outros vocábulos, a forma *inimigo*, um item muito comum na fala de indivíduos seguidores da doutrina cristã, quando fazem referência ao diabo, sem necessariamente pronunciar o seu nome, pois, segundo sua concepção, o diabo é considerado o maior inimigo de toda a criatura, por ter traído a confiança que lhe havia sido depositada, quando decidiu se opor ao Criador.

A dicotomia criada no mundo religioso, principalmente nas religiões ocidentais, estabelecendo a oposição entre bem e mal, céu e inferno, colocando as duas entidades nos dois extremos do polo, de um lado, Deus, do outro, o diabo, fez com que todo mundo se situasse, na ideologia cristã, em um dos extremos, pois quem não está ao lado de Deus, automaticamente está ao lado do diabo, conseqüentemente, sendo também opositor do Criador.

No município de Alto Parnaíba, embora o informante 01 tivesse proferido a lexia *diabo* para responder a questão, percebe-se, pela escuta dos dados sonoros, que esse informante não se sentiu à vontade ao usar a lexia, porque sua resposta começa com um longo silêncio. Segundo Guérios (1979), a pausa é uma das estratégias para a demonstração do tabu.

Os informantes 02 e 03, ao responderem a questão, simplesmente utilizaram as mais diversas formas, ou seja, outras variantes, *cão*, *satanás*, *demônio sujo*, como se pode observar no Quadro 7. Neste caso, a hipótese leva a crer que o fator religioso foi determinante na manifestação do tabu, visto que ambos, conforme as informações fornecidas na Ficha do Informante, declaram ser praticantes da religião cristã, religião essa cujos seguidores idealizam o diabo como ser maligno, portanto seu nome deve ser evitado.

A informante 04, por seu turno, utilizou a lexia alvo da resposta, mas como a segunda opção. Ao ser questionada, usou como a primeira resposta a lexia *cão*; em seguida, após ter sido perguntado se conhecia outra forma para denominar essa entidade, ela proferiu a lexia *diabo*. A sua resposta revela uma clara manifestação do tabu, pois, ao responder à pergunta, diz:

INF -: os cão, chama cão, chama diabo, inferno, não gosto nem disso.
(Informante 04, Alto Parnaíba)

É interessante observar que essa informante utilizou o verbo chamar na terceira pessoa de singular “chama”, demonstrando assim, no seu discurso, um distanciamento para com a entidade: é alguém que chama esses nomes e não necessariamente ela, aliás, ela própria declarou que não gosta da entidade.

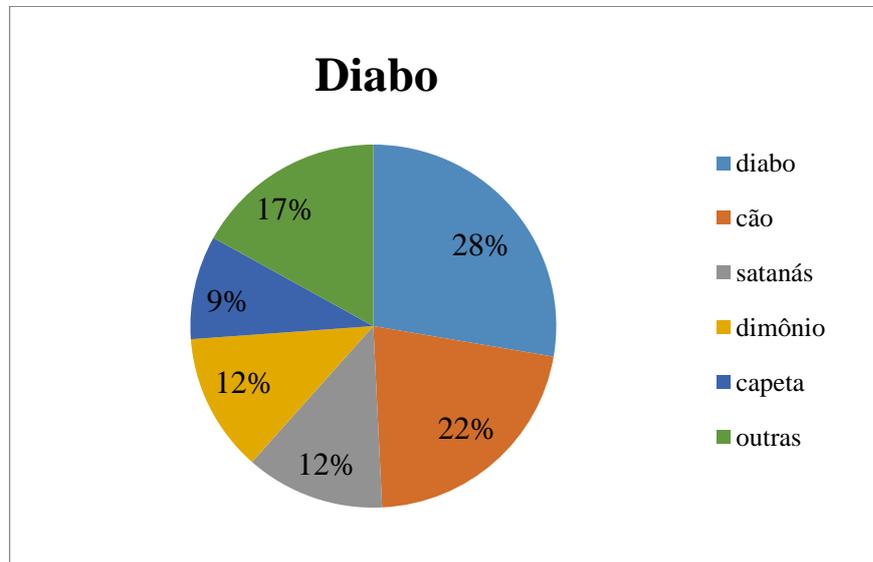
Vale destacar que o fator religioso foi determinante para a manifestação do tabu, embora não houvesse absoluta interdição da lexia *diabo* na fala de todos os informantes de Imperatriz e Alto Parnaíba; seus posicionamentos diante da questão, mesmo entre aqueles que proferiram essa lexia, caso dos informantes 01 e 04, revelam suas posturas ideológicas e como *enxergam* esse ser.

Diferentemente do fator religioso, com relação ao fator sexo, não há uma evidência clara de diferença em termos da manifestação do tabu entre homens e mulheres, pois, entre ambos, há certo equilíbrio quanto ao uso da lexia *diabo*. Isso se aplica também ao fator faixa etária.

Para uma melhor visualização da distribuição das lexias usadas para referir ao conceito de diabo, nos municípios maranhenses, apresenta-se, a seguir, o Gráfico 4. Para

produção do gráfico, foram selecionados, para as localidades maranhenses, os cinco itens com maior número de ocorrências, outros itens foram agrupados sob o rótulo de *outras*.

Gráfico 4 – Percentual de ocorrências nos municípios do Maranhão



Fonte: elaborado pelo autor

A análise estatística apresentada no gráfico mostra que a lexia *diabo* é predominantemente mais usada, com índice de ocorrência de 28% (18), seguida por *cão* 22% (14), *satanás/satanais* 12% (8), *demônio* 12% (8), *capeta* 9% (6) e *outras* formas de denominação somam 17% (11). É interessante observar como o item *cão* vem ganhando força diante das variantes *satanás* e *demônio*, formas tradicionalmente conhecidas como sinônimos de *diabo*.

Com relação ao estado da Bahia, como mostram os Quadros 9,10 e 11, há também uma significativa variação denominativa para o conceito de diabo, que reflete uma certa similaridade entre esses dois espaços geográficos.

Inicia-se a análise dos dados da Bahia pela mesorregião Metropolitana de Salvador, onde se situa a capital do Estado, cujos dados estão sintetizados no Quadro 8, a seguir.

QUADRO 8 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Salvador

Informantes	MESORREGIÃO
	METROPOLITANA DE SALVADOR
	MICRORREGIÃO
	SALVADOR
	Município
	SALVADOR – (093)
01	(risos...) cão, satanás
02	Diabo, satanás
03	Diabo, demônio
04	Diabo, demônio

05	Diabo, satanás, capeta (risos...)
06	Coisa ruim, o demo (risos...)
07	Diabo, satanás
08	Diabo

Fonte: elaborado pelo autor

A lexia *diabo* foi predominantemente utilizada na fala dos utentes da pesquisa dessa localidade, só não tendo sido registrada na fala de dois informantes: um jovem, cujo nível de escolaridade é fundamental, e outro do nível superior completo.

Os indícios tabuísticos são percebidos nos discursos dos informantes e em sua postura perante a questão. Os informantes 01 e 06, ambos jovens, optaram pelos vocábulos *cão*, *satanás*, *coisa ruim* e *demo*, que, neste contexto, podem ser considerados eufêmicos, evidenciando, assim, manifestação tabuística. Além disso, foram observados risos, antes e após a resposta. Dessas formas, *demo* constitui um claro exemplo de deformação fônica, ratificando a ideia de Guérios (1979).

Uma hipótese para a interdição da lexia *diabo* na fala desses informantes talvez seja a questão religiosa, pois, de acordo com as informações registradas na Ficha do Informante, ambos declararam-se pertencentes à religião cristã-católica. Vale destacar que, segundo Oliveira (2016), o processo histórico que motivou a criação ou idealização da figura do diabo encontra seus fundamentos no cristianismo.

Chama a atenção o discurso do informante 07, que não se inclui no conjunto dos que conhecem a entidade e a denominam:

INF: - Dizem que é o diabo, mas eu não sei não (risos...)
 INQ: Você não tem muita certeza, né (risos...)?
 INF: - Não (risos...)
 (Informantes 07, Salvador)

A fala desse informante deixa claro seu posicionamento quanto à entidade nomeada, embora não se possa atribuir isso ao fator religioso, uma vez que declarou não ser seguidor de nenhuma religião, seu posicionamento pode ter sido motivado pela influência dos indivíduos cujas religiões consideram o diabo um ser maligno. Portanto, supõe-se que, pelo fato de declarar-se não praticante de nenhuma religião, seu discurso mostra-se neutro, o que se evidencia no uso do verbo em terceira pessoa de plural, sem a presença de um elemento que possa ocupar a posição sintática destinada ao sujeito, estratégia utilizada na língua portuguesa para indeterminar o sujeito, neste caso, o sujeito do *dizer*. Essa estratégia é reforçada pela ideia de contrajunção presente na segunda oração que compõe sua fala: INF: - “Dizem que é o diabo, *mas eu não sei não* (risos...)”.

Em Salvador, o fator religioso não se evidenciou claramente no que diz respeito à interdição da lexia *diabo*, apesar de quatro, dentre oito utentes da pesquisa, declararem-se cristãos. Entre os que declararam sua orientação religiosa, apenas os informantes 01 e 06, ambos católicos praticantes, não mencionaram a forma *diabo*, diferentemente da informante 04, que usou os vocábulos *diabo* e *demônio*, porém com longa pausa, como o demonstra a escuta dos dados sonoros. A informante se declarou evangélica (da igreja Batista), uma das correntes mais conservadora do cristianismo.

Os fatores sexo e escolaridade não foram determinantes no que diz respeito à interdição do uso da lexia *diabo*, por parte dos sujeitos da pesquisa, tendo em vista que essa interdição foi observada tanto na fala do informante do sexo masculino quanto na do sexo feminino, e também entre os jovens 01 e 06, que pertencem a grupos de sujeitos com nível de escolaridade diferente.

Já o fator faixa etária mostrou-se diferente nessa localidade: os sujeitos mais idosos tendem a interditar mais o item considerado tabu do que os mais jovens.

Segue-se com a análise dos dados das mesorregiões Centro-Norte e Extremo Oeste, representadas no Quadro 9, a seguir.

QUADRO 9 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Jacobina e Barreiras

Informantes	MESORREGIÃO	
	CENTRO-NORTE	EXTREMO OESTE
	MICRORREGIÃO	
	JACOBINA	BARREIRAS
	Município	Município
	Jacobina – (086)	Barreiras – (087)
01	Diabo (risos...)	Diabo, satanás
02	Diabo, o cão (risos...)	Cão, diabo, satanás (risos)
03	Diabo (risos...)	Cão, Lúcifer, coisa ruim
04	(Risos...) o cão, satanás	Demônio, diabo, satanás (risos...)

Fonte: elaborado pelo autor

Em Jacobina, não muito diferente das situações dos outros municípios, o vocábulo *diabo* foi documentado na resposta de três dos quatro informantes inquiridos, sendo a informante 04 a única a não proferir esse item, optando por utilizar os eufemismos *cão* e *satanás*.

É interessante observar a postura adotada pelo informante 03, no trecho transcrito a seguir.

INF: - (...) é o diabo, dizendo o povo.
(Informante 03, Jacobina)

Como se pode constatar, este informante, a exemplo do que fez o informante 07 de Salvador, também atribuiu a responsabilidade da denominação *diabo* ao(s) outro(s), eximindo-se de empregá-la: é o *povo*, segundo o informante 03, que *diz esse nome*. Assim, ao lançar mão dessa estratégia de indeterminação do sujeito, o informante 03 deixa claro que não faz parte do grupo que usa essa forma; ele, simplesmente, reproduz o que o povo fala.

Assim como em Jacobina, onde três dos quatro informantes utilizaram o nome *diabo* em suas respostas, e, em Barreiras, constata-se que, dos quatro sujeitos inquiridos, apenas um interditou o item diabo na sua fala, que foi um informante idoso, católico, aparentemente conservador, supondo-se a partir da observação e análise do inquérito do informante, no qual, por diversas vezes, interditou a palavra diabo, usando apenas os itens eufêmicos *cão*, *coisa ruim* e *lúcifer*. O discurso desse informante revela, claramente, que a interdição foi motivada pela crença religiosa declarada, como se pode ler nesse trecho da transcrição do seu inquérito:

INF: - Bom, no inferno, deve tá as coisas errada, aí deve tá... surge uma coisa errada, de uma estrada que deve ser muito perigosa, torta. O certo, é certo que Deus tá lá, e, aliás, Deus é dono de toda a coisa, porque é Ele quem manda em tudo, né, mas oh... uma coisa errada deve ter lá.

INQ: - Deus está tomando conta de céu, e do lado errado é?

INF: - Do lado errado tá coisa errada, sujo. Esse é do espírito errado.

INQ: - Como é que a gente chama que nome se dá isso?

INF: - O nome assim de proprietário do inferno mesmo, é?

INQ: - É (risos...).

INF: - Assim que ele for o dono lá mesmo ou um bando, ou tem um bando, ou você acha assim que pode chamar que tem um... um bando lá dentro, o quê assim?

INQ: - Não dá não, é o dono lá do inferno?

INF: - É ruim dizer, mas lá do lado do inferno tá o **cão** (risos...), mas ele disse que ainda tinha conceito, mas disse que nunca pode porque o homem lá ainda tá teimano disse que quer ser o dono da coisa lá...

INQ: - Agora o povo chama de cão e você chama (inint)?

INF: - Mas é, tem até um nome do anjo que foi causando coisa né, Deus deu um nome, deu um nome de luz, **Lúcifer**, que foi um anjo todo, todo anjo obedecia a Deus, e ele achou que já tava fazendo coisa lá, porque Deus deu a ideia de fazer uma coisa, mas ele podia pensar assim, eu faço através do homem que tá, eu não posso está contra ele agora, não disse que ele tomou (inint) de fazer e aconteceu aí, Deus castigou, botou ele para ficar **com coisa ruim** porque não obedeceu.

(Informante 03, Barreiras)

Na fala desse informante, observa-se que ele entende o inferno como um lugar do “espírito errado”, cujo proprietário deve-se evitar o seu nome. Em outras palavras, partindo-se da fala do informante, infere-se que ele entende que o inferno, além de ser comandado por um grande líder cujo nome é temido, é um lugar da “coisa errada”, suja e muito perigosa.

O receio para com o nome diabo se evidencia cada vez mais ao longo do discurso do informante, pois, a inquiridora, na tentativa de obter mais denominações, solicitou ao informante a dizer o nome do alegado “proprietário do inferno”, este, por sua vez, declarou que é “ruim de dizer” o nome desse ser, e prosseguiu utilizando as lexias consideradas

eufêmicas, seguida de risos. A expressão “ruim de dizer” é uma clara evidência do incômodo do informante quanto a ideia de pronunciar a palavra interdita.

Quanto aos fatores extralinguísticos, nas mesorregiões analisadas, destaca-se a faixa etária, visto que os dois informantes que interditaram o nome diabo são da segunda faixa etária, com a mesma escolaridade, porém, do sexo diferentes. Dessa forma, os fatores escolaridade, sexo e localidade não foram relevantes, tendo em vista que os informantes que apresentaram a interdição têm a mesma escolaridade e são da mesma microrregião. Embora sejam de sexo diferentes, o resultado para ambos é o mesmo (Os informantes que interditaram a palavra *diabo* são de ambos sexos: um do masculino e outro do feminino).

Segue-se com a análise dos dados das mesorregiões Nordeste e Sul, representadas no Quadro 10, a seguir.

QUADRO 10 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Alagoinhas e Ilhéus

Informante	MESORREGIÃO	
	NORDESTE	SUL
	MICRORREGIÃO	
	ALAGOINHAS	ILHÉUS-ITABUNA
	Município Alagoinhas – (088)	Município Ilhéus – (099)
01	Diabo, cão	Diabo, satanás, capeta
02	Diabo, cão	Diabo, satanás
03	Satanás, cão, malfazejo, coisa ruim	Satanás, cão
04	Demônio, satanás, maligno, tá no inferno, rabudo	Diabo, cão

Fonte: elaborado pelo autor

No município de Alagoinhas, observa-se que a interdição do vocábulo *diabo* se deu exclusivamente na fala dos informantes da segunda faixa etária, como na mesorregião Centro Norte e Extremo Oeste. É na fala de informantes dessa faixa etária que se encontra o maior número de variantes para essa denominação. Por outro lado, os informantes da primeira faixa etária, que se declaram católicos praticantes, em suas respostas, utilizaram, como a primeira opção, a lexia *diabo* e a variante *cão*.

Diante desse resultado, é possível inferir que esses informantes têm conhecimento sobre a entidade sobre a qual estão se referindo, pois, ainda que o fator religioso não possa ser considerado no conjunto desses informantes, o principal motivador de interdição, conforme observado nas outras localidades, há que se considerar que quase todos os itens usados para responder a pergunta têm uma tendência de cunho religioso, tendo em vista que, quando indagados sobre suas respostas, usam explicações religiosas.

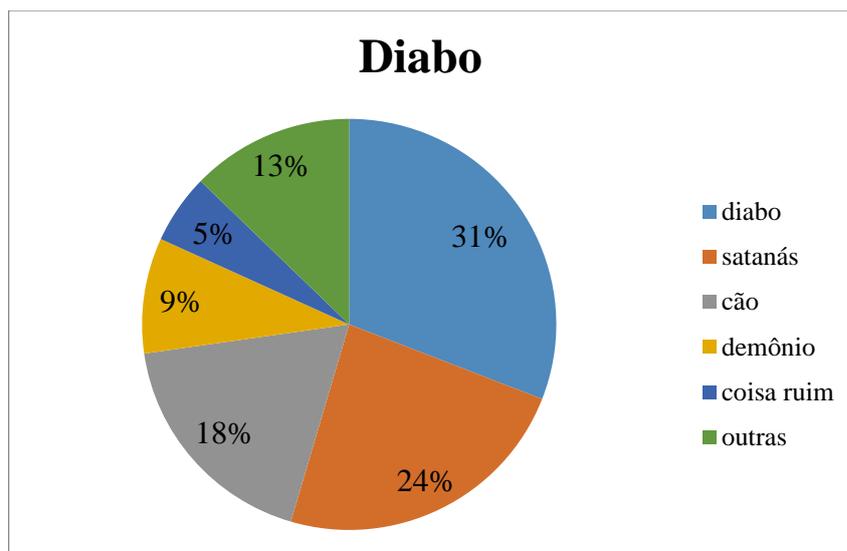
Em Alagoinhas, os fatores como religião e sexo não podem ser considerados determinante no que diz respeito à interdição da lexia diabo, haja vista que essa lexia foi utilizada por dois informantes que se declararam seguidores do cristianismo. O informante 03, que se declarou católico não praticantes, e o 04, cuja religião não foi registrada, interditaram a lexia *diabo*. Quanto ao fator sexo, a interdição se distribuiu de forma igual, ou seja, na mesma proporção, um jovem e uma jovem não interditaram o item, um idoso e uma idosa não mencionaram essa lexia nas suas respostas, mostrando uma certa regularidade nesse fator.

O que ficou mais evidente quanto os fatores condicionantes é o fator faixa etária, pois, nele, percebe-se claramente o comportamento e o posicionamento dos mais velhos diante da denominação *diabo*, sendo mais cautelosos com o que eles, possivelmente, consideram causador do mal.

Em Ilhéus, dos quatro informantes inquiridos, apenas um interditou o nome diabo. Essa interdição se deu na fala de informante 03, que usou as variantes *satanás* e *cão* para denominar o conceito. Para o caso desse informante, em particular, a hipótese para a interdição talvez se justifique pelo fator faixa etária, já que é nessa faixa que tabu se evidencia mais, o que não aconteceu com outros sujeitos do mesmo município, visto que esses utilizaram vocábulo *diabo* em suas respostas.

Seguindo com a análise, apresentam-se as porcentagens estatísticas dos dados da Bahia, organizados por meio da figura a seguir.

Gráfico 5 – Percentual de ocorrências nos municípios da Bahia



Fonte: elaborado pelo autor

O Gráfico 05 traz a representação por percentual das variantes utilizados para resposta à questão. A lexia *diabo* foi mais produtiva, apresentando 31% (17) do total das

denominações, seguida de forma *satanás*, com 24% (13), *cão* 18% (10), *demônio* 9% (5), *coisa ruim*, representando 5% (3), e as denominações como *outras* com 13% (7). As denominações que não representam 5% das denominações foram incluídas na categoria *outras*, que contém formas como *anjo mau*, *inimigo*, *malfazejo* etc. que, juntas, somaram 13%.

Com relação a Guiné-Bissau, os dados apresentados nos Quadros 12, 13, 14, 15 e 16, mostram significativa variação denominativa para o conceito de diabo se se comparar com os dados das localidades brasileiras. A variação denominativa nesses dois grandes espaços geográficos, Brasil e Guiné-Bissau, reflete a visão de mundo dos indivíduos dessas duas comunidades que compartilha a “mesma língua”, a portuguesa.

Inicia-se a análise dos dados de Guiné-Bissau, começando com os informantes de nível da escolaridade fundamental, cujos dados estão sintetizados no Quadro 11, a seguir.

QUADRO 11 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(01) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Anjo de mal, diabo, satanás	Jovens	Fundamental
	02	Demônio, Lúcifer, maldito	(18 a 35)	
	03	Diabo, recusado, satanás	Idoso	
	04	Rejeitado, satanás, demônio, diabo	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

Por meio da análise do Quadro 11, é possível observar os dados relativos ao grupo de informantes com nível fundamental completo, para retratar a realidade da variação lexical no que diz respeito à denominação para o diabo e, conseqüentemente, analisar o fenômeno tabu existente na fala dos utentes da pesquisa.

Para analisar o comportamento linguístico de sujeitos que fazem parte desta pesquisa, como nos inquéritos operados no Brasil, fazem-se necessárias outras informações além das que estão registradas no quadro, como os comentários durante a aplicação da questão, a religiosidade dos informantes etc.

Verifica-se que, dos quatro informantes desse grupo, apenas um deles não utilizou a lexia *diabo* na resposta. Questionada sobre a ausência da lexia diabo em seu comentário, a informante 02 demonstrou não estar à vontade para “invocar” o nome daquele que ela considera o maior inimigo do ser humano. No seu discurso, a informante revela, claramente, ter sabido o nome da entidade a que se pretende nomear, mas a sua ideologia religiosa a impediu de proferir esse nome, como se pode ler no seu discurso:

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – O **demônio**, aquele que gosta de perturbar a nossa vida.

INQ. – Mas tem outro nome?

INF. – Tem sim, há bocado de nomes que é dado, **lúcifer** e **maldito**. Mas há o principal que nós evitamos de usar para não invocar maldito, porque seu poder é grande acima daqueles que não acreditam em Deus, mas para nós que acreditamos, ele não pode fazer nada, importante é não mexer com ele.

INQ. – Mas aí você não vai mexer com ele, só quero saber esse nome principal que não conheço?

NF. – Tu não conheces? Tás a brincar. Eu já falei os nomes que eu posso falar, os outros descobres com outras pessoas (risos).

INQ. – Tá certo, vou continuar perguntando.

INF. – Sim, mas tu és muito corajoso! (risos...)

(Informante 02, Bissau)

O discurso da jovem deixa claro a evidência do tabu linguístico existente na sua concepção ideológica e na do grupo do qual ela faz parte. O comentário dessa informante confirma aquilo que ela declara ser, cristã-evangélica, proveniente de uma corrente conservadora que entende o diabo como um “inimigo do ser humano” e do povo de Deus, um inimigo que tem poderes que podem causar males à humanidade.

Essa ideia de o diabo ser o inimigo dos cristãos se evidenciou não só no fato de ela se declarar ser evangélica, mas também na seleção dos itens lexicais para nomear o diabo, pois, os vocábulos *demônio*, *lúcifer* são conhecidos e usados na Bíblia como sinônimos do diabo, e o *maldito* é um termo mais comum na linguagem cotidiana referente a essa entidade. Na concepção da jovem, “não mexer com ele” significa interditar a palavra diabo, usando, em caso da necessidade, itens eufémicos, considerados menos perigosos, como foi feito no caso da informante. Mesmo reconhecendo que o poder do mal dessa entidade não a atinge, ressalta que sempre é prudente evitar qualquer menção a ele. Outra prova de tabuização da palavra diabo por parte dessa informante, numa forma de advertência, a informante se mostrou preocupada com a atitude do inquiridor em busca das informações sobre essa entidade, a quem considera perigosa, expressando sua preocupação no final da entrevista, quando diz: “mas tu és corajoso”! A demonstração de coragem que ela atribui ao inquiridor, se justifica no fato de este estar buscando informações de uma entidade muito temida, o que pode trazer consequências graves em forma das retaliações desse ser sobrenatural.

A denominação diabo ainda causa um certo pavor em alguns dos informantes consultados em Guiné-Bissau devido, principalmente, à idealização da entidade que pode ser convocada e está por trás dessa denominação. Mesmo proferindo a lexia *diabo*, a informante 04, uma idosa, indaga o porquê do querer descobrir as denominações que “invocam o satanás”, que, para ela, não traz nenhum benefício, só causa desgraça aos indivíduos.

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – O **rejeitado**, ele é.

INQ. – Há outros nomes que se usam aqui?

INF. – Sim, é conhecido também por **satanás** ou **demônio**. Esses dois estão no livro Sagrado e são usados para referi-lo.

INQ. – Para se referir a quem?

INF. – Para se referir aquele que tu estás a perguntar, **diabo**. Não sei por que tu estás a procurar o nome para invocar o satanás! As pessoas fogem dele, tu tás a ir ao seu encontro (risos...).

INQ. – (Risos...) é um trabalho que estou fazendo.

INF. – Há várias outras coisas para estudar, e sair daquilo que pode causar-te problemas.

(Informante 04, Bissau)

O discurso dessa idosa revela um sentimento que se tem desse ser sobrenatural, sobretudo, para os adeptos do cristianismo e de suas numerosas ramificações. Uma senhora católica, provavelmente, muito conservadora, ao responder à questão, não queria que a *diabo* entrasse no seu vocabulário, ela foi quase “obrigada” a chamar esse nome, após uma certa resistência, utilizando outras estratégias para escapar do item alvo.

Ainda se pode entender, através do seu comentário, a ideologia da corrente religiosa a que se filia, pois ela adverte que a denominação da figura de quem se pretende saber suas denominações tem que ser interdita, porque, segundo ela, “há várias outras coisas para estudar, e sair dessa que pode causar-te problemas”, ou seja, fazer qualquer coisa que tenha ligação com esse ser, não traz benefício nenhum, só causa prejuízo.

Observando os fatores externos que motivaram a manifestação do tabu linguístico, o fator religioso é sem dúvida o fator determinante, não só pela interdição da *diabo*, mas pela forma que ocorreu e o contexto em geral. Dos quatro informantes apresentados no Quadro 11, apenas o informante 03 declara não ter religião, os outros três são cristãos e mostraram, em suas falas, claramente, que o item *diabo* deve ser evitado.

Quanto ao fator sexo, o tabu se torna mais evidente nos indivíduos do sexo feminino, provavelmente, devido à posição social das mulheres, geralmente subalterna, e seu papel social, que é de ser uma pessoa prestativa e do lar, na sociedade guineense. Outros fatores, como escolaridade e faixa etária não foram relevantes, tendo em vista que foi possível constatar a presença de tabu na fala das informantes das duas faixas etárias. Por outro lado, o fator religião – os cristãos interditaram ou mostraram incomodados com a denominação mais do que os que professam não ter religião – também foi relevante para o fenômeno da interdição do nome *diabo*.

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, sintetizados no Quadro 12, a seguir.

QUADRO 12 – As respostas para a questão 147 do (QSL), em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(02) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Diabo, demônio	Jovens	Fundamental
	02	Lúcifer, demônio, maldito diabo	(18 a 35)	
	03	Anjo mau, maldito	Idoso	
	04	Rejeitado, demônio, satanás	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode observar, essa lexia só ocorre, neste grupo de informantes, na fala dos informantes jovens, e é completamente interdita na fala dos idosos.

Como vinha sendo observado, o fato de um item alvo do tabu ser proferido, não se pode descartar a evidência tabuística, e nem a ausência desse item pode levar a afirmação da existência do tabu, pois a tabuização ou a não tabuização depende vários fatores externos que ajudam na análise para identificar a manifestação ou não do tabu. Desse modo, embora o informante fale a palavra tabu, o que se considera é o estado de espírito da pessoa diante dessa realização.

A título de exemplo, são apresentados os dois informantes jovens que, nas suas respostas, utilizaram a lexia *diabo* e mais outras variantes, o que talvez possa aparentar a não-existência de manifestação do tabu, visto que o item alvo foi proferido. Mas, é necessário que se observe que mesmo utilizando o item lexical *diabo* e outras variantes para denominar essa ideia, seus discursos revelam claramente o desconforto para com essa lexia.

É no tom da voz, na expressão facial, no disfarce de não ter entendido a questão, que faz transparecer a manifestação tabuística na fala do informante 01. Este informante, ao ser questionado, solicitou que o inquiridor repetisse a questão porque não havia compreendido claramente a pergunta. A reformulação da pergunta parece que não solucionou a dúvida do informante. No entanto, ficou evidente, por meio dos gestos e expressões do informante, o desconforto diante dessa questão. Logo após a reformulação da questão, o inquirido fez uma pausa de alguns segundos, com um olhar de tristeza, respondeu em tom de voz baixo.

A sua primeira resposta foi dada em um tom inaudível para o inquiridor, que persistiu até que o inquirido chamou, ainda que em tom baixo, o nome *diabo* e *demônio*. O discurso deste jovem expõe seu medo para com esse ser sobrenatural, como se pode ler:

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – Não estou a entender esta questão.

INQ. – Deus está no céu e no inferno está? É diz o nome da entidade que está no inferno!

INF. – (inint...), assim que ouço por aí.

INQ. – Como é?

INF. – **Diabo**

INQ. – Há outros nomes você conhece?

INF. – **Demônio**. Por favor vamos falar de outras coisas! Eu não sei nada disso que estás a perguntar-me e nem quero saber. Só fiz isso porque quero colaborar com seu trabalho e também não sabia antes das questões.

(Informante 01, Bissau)

Um jovem fiel à sua doutrina religiosa, cristão-evangélico, informou ao pesquisador, numa conversa informal, após o inquérito, que o assunto referente ao diabo deve ser tratado com os desacreditados, ou dos que o seguem, pois para “os crentes”, o que lhes interessa é Deus, e adverte, mesmo sendo o criador e bondoso, seu nome não pode ser invocado em qualquer circunstância, ou seja, há também tabu para com esse nome, pois no livro do Êxodo 20:7, a ordem para não pronunciar o nome de Deus em vão é imperativa e vem procedida de advertência, sob pena de punição, “(...) porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar seu nome em vão”.

Ainda nessa conversa informal entre o inquirido e o inquiridor, o jovem sujeito da pesquisa se mostrou preocupado pelo fato de a pesquisa envolver uma entidade tenebrosa, o que pode provocar o insucesso da pesquisa. Usando uma expressão bíblica, refere-se a entidade dizendo “ele veio para matar, roubar e destruir¹⁵”, mas, segundo o informante, quem acredita no poder de Cristo não sofre qualquer consequência maligna da entidade, embora, advirta que seja necessário a prudência em tudo que envolva essa entidade.

Por outro lado, é na fala da informante 02, que se encontra maior quantidade de itens lexicais para denominar o *diabo*. Dos quatro nomes proferidos pela informante, todos são comuns entre os adeptos do cristianismo para nomear esse referente. Para ela, as lexias *lúcifer*, *demônio* e *maldito* não têm tanto peso como a denominação *diabo*. Quando se fala nele, “vem à mente várias coisas medonhas”, ou seja, proferir a lexia *diabo* remete quase que automaticamente à imagem de uma figura apavorante que pode passar a perturbar o indivíduo a vida inteira, deixando muito clara a interdição da denominação *diabo*.

A lexia *diabo* não fez parte da resposta dos informantes da segunda faixa etária. Dentre os comentários feitos pelos informantes e seus comportamentos diante da questão que exige a denominação *diabo*, destaca-se o comportamento do sujeito 03: esse informante, de acordo com o que consta na Ficha do Informante, é muçulmano praticante. Ao proferir a resposta, se recusa a usar qualquer lexia que remeta ao *diabo*, demonstrando não reconhecer qualquer outro ser supremo além de Deus, como se pode acompanhar no seu discurso:

¹⁵ Essa frase usada pelo informante está na Bíblia sagrada, no livro de evangelho de João capítulo 10, versículo 10.

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – Sei que Deus está no céu, mas desconheço quem está no inferno.

INQ. – Dizem que há um ser que comanda o inferno, como se chama?

INF. – (Risos...) falam **anjo mau**.

INQ. – Mas além de anjo mau, não existe outros nomes que as pessoas usam para chamar aquele que comanda o inferno?

INF. – (Risos) isso é difícil, os outros falam **maldito**, por aí vai.

INQ. – Dizem é um ser poderoso, quem manda em todas as outras forças sobrenaturais do inferno?

INF. – Isso não existe, Deus é única força suprema, dos outros não sei.

(Informantes 03, Bissau)

A tentativa de fazer com que o idoso proferisse a lexia em questão mostra a resistência e a posição ideológica do informante. Na sua concepção, é inadmissível considerar a existência de outra entidade suprema que não seja Deus: “Isso não existe, Deus é única força suprema, dos outros não sei”. É provável que saiba da existência deste que declara não saber, a questão parece ser negar para não legitimar a existência dessa entidade. Portanto, além dessa resistência que motivou a interdição do item diabo, há que se observar dois outros detalhes que também chamam a atenção para a compreensão dessa interdição: (i) o uso do verbo flexionado na terceira pessoa do plural, atribuindo as denominações aos outros “falam”, como fazem os informantes 03 de Jacobina e 07 de Salvador, da Bahia, e (ii) a sequência de risos, que é uma forma da manifestação do tabu.

Vale destacar também que o sintagma genérico *anjo mau*, utilizado na resposta desse informante, serve para substituir o nome tabu. Pois, de acordo com Guérios (1979, p.20), esses elementos ou expressões genéricas são usados para substituir o vocábulo próprio, “(...) cujo significado facilmente ressalta da situação ou momento especial em que foram empregues”.

Por seu turno, a informante 04, apesar de não se poder afirmar com muita certeza, é possível inferir que a motivação religiosa esteja por trás da interdição da lexia *diabo* na sua fala. A informante declara não se filiar a nenhuma corrente religiosa, ela mostra ter um pouco de conhecimento da doutrina cristã, pois, ao ser questionada, usa o vocábulo *rejeitado*, do que se infere que, para ela, a entidade a qual se refere não tem mais o lugar no paraíso divino. As denominações *demônio* e *satanás* “são nomes na Bíblia para aquele que levantou-se contra o Senhor” declara a informante.

Depois de analisar as respostas de todos os sujeitos do Quadro 12, percebe-se que o fator religioso foi determinante para a manifestação tabuística, porque, dos quatro informantes analisados, apenas uma declarou não se filiar em alguma religião, mesmo assim, o tabu se faz transparecer em seus discursos. Os outros são de denominações cristã e não-cristãs conservadoras. Além da religião, nesse grupo de informantes, o fator faixa etária apresentou-

se relevante, tendo em vista que apenas a segunda faixa etária apresentou interdição à lexia diabo.

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, sintetizados no Quadro 13, a seguir.

QUADRO 13 – As respostas para a questão 147 do (QSL), em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(03) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Diabo	Jovens (18 a 35)	Fundamental
	02	Diabo		
	03	Não lembra	Idoso (50 a 65)	
	04	Diabo		

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 13 traz a informação de mais um grupo de informantes inquirido na capital Bissau. Neste quadro, como se pode perceber, no que diz respeito à utilização da lexia *diabo* exclusivamente para responder à pergunta, sem que houvesse outras variantes. De qualquer modo, é necessário que se veja esses dados a partir de diferentes prismas, tendo em vista que nem sempre a presença do item tabuizado indica o não-tabu.

Observa-se que, dos quatro informantes registrados no quadro, apenas um deles, o 03, não usou nenhum item para responder à questão, alegando não saber responder essa pergunta, ou seja, desconhece qualquer palavra que nomeasse ao referente solicitado na questão, como se pode ler:

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – No inferno! Sei que existe inferno, mas não sei quem lá está.

INQ. – Sempre falam que existe ser no inferno, esse ser tem um nome que quase todo mundo chama?

INF. – Não sei quem é e nem conheço seu nome.

INQ. – Mas nunca ouvi falar desse ser?

INF. – Não.

(Informante 03, Bissau)

Tendo em vista que o conceito buscado pela questão ser tão familiar dentro da cultura guineense, dificilmente, exista um guineense que tenha vivido no País e que não conheça esse conceito. Nesse sentido, analisando o discurso desse informante, é no mínimo estranho seu argumento alegando desconhecer qualquer item lexical que remetesse à essa entidade. Aliás, pode até desconhecer a existência dessa figura (para alguns indivíduos, essa entidade não existe), mas, dificilmente não tenha alguma ideia de sua existência. Considerando que um conceito só existe no mundo material se ele tiver uma denominação é possível pensar que, se ele conhece o conceito, deve conhecer também a denominação, muito embora ele possa conhecer com uma denominação diferente. Nesse sentido, pode-se pensar

em uma interdição à figura e às denominações dela, tendo em vista que ele poderia utilizar outras denominações que não remetessem tão diretamente a imagem que ele tenta evitar.

Alguns fatos chamam atenção no discurso desse informante, reforçando ainda mais a hipótese de que a não denominação do referente tem a ver com questão do tabu. Ao admitir a existência do inferno (evidente quando ele afirma que não sabe quem está no inferno: *não sei quem lá está*) mostra que o conhecimento da dicotomia criada por cristianismo entre céu e inferno é generalizado e atinge a todos por meio do convívio social. Outro aspecto importante é a seriedade com que informante lidou com o assunto, demonstrando desconforto quando indagado. A Ficha do Informante mostrou-se importante nesse sentido, pois o registro indica que esse informante professa a fé cristã, na denominação Testemunha de Jeová, uma das ramificações do cristianismo. De acordo com essa linha cristã, o inferno é, na verdade, a sepultura. Isso explica a resposta do informante, quando ele afirma que sabe da existência do inferno, mas não sabe quem está lá. Em outras palavras, segundo essa doutrina, o inferno não é um reino oposto ao céu, com organização e líder, mas sim o lugar onde todos os seres humanos irão depois da morte.

Para os outros informantes, apesar de terem declarado professarem fé cristão-católica, aparentemente, a denominação *diabo* não foi um problema ao ser pronunciada como para os outros informantes. No entanto, é importante lembrar do que trata Ullmann (1979), quando afirma que a presença de uma lexia tabu também pode ser um sinal de tabu, visto que pode ser o que ele denomina de uma falsa demonstração de coragem. Isso se evidencia pela presença de apenas uma denominação para esse conceito. Quanto aos fatores responsáveis pelas manifestações de tabu, a princípio, nenhum dos analisados neste estudo, fora a religião, foi relevante para os resultados apresentados nesse grupo.

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, sintetizados no Quadro 14, a seguir.

QUADRO 14 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(04) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Diabo	Jovens	Fundamental
	02	Isis	(18 a 35)	
	03	Não lembra	Idoso	
	04	Anjo mau	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

Este último quadro cujo público só cursou até o nível fundamental, traz um retrato conservador da sociedade guineense, principalmente quando se trata das entidades sobrenaturais. Como havia sido mencionado anteriormente, todos os guineenses acreditam em

uma força sobrenatural, cujo poder pode trazer benefícios e, ao mesmo tempo, causar o mal. Nesse sentido, considerando os poderes dessas entidades, a forma de lidar com elas tem que ser com muita prudência, para que se evite consequências não previsíveis. Essa forma de lidar com essas entidades se retrata, muitas vezes, na comunicação cotidiana, que é feita tentando evitar um possível confronto com essas entidades, até mesmo algum dano coletivo. O exemplo claro que representa essa realidade veio do informante 03, cujo comportamento durante o inquérito merece ser descrito aqui, em forma de relato comovente.

Como foi indicado na coluna do informante 03, a resposta a questão não foi obtida por informante que se recusou a responder a pergunta, como afirma:

INF: - Não vou responder essa questão.
 INQ: - Por que não vai responder?
 INF: - Porque não pretendo tratar deste assunto. Acho que dá para tu entenderes.
 (Informante 03, Bissau)

Ele, quase que revoltado com a questão, evitou usar qualquer item para nomear a entidade, sinalizando para prosseguir a pesquisa com outras questões. Apenas no final do inquérito, quando o informante estava menos tenso, revelou o seu descontentamento perante a constante injustiça cometida quanto se trata dessas entidades, que, quase sempre são consideradas como entidades demoníacas, sempre comparadas com tudo que não presta. *Balobero*¹⁶ (uma espécie de sacerdote ou pai de santo), firme na sua posição, deixou claro de que não estava à vontade para abordar esse assunto, porque se tratava das entidades com quais tem muito respeito, seria um insulto a essas entidades qualquer resposta dada, visto que nelas estão depositadas suas confianças, conseqüentemente sua vida. Segundo esse informante, todos os nomes criados para nomear essas entidades são para denegrir suas imagens, porque os ocidentais criaram a imagens ruim sobre elas, o que está multiplicando de forma impressionante a medida que as religiões importadas ganham mais espaço no território guineense. Ele comenta ainda que assim como Deus é respeitado, essas forças sobrenaturais também merecem o mesmo, aliás, na concepção do inquirido, elas são deuses que estão mais próximos dos indivíduos, servindo assim, de mensageiros ou intermediários entre homem e aquele Deus inalcançável.

Prosseguindo com análise do Quadro 14, verifica-se que, além do informante 03, que se opôs a usar qualquer item como a resposta, a informante 02, que declarou ser muçulmana

¹⁶Balobero é um termo utilizado na língua crioula para designar as entidades religiosas que intermediam a comunicação entre humano e as forças sobrenaturais. Também são responsáveis pela interpretação da vontade das forças divinas. (AUGEL, 2007).

praticante, não utilizou os itens mais comuns nas respostas, recorrendo, simplesmente, ao vocábulo que, segundo ela, é usado pelos muçulmanos para designar esse ser, *Ísis*, evitando assim proferir lexias como *diabo*, *satanás*, *demônio*, por crer que a simples menção do nome pode atrair o ser invocado e causar impacto negativo. Segue um trecho do discurso dessa informante no inquérito:

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – Quem faz mal, quem gosta de meter na vida dos outros.

INQ. – Mas aí estamos falando de quem comanda o inferno, porque dizem que Deus tem um adversário e o nome desse adversário? Porque dizem que há um ser que estava com Deus no céu depois que cometeu a irregularidade e fez o homem pecar, Deus o expulsou, não tá lembrando?

INF. – Na religião muçulmana chama-se Isis.

INQ. – Mas esse ser tem poder e estava próximo de Deus?

INF. – Sim, na história passada dizia que ele costumava roubar mulher de gente, costumava praticar maus atos.

(Informante 02, Bissau)

Como se pode perceber, esse ser sempre é reconhecido, nas religiões monoteístas, por quem se rebelou contra Deus, em função dos seus maus comportamentos, que resultou em punições. É importante ressaltar que embora a lexia *Isis* não tivesse tido registrado em nenhum dos três dicionários impressos consultados, o Aulete online registra essa lexia com outros sentidos, sem se remeter ao significado que a informante deu a palavra na sua resposta. Na busca pelo significado dessa palavra, encontra-se, no dicionário Aulete (2011), o registro da lexia *Isíaco* como sinônimo de *Ísis*, se referindo a deusa do trono, que na mitologia egípcia, é uma das mais importantes deusas dessa mitologia antiga.

Ainda sobre esses informantes, vale sinalizar também a estratégia da informante 04, que se apropriou de uma expressão genérica *anjo mau* para nomear a entidade. Expressão essa que, Segundo Guérios (1979, p. 20), servem para substituir o vocábulo próprio.

O fator religioso foi o que mais se evidenciou quanto aos indícios do tabu linguístico, pois, todos os informantes declararam não se sentiram à vontade quanto a responder à questão sobre o diabo por causa de suas crenças religiosas, o que ajudou a compreender a interdição da lexia *diabo* e o uso das variantes eufêmicas nesse grupo de informantes guineenses.

Passa-se, agora, a análise de dados de informantes de Guiné-Bissau que têm o ensino superior. Os dados desse grupo de informantes são agrupados no quadro a seguir.

QUADRO 15 – Respostas para a questão 147 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(05) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	05.a17	Demônio, satanás, maldito, Lúcifer	Jovens (18 a 35)	Superior
	06.a	Não lembra		
	05.b	Não lembra		
	06.b	Satanás, condenado, anjo de mal, demônio (risos...)		
	07.a	Pecador, condenado, traidor, serpente	Idoso (50 a 65)	Superior
	08.a	Diabo, satanás, demônio		
	07.b	Diabo, satanás, cão, capeta, bicho sujo, condenado, anjo mau, demônio		
	08.b	Satanás, diabo, demônio		

Fonte: elaborado pelo autor

Analisando o Quadro 15, em que se reúnem dados sobre a realidade linguística e cultural de Guiné-Bissau. A partir da leitura desse quadro, percebe-se que, nesse conjunto de informantes com ensino superior, há uma diversidade de formas linguísticas para denominar a entidade solicitada. Por outro lado, é na fala dos informantes do nível superior que a lexia *diabo* menos aparece entre os jovens.

É curioso observar que, dos oito informantes registrados no quadro, apenas três deles preferiram a lexia *diabo*, a maioria deles usou outras variantes como resposta. Chama atenção a atitude da informante 06.a, que, diferentemente dos outros informantes, não se sentiu à vontade para responder a questão, o que se pôde constatar durante o inquérito. O discurso dessa utente revela a sua concepção ideológica, demonstrando o medo das forças sobrenaturais. É importante comentar, nesse sentido, que o medo das forças sobrenaturais é muito comum na sociedade guineense, pois, é um muito corriqueiro observar pessoas que têm algum tipo de medo das forças sobrenaturais, independentemente do grupo étnico ou crença religiosa.

Ao ser questionada sobre o nome que se dá a entidade, a informante 06.a se limitou simplesmente a dizer que desconhece a entidade, por isso não sabe qualquer denominação referente à entidade. Para essa informante, assim como para muitos dos seguidores das religiões tradicionais em Guiné-Bissau, não se acredita que o diabo esteja no inferno, pois, para esses indivíduos, aquele que a religião cristã interpreta como diabo é uma entidade

¹⁷ Foram usadas a codificação alfabética *a* e *b* para distinguir diferentes informantes cujos números são os mesmos. Essa codificação foi necessária porque todos os informantes do nível superior foram colocados em um só quadro. Desse modo, para esclarecer que não se trata do mesmo informante, fez-se necessário usar essa codificação alfanumérica. A primeira faixa etária é representada pelos números 5 e 6 e a segunda pelos números 7 e 8. A letra é utilizada para distinguir informantes com as mesmas características sociais (sexo, escolaridade e religião).

protetora, cujo poder está acima do alcance humana, e pode causar mal quando lhe falta com compromisso. A leitura do discurso da informante leva a entender o porquê da interdição, como se observa a seguir:

INF:- Não posso responder isso.

INQ:- Porque que não pode responder, há algum problema com isso?

INF:- Nem sei quem está no inferno. Sei que existe diferentes forças com funções distintas. Mas falar que um está no inferno, isso é desmerecer o seu poder, ou parece quem está no inferno só faz mal.

INQ: Então você pode dizer o nome ou nomes que conhece dessas forças?

INF:- Olha, repito que não sei o nome, aliás falar desse assunto pode ser perigoso, porque sempre estamos rodeados dos outros seres de quem não devemos falar mal. Sei que existe Deus, mas Ele não é único protetor.

(Informante 06.a, Bissau)

Fica evidente, no discurso dessa jovem, que o medo do ser sobrenatural (ou pode ser respeito a esse ser, já que é considerado protetor, assim como Deus, para os seguidores do cristianismo) fez com que ela não proferisse qualquer lexia referente a ele, evitando, talvez, uma possível retaliação. Pois, dificilmente a informante não conheça algum item que nomeasse essa entidade, o que se evidencia no trecho do comentário: “diferentes forças com funções distintas”, mostrando, claramente, um conhecimento desse conceito e, conseqüentemente, de alguma denominação para ele.

O medo transparece ainda quando a inquirida, ao perceber a persistência do inquiridor sobre o assunto, aparentemente preocupada, advertiu que o assunto do qual se tratava “pode ser perigoso”, porque, na sua concepção, os seres supremos podem não estar distantes, visto que são invisíveis e onipresentes, podendo, assim, ter o conhecimento de tudo que se trata sobre eles, o que pode trazer conseqüências danosas.

A crença religiosa da informante confirma a sua posição ideológica perante a questão, pois, de acordo com registro na Ficho do Informante, essa informante é praticante da religião tradicional, que cultua os espíritos dos ancestrais mortos e dos outros deuses, como os *irans* (um termo usado em crioulo de Guiné-Bissau para designar as diferentes forças sobrenaturais), uma prática religiosa comum em Guiné-Bissau.

Outro informante também que chama a atenção nesse grupo com nível superior é o informante 05.b, um muçulmano praticante que se recusou a usar qualquer lexia que remetesse ao *diabo*. A recusa em responder a questão justifica-se no próprio comentário do informante, no qual revela desconhecer qualquer ser supremo além de Deus, como pode-se observar no trecho selecionado:

INQ. – Deus está no céu e no inferno está _____.

INF. – Não, Não.

INQ. – Deus está no céu, porque falam que é ele que comanda o céu.
 INF. – E a terra também.
 INQ. – Mas há um ser no inferno que nós consideramos que vive lá?
 INF. – (Risos) isso é difícil, muito difícil.
 INQ. – Dizem que há um ser que comanda o inferno, se Deus é do bem, quem é do mal que comanda o inferno?
 INF. – Isso é absurdo, é absurdo!
 INQ. – Não se lembra do ser que está no inferno, porque Deus está no céu e no inferno está alguém, e quem é que está lá?
 INF. – (Risos) não sei disso.
 (Informante 05.b, Bissau)

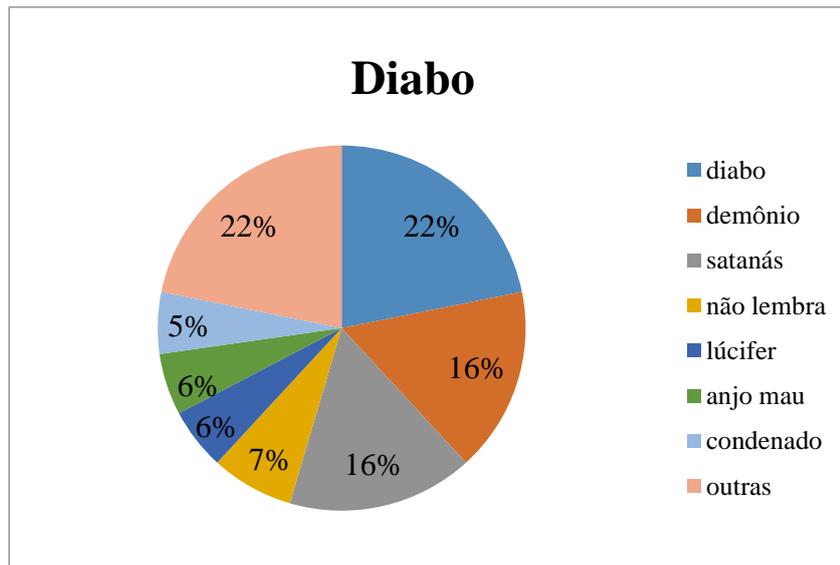
Como pode-se perceber, houve várias tentativas para obter, do informante, uma resposta utilizando alguma lexia que nomeasse a entidade, mas ele não mencionou ninguém que não fosse Deus. Como se observa, o informante acha absurda a ideia da existência de outra entidade que não seja Deus: “Não, não. (...) Isso, isso é absurdo!”. Assim, além da grande resistência para responder nome do ser tido como maligno, há três outros detalhes que também chamam a atenção: (i) o uso reforçado do advérbio de negação (*não, não*), quando ouviu o nome *inferno*, (ii) a sequência de risos e (iii) a tom exaltado de voz, que são formas consideradas como manifestação de tabu. Talvez, na sua concepção, a ideia de inferno esteja relacionada à imagem do diabo.

Um outro comportamento pode ser percebido por outro grupo de informantes, sobretudo quanto à interdição do nome diabo. Para evitar essa lexia, os utentes utilizaram as variadas formas desde aquelas mais populares usadas para desqualificar o ser do qual se pretende nomear, até aquelas registradas na Bíblia, como *serpente, Lúcifer, satanás, demônio* entre outros.

Acerca dos fatores condicionantes, constata-se que o fator religioso foi determinante para a interdição da lexia diabo para esse grupo de informantes, sobretudo quando se considera outros fatores. Quando se observa outras variáveis dependentes, como sexo e faixa etária, observa-se que os homens e os indivíduos da primeira faixa etária são os que mais interditam a palavra *diabo*, ou seja, os homens e os jovens são os que mais interditaram, um quadro diferente do encontrado nas outras localidades no Brasil, em que se observar idosos como os que mais interditam palavras tabu. Nesse sentido é que o fator religião se apresenta como preponderante para justificar esse quadro nesse grupo.

No Gráfico 6, reúnem-se os dados sobre o percentual de ocorrências das denominações para a pergunta 147 na cidade de Bissau.

Gráfico 06 – Percentual de ocorrências em Bissau



Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode perceber pelo gráfico, a lexia *diabo* lidera como a forma mais utilizada com 22% (12), seguida de *demônio* 16% (9), *satanás* 16% (9), *não lembra* 7% (4), *lúcifer* 6% (3), *anjo mau* 6% (3) e *condenado* 5% (3). Outras formas utilizadas foram agrupadas como *outras denominações* 23% (12). Vale ressaltar que *não lembra* é o termo usado pelo Comitê do ALiB para designar informantes que, no ato de inquérito, não se lembram ou não respondem as perguntas por alguns motivos externos, que pode ser religiosos ou ideológicos.

4.1.3. As formas registradas e não registradas nos dicionários da língua portuguesa para o conceito de diabo

O quadro a seguir apresenta a pesquisa feita nos dicionários da língua portuguesa para averiguar como esses itens lexicais são registrados nos dicionários e se as acepções correspondem à resposta que se busca na aplicação do questionário do Projeto ALiB e em Guiné-Bissau. Esse tipo de pesquisa se justifica porque o dicionário é um documento, junto da gramática, que normatiza a língua e a presença de um elemento léxico no dicionário dá a ele o status de palavra pertencente a uma língua, ou seja, a palavra passa a “existir” na língua a partir desse registro (KRIEGER, 2007). Outra característica importante do dicionário é a sua aparente neutralidade, o que dá a ideia de que as palavras que estão no dicionário são neutras e livres de qualquer ideologia, em outras palavras, a palavra em forma de dicionário estariam livres da conotação negativa que elas têm na comunicação cotidiana.

Quadro 16 – Informações sobre busca nos dicionários

QSL 147 - Diabo	Dicionários consultados		
	Lexias utilizadas	Aulete (2011)	Houaiss (2004)
alma do outro mundo	+	+	Θ
anjo mau/de mal	Θ	Θ	Θ
bicho	=	=	—
bicho ruim/mau	Θ	Θ	Θ
cão	=	=	=
capeta	=	=	—
chifrudo	=	=	Θ
coisa ruim	=	=	Θ
condenado	+	=	Θ
diabo	=	=	=
demônio	=	=	+
ele	—	—	—
inimigo	+	=	—
isis	Θ	Θ	Θ
judas	+	+	Θ
lúcifer	=	=	Θ
maldito	=	=	Θ
maligno	=	=	Θ
malfazejo	+	+	Θ
pecador	+	+	Θ
príncipe dos céus	Θ	Θ	Θ
rabudo	=	=	—
recusado	+	+	Θ
rejeitado	+	+	Θ
serpente	=	=	Θ
tá no inferno	Θ	Θ	Θ
traidor	+	+	Θ

Fonte: elaborado pelo autor

Legenda utilizada no Quadro 16 para fornecer informações sobre busca nos dicionários: (=) *mesma aceção*; (+) *extensão de sentido*; (—) *outra aceção*; (Θ) *não registrado no dicionário*

As denominações dadas pelos informantes e registradas nos dicionários mostram algumas características dadas à imagem da figura do diabo no imaginário popular. Por meio dessas denominações, é possível traçar um perfil sobre a história e sobre a personalidade do diabo que foi sendo construída na ideologia desses diferentes grupos. Exemplos dessa construção são as denominações *anjo mau*, *bicho ruim*, *bicho mau*, *coisa ruim* e outras que retomam a imagem do diabo como sendo um ser maligno e pronto para trazer sofrimento à humanidade. As denominações *condenado*, *maldito*, *recusado*, *rejeitado* apontam para história bíblica da expulsão de Lúcifer do céu. Essas e outras denominações cristalizam a imagem do diabo como um ser maléfico, que precisa ser evitado sempre, sob pena de as pessoas que o invocam ou fazem algum negócio com ele poderão ser traídas ou sofrerem punição. É interessante observar que essa é uma ideia presente nas duas culturas, fortemente influenciada pelo cristianismo. Por outro lado, os indivíduos que não se consideram cristãos

ou mulçumanos, essa figura do mal não existe, muito embora, seja possível observar algumas denominações dadas a seres espirituais que também causam mal ao homem. A própria ausência de denominações a essa entidade por parte dos seguidores das religiões tradicionais mostra como o léxico é importante para a compreensão social e ideológica de um povo.

4.1.4. Quadro da produtividade das lexias por localidades para o conceito do diabo

QUADRO 17 – distribuição diatópica

MUNICÍPIOS DO MARAMHÃO		
Código	Nome da Localidade	Itens lexicais utilizados
(026)	São Luís	Diabo, cão, capeta, demônio, coisa ruim, príncipe dos céus, anjo mau, satanás, chifrado
(027)	Brejo	Diabo, o cão, demônio, judas, satanás, ele
(028)	Bacabal	Diabo, satanás, demônio, cão, satanais, bicho, Lúcifer
(029)	Imperatriz	Capeta, diabo, bicho ruim, satanás, demônio, inimigo
(033)	Alto Parnaíba	Diabo, satanás, demônio, cão, bicho, Lúcifer
MUNICÍPIOS DA BAHIA		
(086)	Jacobina	Diabo, cão, satanás
(087)	Barreiras	Diabo, satanás, cão, coisa ruim, Lúcifer, demônio
(088)	Alagoinha	Diabo, cão, satanás, malfazejo, coisa ruim demônio, maligno, tá no inferno, rabudo
(093)	Salvador	Diabo, cão, satanás, demônio capeta, coisa ruim, demo
(099)	Ilhéus	Diabo, satanás, capeta, cão
GUINÉ-BISSAU		
(01 a 05)	Bissau	Diabo, satanás, anjo de mal, demônio, Lúcifer, maldito, recusado, rejeitado, anjo mau, isis, condenado, pecador, traidor, serpente, cão, capeta, bicho sujo

Fonte: elaborado pelo autor

No Quadro 17, reúnem-se os itens lexicais utilizadas em resposta a questão 147 do QSL, por localidades. O quadro apresenta, de maneira panorâmica, a variedade dos itens lexicais usados para nomear o conceito de diabo.

A busca pelas denominações para o conceito de diabo nas duas grandes localidades pesquisadas, Brasil e Guiné-Bissau, mostra a peculiaridade de cada um desses espaços quanto à nomeação da entidade em causa. Os dados relativos às localidades brasileiras revelam que não há uma significativa variação denominativa para o conceito de diabo, pois há uma similaridade nos usos lexicais entre indivíduos desses espaços, uma vez que se trata do mesmo território político-social. Diferentemente do que se observou em Guiné-Bissau, os dados apresentados mostram uma significativa variação denominativa para essa ideia quando comparados com os das localidades brasileiras. Essas diferenças denominativas refletem a visão do mundo e a posição ideológica dos indivíduos que integram as comunidades investigadas. A religião aparece como um fator importante para entender as formas utilizadas para o conceito investigado, seguida de faixa etária e sexo, como foi possível observar ao longo desta parte da análise.

4.2 Campo temático “ciclos da vida”

O campo temático “ciclos da vida” foca um conjunto de conceitos relacionados com uma série de fenômenos biológicos e/ou sociais que refletem o desenvolvimento humano. Os conceitos, nesse campo estão organizados tendo como ponto inicial a *menstruação* – fenômeno que marca a preparação da mulher para a geração de uma nova vida – e como ponto final a morte – o fim definitivo da vida humana, o fechamento do ciclo vital.

Desse campo, composto por quinze conceitos que abarcam ideias como *menstruação*, *dar à luz*, *aborto*, *ama-de-leite*, selecionaram-se dois conceitos – *menstruação* e *finado* – que se crê tendem, de forma mais direta, à tabuização, pela possibilidade de despertar no falante sentimentos de pudor, medo, ou mesmo a manifestação de crenças.

4.2.1. Menstruações: um fenômeno humano e biológico que pode ser sinônimo de transgressão

Há fenômenos que, quando envolvem certas atividades ou se relacionam com partes de corpo, tendem a ser interditas ou se buscam várias outras denominações para substituir aquela que pode ser considerada indecente, indelicada, inapropriada. O órgão sexual é um dos que mais recebem a variação denominativa por ser uma das partes do corpo considerada tabu. Assim, para denominá-la, na língua portuguesa, são usados vocábulos como *boceta*, *periquita*, *xiri*, *pau*, *caralho*, *cacete* e entre outros.

Também práticas relacionadas a esse órgão, com o sexo e a excreção, em certas culturas, costumam receber sinônimos para diminuir o impacto negativo da palavra tabu. Por isso, para o conceito de menstruação, tem-se as expressões *de boi*, *de bode*, *ver lua*, *aqueles dias* etc. para denominar o ciclo menstrual.

Guérios (1979, p. 122) afirma que, na antiguidade, o povo considerava as partes do corpo como se fossem seres autônomos e, por isso, eram denominadas conforme o gênero: “*masculino*” e “*feminino*”. Nesse sentido, observa-se que o tabu não está só ligado ao fenômeno religioso (tabu próprio), também à moralidade (tabu impróprio). Zavaglia (2007, p. 39), ao tratar do tabu moral, afirma que “a linguagem erótica abrange áreas sobre as quais se tem preferido calar – apesar de serem extremamente populares e correntes – como, por exemplo, a dos vocábulos obscenos/palavrões, das blasfêmias, da gíria, do discurso malicioso”. Nesse sentido, a menstruação, por ser um fenômeno associado ao órgão sexual, ou seja, uma atividade fisiológica que se remete ao órgão sexual feminino, pode causar desconforto, por isso, alguns falantes tentam evitar e utilizar a lexia *menstruação*, recorrendo às formas eufêmicas.

Em determinados contextos, por questões morais, a sociedade pode julgar aqueles que utilizam denominações que têm a ver com a menstruação ou com o sangue da vagina, considerando esses termos grosseiros ou feios, como justifica Coseriu (1991, p. 94) quando afirma que “se evitam (...) os nomes de certas partes do corpo que se consideram indecentes, particularmente, os dos órgãos genitais, as palavras que se referem a certos atos fisiológicos e particularmente que se referem a atos sexuais (...)”¹⁸.

QSL – MENSTRUAÇÃO: [As mulheres perdem sangue todos os meses como é que se chama isso _____?]

A questão formulada para apurar a variação denominativa referente ao fenômeno biológico *menstruação* não deixa dúvida quanto à sua objetividade, porque a atividade cujas denominações que se busca conhecer é um fenômeno comum em quase todos os indivíduos, conseqüentemente, supõe-se que todos sabem também a denominação dada a esse fenômeno. No entanto, há que se considerar que, embora este fenômeno seja um fator biológico, podem ser evitadas ou mesmo interditas as lexias que remetem a ele, talvez por questão da moralidade ou de religião, já que envolve o sangue, que, em certas culturas, é visto como algo sagrado, temido. Para entender como esse fenômeno se materializa na mente das pessoas e como elas externam essas ideias, foi feita uma pesquisa sobre as denominações no Brasil e em Guiné-Bissau.

Tendo como pano de fundo o conceito da *menstruação*, busca-se, agora, examinar, por meio de análise detalhada dos dados de cada localidade, os itens lexicais usados para denominar esse conceito no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau. Começa-se pelos municípios maranhenses, cujas denominações para a menstruação encontram-se reunidas em quadros.

Segue-se com a análise de dados da capital do Estado, representados no Quadro 18, a seguir.

QUADRO 18 – Respostas para a questão 121 do QSL, em São Luís

Informante	MESORREGIÃO
	NORTE MARANHENSE
	MICRORREGIÃO
	AGLOMERADO URBANA DE SÃO LUÍS
	Município
	SÃO LUÍS – (026)
01	Menstruada, tpm, tá de bode

¹⁸Tradução de nossa autoria do original de Coseriu (1991, p. 94): “se evitan (...) los nombres de ciertas partes del cuerpo que se consideran indecentes, particularmente los de los órganos genitales, las palabras que se refieren a ciertos actos fisiológicos y en particular que se refieren a actos sexuales (...)”.

02	Menstruação
03	Semana da mulher, dia da mulher, menstruação
04	Menstruação
05	Menstruação, tá de bode
06	Menstruação, regra
07	Menstruação
08	Menstruação, regra, chico, tá de bode, escrever com tinta vermelha

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados para denominação do ciclo menstrual no município de São Luís mostram que a lexia *menstruação* é a mais utilizada. Como se pode ver no Quadro 18, essa lexia só não aparece na fala do informante 01 que, por sua vez, escolheu as formas *menstruada*, *tpm*, *tá de bode* para designar o fenômeno. Tentando analisar a relação que esses informantes têm com o tema, destacam-se algumas respostas e comentários sobre esse tema. Vale destacar a fala do informante 03, um informante mais velho que, no seu discurso, pode ser percebida a variação diageracional. Pois, na sua resposta, apresenta três formas que conhece para a denominação; as formas compostas *semana da mulher*, *os dias da mulher* e a forma simples, *menstruação*. Aliás, o seu discurso deixa explícito que as duas primeiras formas são usadas por outros falantes, talvez mais jovens, e que ele, só conhece a forma canônica, como se observa na sua fala:

INF. – É, diz que é a semana da mulhé, os dia... os dia da mulhé, mas eu conheço mais mesmo por menstruação.
(Informante 03, São Luís)

Outro destaque também é da informante da segunda faixa etária que demonstrou o conhecimento sobre diversos itens que denominam esse fenômeno. A informante utilizou cinco formas entre simples e compostas para designar o fenômeno. A hipótese a essa produtividade talvez seja o fato de ela ser a informante mais velha com nível de ensino superior, o que lhe confere maior conhecimento sobre o tema.

Embora tivesse apresentada a lexia mais comuns aos falantes, a *menstruação*, ela traz também os itens *regra*, *chico*, *de bode* e *escrever com tinta vermelha*. Esse item chama a atenção pela analogia que pode estabelecer, pois, como é sabido, o sangue pode ter a aparência da cor vermelha. A metonímia e a metáfora estão na base dessa denominação, tendo em vista que a ideia geral é considerada em sua parte, ou seja, o sangue que sai da vagina (a tinta vermelha) é comparado à tinta de uma caneta, que pode ser vermelha também.

Analisando essa questão, observando as respostas dadas por informantes, percebe-se que os indivíduos do sexo masculino foram os que mais utilizaram variantes para responder à questão, como se vê nas respostas desses grupos de informantes. Apenas o informante 07, do

grupo dos homens, que usou apenas uma denominação como resposta à questão. A única denominação pode ser um indício de tabu porque o falante pode estar tentando não aprofundar o assunto, dando a resposta padrão para a questão. Vale levantar também a hipótese de que como esse fenômeno é exclusivo para pessoa de sexo feminino, os homens, para não causar mal-estar quanto ao uso da palavra *menstruação*, que pode ser desagradável em certos contextos, criam as formas eufêmicas como alternativa para o uso. É importante considerar também o sexo do inquiridor da questão, que poderá ter sido uma mulher e isso pode ter causado mal-estar nos informantes de sexo masculino.

Segue-a análise de dados da mesorregião Leste e Centro, representados no Quadro, a seguir.

QUADRO 19 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Brejo e Bacabal

Informante	MESORREGIÃO	
	LESTE	CENTRO
	MICRORREGIÃO	
	Chapadinha Município Brejo – (027)	Médio Mearim Município Bacabal – (028)
	01	Menstruação
02	Menstruação, tpm	Menstruada, menstruação
03	Menstruada, no tempo dela	De boi, tá de bode
04	Menstruada	Menstruação, incomodada, tá de bode

Fonte: elaborado pelo autor

Em Brejo, observa-se certo equilíbrio entre duas formas usadas para denominar o fenômeno em causa. Para responder a questão, os informantes usaram a forma substantiva *menstruação* e a forma adjetiva *menstruada*, o que parece ter duas formas em competição nesse município. No município, essas duas formas marcam a fala de duas gerações diferentes, ou seja, os vocábulos utilizados expõem a variação diageracional, já a *menstruação*, o termo padrão, ou seja, o canônico, é usado somente pelos informantes jovens e a *menstruada*, pelos informantes mais velhos.

A informantes 02, no seu discurso, admite que as pessoas da sua comunidade conhecem a palavra *menstruação* para se referir à atividade em questão, porém, para ela, o nome é *tpm*, como se pode ler no seu comentário:

INF: - O pessoal aqui conhece como menstruação, mas eu conheço como tpm.
(Informante 02, Brejo)

Essa informante usou, neste contexto, essa lexia como variantes da *menstruação*, mas geralmente, tpm, sigla para Tensão Pré-menstrual, é utilizada para se referir a condição de estar preste a menstruar.

Os mais velhos optam por utilizar a palavra *menstruada* talvez sejam motivados por questões tabuísticas, tendo em vista que a flexão é um recurso de fuga que leva ao abandono da forma considerada inadequada. Exemplo disso pode ser observado no comentário do informante 03, que revela o comportamento tabuístico relativo a essa denominação: ao ser questionado, ele responde:

Ah sim é... a mulher tá menstruada, é assim, a mulher tá no tempo dela. Uma vez, têm pessoas que questionou o nome, diz oh, a mulher está no tempo dela, pronto foi assim.

(Informante 03, Brejo)

Fica evidente que o informante fez uso dos itens *menstruada* e *no tempo dela* com a intenção de substituir aquilo que, talvez, seja impróprio para sua geração. Outro aspecto que chama atenção nessa análise é o sexo do informante, pois, por ser do sexo masculino, obviamente, que há maior tendência de ele tentar evitar a palavra que pode causar constrangimento, sobretudo, quando se trata de atividade específica do sexo oposto.

Em Bacabal, não muito diferente do que aconteceu em Brejo, só que nessa localidade, aparecem três formas concorrendo como mais usada para se referir ao ciclo menstrual. As três formas são: *menstruação* que é a forma mais conhecida, *menstruada* e *de bode*, também há outras variantes que não são muito produtivas, como *tá de boi*, *incomodada e nos dias*.

É importante observar como, neste município, a variável sexo é determinante. Pois a lexia *menstruação* só ocorreu na fala de informantes do sexo feminino, e os homens, por sua vez, preferiram utilizar outras formas. O não uso da palavra *menstruação* não significa desconhecimento dessa palavra por parte dos homens, o comentário do informante 01 deixa claro que há alguma motivação para não usar certo nome. Respondendo à questão, informante comenta:

É menstruada né? Tem muita gente que não quer falar o nome né? Diz hoje tal estou nos meus dias.

(Informante 01, Bacabal)

Cumprе lembrar que evitar falar nome de algo ou de alguém é índice de tabu.

Os discursos dos informantes que interditarам o item *menstruação* demonstram que esses informantes o fizeram por motivos de tabu, como o caso de utente 03, que menciona dois nomes como resposta à questão, mas, mesmo assim, ele não se assumiu naqueles que os usam, outra estratégia de fuga, como se pode ler:

É ela tá... a gente pode dizer... a maioria diz que fulano tá de boi, de bode”.

(Informante 03, Bacabal)

A informante 04, do mesmo modo e diferentemente da informante 02, que usou duas lexias para responder a questão. A informante 04 utilizou três formas diferentes, porém, deixando claro que uma ela usa e outras são da preferência de outros grupos, como se observa nesse trecho do inquérito:

INF:- Menstruação/outro dizem que a muié tá incomodada, a muié tá de bode (risos...)
(Informante 04, Bacabal)

A denominação *incomodada*, utilizada pela informante 04 desse município, talvez faça menção à situação desconfortável pela qual passa a mulher durante o ciclo menstrual. O riso dessa senhora após as respostas pode ser um indício da manifestação do tabu para com esse tema.

Segue-se a análise de dados das mesorregiões Oeste e Sul, representados o Quadro, a seguir.

QUADRO 20 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Imperatriz e Alto Parnaíba

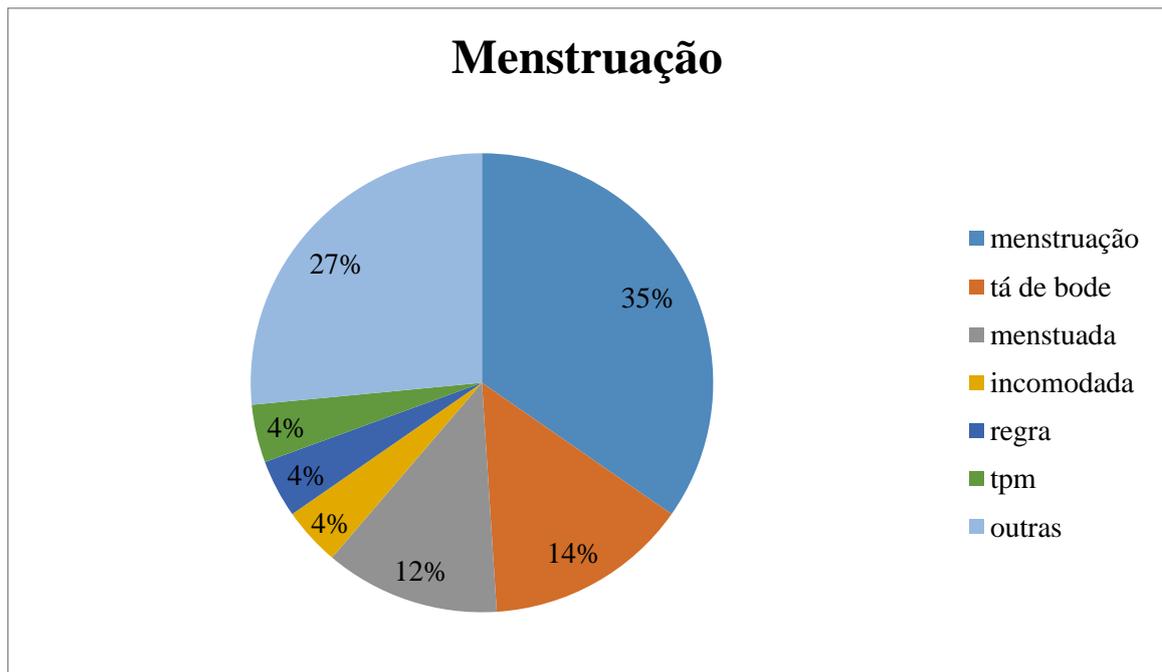
Informante	MESORREGIÃO	
	OESTE	SUL
	MICRORREGIÃO	
	Imperatriz Município	Gerais de Balsas Município
	Imperatriz – (029)	Alto Parnaíba – (033)
01	Menstruação, tá de bode	Menstruação
02	Menstruação	Menstruação
03	Não obtida	Menstruação
04	Menstruada	Menstruação, incomodada, tá de bode

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 20, que contém dados coletados nos municípios de Imperatriz e do Alto Parnaíba, mostra que a lexia *menstruação* é a variante mais usada como resposta. Essa lexia não aparece na fala do informante 03 por motivos técnicos (erro na edição do áudio que estava disponível) não foi possível ouvir a resposta do informante. Além da lexia *menstruação* predominantemente mais usada, aparecem também a variante *tá de bode*, proferido pelo informante 01. Apesar das respostas *incomodada* e *tá de bode*, registrada nas falas dos informantes, foi comentado anteriormente.

Segue-se com as porcentagens estatísticas dos dados do Maranhão, organizados na figura a seguir.

Gráfico 7 – Percentual de ocorrências no Maranhão



Fonte: elaborado pelo autor

A figura anterior mostra, por meio de dados estatísticos, as lexias mais utilizadas em resposta à questão. A lexia *menstruação* teve ocorrência de 35% (17), seguida por *de bode* com 14% (7), *menstruada* 12% (6), seguida por *incomodada* 4% (2), *regra* 4% (2), e *tpm* 4% (2). Lexias que tinham apenas um registro no *corpus (hápx)* juntas somam 27% (13).

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Metropolitana de Salvador, representados no quadro a seguir.

QUADRO 21 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Salvador

Informante	MESORREGIÃO
	METROPOLITANA DE SALVADOR
	MICRORREGIÃO
	SALVADOR
	Município
	SALVADOR – (093)
01	Menstruação
02	Menstruação, tá de boi
03	Menstruação, sangue bom, no seu tempo, no dia, tá de boi, menstruada
04	Menstruação, sangramento
05	Menstruação
06	Menstruação, regra
07	Menstruação
08	Menstruação

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados da capital do estado da Bahia mostram que, nesse lugar, o comportamento linguístico de falantes não é muito diferente do de outros municípios. Os dados revelam que todos os informantes inquiridos utilizaram a lexia *menstruação* como a primeira opção.

Nessa localidade, observa-se que é na fala do informante 03 que se tem maior quantidade de item lexical para denominar o fenômeno. A lexia *sangue bom*, proferida pelo informante 03, mostra como esse fenômeno é interpretado num contexto sociocultural. Pois, esse inquirido pode ter usado essa expressão no sentido de o sangue provido da menstruação ser o sangue de revestimento de parede uterina, provocado pelos hormônios produzidos nos ovários, um processo normal do corpo humano, sem causar danos à saúde.

Outras denominações, como *no tempo, no dia*, reforçam a ideia de que a menstruação é processo temporal, que acontece durante um determinado período, assim como outros fenômenos da natureza como, por exemplo, as estações do ano, o ciclo lunar, entre outros. Vale destacar também o termo *sangramento* que, talvez, originada de processo metonímico, visto que, durante a menstruação, acontece o processo de perda de sangue.

Nesse município, observa-se que dos oito informantes inquiridos, quatro deles utilizaram somente a lexia *menstruação* e outros quatro usaram mais de uma lexia. É importante ressaltar que o uso de uma só denominação pode ser entendido como a manifestação tabuística, uma vez que o informante pode fazê-lo como estratégia de continuar no assunto sem precisar pronunciar outra vez a lexia tabuizada. Dentre os que usaram mais de uma lexia para responder à questão, três são do sexo feminino, mas é do homem da segunda faixa etária, informante 03, que se encontra a maior variação lexical para a denominação do fenômeno.

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Centro-Norte e Extremo Oeste, representados no Quadro 22.

QUADRO 22 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Jacobina e Barreiras

Informante	MESORREGIÃO	
	CENTRO-NORTE	EXTREMO OESTE
	MICRORREGIÃO	
	JACOBINA	BARREIRAS
	Município	Município
	Jacobina – (086)	Barreiras – (087)
01	Menstruação	Menstruação
02	Não lembra	Menstruação
03	Menstruação	Menstruação, tá de bode, tá de boi
04	Menstruação	Menstruação, regra

Fonte: elaborado pelo autor

No município de Jacobina, a lexia *menstruação* predomina na fala dos informantes, ou seja, é a lexia mais utilizada para responder à questão. Essa lexia só não aparece na fala da informante 02, jovem e mulher, que demonstrou se sentir constrangida com a pergunta. Interessante perceber o comportamento dessa informante, pois, ao ser questionada sobre as denominações dadas ao ciclo menstrual, ela simplesmente sorriu e se silenciou, indicando, assim, que talvez o conteúdo não lhe fosse agradável.

Em Barreiras, a lexia *menstruação* foi proferida por todos os informantes como a resposta, e aparecem também outras variantes na fala dos mais velhos. Os jovens só utilizaram a forma *menstruação* nas suas respostas. A lexia *regra*, encontrada na fala de uma informante do município de Barreiras, retoma a periodicidade da menstruação, ou seja, todos os meses, as mulheres têm que cumprir o ritual de perder sangue.

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Nordeste e Sul, representados no quadro a seguir.

QUADRO 23 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Alagoinhas e Ilhéus

Informante	MESORREGIÃO	
	NORDESTE	SUL
	MICRORREGIÃO	
	ALAGOINHAS	ILHÉUS-ITABUNA
	Município	Município
	Alagoinhas – (088)	Ilhéus – (099)
01	Menstruação	Menstruação, tá de boi
02	Tá de boi, tá de bode	Menstruação, tá de boi, naqueles dias
03	Regra	Menstruação
04	Menstruação, menstruada, tá de boi	Menstruação, boi

Fonte: elaborado pelo autor

Em Alagoinhas, dos quatro informantes inquiridos, o item *menstruação* aparece na resposta de dois deles, e os outros dois não mencionaram essa lexia nas suas falas. Os informantes 02 e 03 preferiram utilizar outras variantes denominativas *tá de boi*, *tá de bode* e *regra* para denominar o conceito. É curioso observar que os informantes do sexo masculino utilizaram só uma denominação para a resposta, ao contrário das do sexo feminino.

Cumprir destacar a fala da informante 04, que, dentre todos dessa localidade, foi quem utilizou mais variantes denominativas. Essa informante, no seu discurso, mostra que o percurso de vida a permitiu conhecer as diferentes formas para nomear o fenômeno. Nesse caso, é possível o fator diageracional como determinante, como se pode observar no próprio discurso da informante, que comenta o que segue:

INF: Menstruação.

INQ: Chama de outro jeito, dona V?

INF: Menina, antigamente, chamava tanto nome que eu gravei foi a menstruação.
 INQ: Foi?
 INF: Foi.
 INQ: Não ficou nenhum outro?
 INF: É menstruada.
 INQ: É?
 INF: É. Mas antigamente, eu que não vou dizer, porque tá falando, tá saindo aqui, nome feio, menina. Aquele tempo atrasado nomes muito feio.
 INQ: Mas como é? qual era? diga aí para a gente ouvir! Porque é bom, a gente fica sabendo.
 INF: Normalmente, diga assim: ah fulano tá de boi, eu me criei assim mesmo (risos...).
 INQ: É. Mas isso não é feio não.
 INF: (Risos...) Menina, que moralidade essa!
 INQ: Oh meu Deus! É interessante a gente saber disso.
 INF: Tá de boi.
 INQ: É.
 INF: Depois quando eu já casada, menina, aí fui se verificando a forma civilizada, né, aí passei a ensinar menstruação. Agora já tem outro nominho, né?
 INQ: Como é?
 INF: Tá com... tem as três letra que fala.
 INQ: Ah, eu sei.
 INF: Tem aí até na televisão que fala.
 INQ: Ah!
 INF: Eu não gravei não, eu não gravo como se fala, P...
 INQ: T.P.M.
 INF: T.P.M.
 INQ: T.P.M.
 INF: É, agora tem esse nome.
 (Informante 04, Alagoinhas)

O discurso da informante deixa claro que ela conhece outra forma de denominação, as quais considera “feio”. Embora tivesse proferido alguns itens como resposta a essa questão, a senhora mostra o tabu quando comenta que seria imoral pronunciar aqueles nomes do “antigamente”, reclamando, ainda, da atitude da inquiridora quanto à busca dessas lexias. Isso fica mais claro quando ela comenta: “Menina, que moralidade essa!”.

Em outro momento da sua fala, a senhora afirma ter abandonado os itens indecentes, por ter se casado; verificou que algumas formas não eram adequadas para usa nessa nova fase de vida, o que a fez utilizar o item *menstruação* como forma mais “civilizada” ou “padronizada” para uma senhora, mostrando que, determinadas formas linguísticas são consideradas próprias ou não para um grupo específico de falantes. Além de ter adquirido a forma “civilizada”, ela admite ter passado ensiná-la ou advertir sobre o uso dessa palavra.

Em Ilhéus, constata-se que todos os informantes usaram a lexia *menstruação*. A forma *boi* ou *de boi* parece ser mais comum na fala dos mais velhos, embora não se possa negar que lexia apareça com uma certa frequência na fala dos jovens, uma apropriação talvez motivada pela convivência entre essas duas gerações. Essa hipótese foi levantada após ter observado os comentários dos informantes da segunda faixa etária que, geralmente, nos seus

discursos, comentam sobre experiências anteriores, usando a expressão *antigamente* ou *na nossa época*, como se pode observar, por exemplo, no discurso da informante 04:

INF: Menstruação.

INQ: É assim mesmo que a senhora chama? Fala verdade (Riso...).

INF: (Risos...) eu agora chamo menstruação, mas primeiro chamava era boi, tá de boi (risos...).

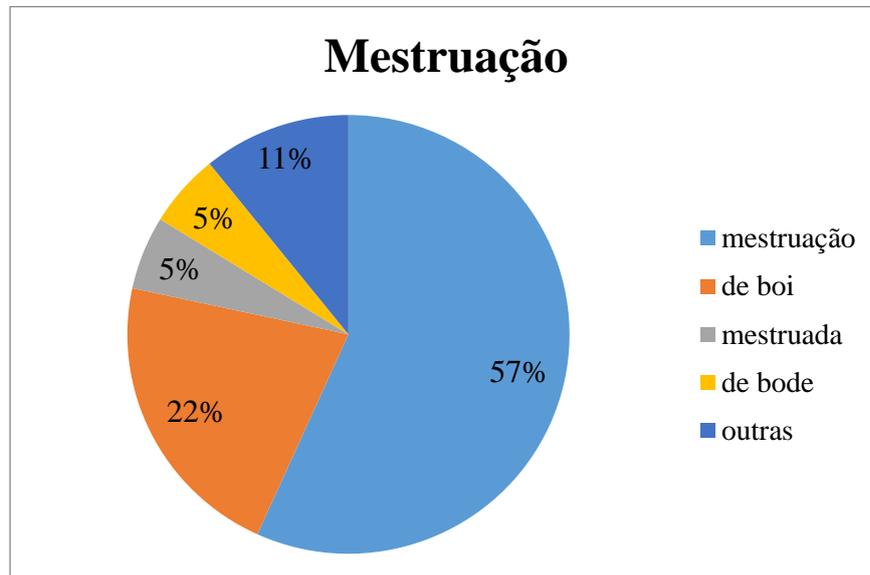
(Informante 04, Ilhéus)

Os discursos das duas informantes idosas de ambos os municípios mostram que a lexia *menstruação* não fazia parte do vocabulário comum do passado. Talvez, esse conceito tenha adquirido esse vocabulário em um passado recente, a partir de mudanças sociais, e que acarretou em uma mudança linguística.

Segue-se com a análise, as porcentagens estatísticas dos dados da Bahia, organizado por meio da figura a seguir.

Para essa questão, nessas localidades, foram selecionadas apenas quatro unidades lexicais mais produtivas, determinando mais 89% das formas. No restante das realizações, 11%, incluem-se outras formas menos produtivas.

Gráfico 8 – Percentual de ocorrências na Bahia



Fonte: elaborado pelo autor

Essa figura mostra que a unidade lexical *menstruação* valor percentual de 57% (21), seguida da forma *de boi* com 22% (8), depois *menstruada* 5% (2) e *de bode* também 5% (2). As *outras*, as formas menos produtivas ou que aparecem apenas uma vez no *corpus*, somam 11% (4).

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, organizados no Quadro 24, a seguir.

QUADRO 24 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(01) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Menstruação, jogo de Benfica	Jovens	Fundamental
	02	Menstruação	(18 a 35)	
	03	Menstruação	Idoso	
	04	Não lembra	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

Para denominação do ciclo menstrual, em Guiné-Bissau, algumas formas denominativas são iguais às encontradas no Brasil, por outro lado, há aquelas que refletem o contexto cultural da realidade guineense. Observa-se que a forma canônica *menstruação* predomina na fala desses informantes, com exceção dos informantes 01 e 04. A informante 04 não se sentiu à vontade para responder a questão, alegando não saber a resposta.

Antes de analisar o comentário da informante 04, é interessante apreciar a criatividade de informante 01, um jovem que, além de ter usado, como a primeira opção para a resposta, a lexia *menstruação*, ele trouxe a forma *jogo de Benfica*. Essa denominação tem a ver com a realidade cultural guineense, que é profundamente influenciada por alguns aspectos da cultura europeia, principalmente, o futebol. Quando questionado, o jovem demonstra essa influência:

INF:- Menstruação e Jogo de Benfica também.

INQ:- por quê jogo de Benfica?

INF:- Isso é um código que criamos, nós jovem, para dizer que a rapariga está a menstruar. Porque não pode falar isso na frente de rapariga, deixa a pessoa com vergonha.

INQ:- Mas o que é que o Benfica tem a ver com menstruação, ou seja, por que essa associação?

INF:- É por causa da cor da camisola do Benfica, porque sempre quando jogo, sobretudo no Estádio da Luz, vê-se tudo de vermelho, como se fosse o sangue derramado sobre adeptos no estádio.

(Informante 01, Bissau)

O discurso desse informante leva a uma compreensão de um processo de analogia, motivado por um processo metáfora. Esse item chama a atenção pela analogia estabelecida, pois, como é sabido, o sangue pode ter a aparência da cor vermelha, neste caso, como o clube português representa a camisa da tonalidade da cor vermelha (seu uniforme oficial) – a torcida (adeptos) do time é conhecida por diabos encarnados – pode ser a principal motivação para o uso dessa expressão. A metáfora, nesse caso, pode ser um recurso para fugir do item tabu. Portanto, segundo o jovem, essa expressão é usada para não “deixar a pessoa com vergonha”, sobretudo as do sexo feminino, conforme se lê no depoimento do informante.

A informante 04 se recusou a responder à pergunta alegando desconhecer qualquer lexia para denominar o conceito. É difícil se convencer com a explicação apresentada por essa senhora de mais de 50 anos, ao alegar desconhecer alguma forma ou expressão para se referir ao ciclo menstrual. O desconforto para com a pergunta se revela na sua expressão facial, pois a mulher demonstrava, ao longo dos outros questionários, espontaneidade alta, mas, ao ouvir a questão 121, ela mudou radicalmente, revelando o tabu para com esta questão.

Além da mudança na expressão facial, a senhora foi enfática ao repetir a negação por três vezes quando diz:

INF:- não sei, não sei, não sei.

INQ:- Senhora não sabe nem algum nome que as pessoas usam, ou nunca ouviu algum nome que esses jovens usam?

INF:- Não conheço. Vá atrás desses meninos para saber, comigo não.
(Informante 04, Bissau)

A última frase da fala dessa informante mostra claramente o quanto ela se sente desconfortável para tratar desse assunto, sobretudo com um homem jovem, como é o inquiridor. Quando pede ao inquiridor que fosse atrás dos meninos que talvez pudessem lhe dar as denominações, a senhora revelou claramente estar incomodada para tratar desse tema com um desconhecido que também é do sexo oposto.

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, organizados no Quadro 25, a seguir.

QUADRO 25 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Guiné-Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
(02) BISSAU	01	Sangramento, chovendo, jogo de Benfica	Jovens (18 a 35)	Fundamental
	02	Ver a lua, dia mulher	Idoso (50 a 65)	
	03	Semana de mulher, dias de mulher, menstruação		
	04	Semana de mulher, dia difícil		

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 25 revela, mais uma vez, o tabu linguístico com a palavra *menstruação*. Nesse quadro, essa palavra só aparece na fala do informante 03. Convém ressaltar, nesse sentido, que o que está em análise não é a ideia ou o conceito do fenômeno biológico, mas sim a lexia *menstruação*. Os termos como *sangramento*, *mulher está a chovendo* e *jogo de Benfica* são proferidos pelo informante 01, que demonstra ter conhecido outras formas, mas que prefere usar as que, talvez, sejam “menos agressivas”. No seu comentário, deixa clara a variação diageracional quanto ao uso de algumas palavras, quando afirma:

INF:- há várias formas que utiliza-se, mas nós jovens preferimos essas, porque nem sempre os ‘cotas’ sabem o que isso significa.
(Informante 01, Bissau)

No trecho do seu discurso, ele deixa claro que essas lexias servem como um código secreto (calão/gíria) do público mais novo, sem que, necessariamente, esse código seja compartilhado com os mais velhos. Segundo Paim (2013, p. 73), cada grupo etário tem uma característica pela qual é identificado. Para a autora, o discurso dos idosos sempre é “realizada através de vários tipos de informações responsáveis por situar os falantes no chamado ‘nosso tempo’”, o que caracteriza suas experiências de vida. Já os mais novos usam das suas criatividades para formar uma identidade social do grupo.

Algumas lexias chamam atenção por serem usadas num processo de analogia. O termo *sangramento*, encontrado no Brasil, também segue o mesmo processo analógico que busca a denominação de um conceito a partir de suas partes. Outro caso curioso que é interessante para a análise é *está chovendo*, que pode ter sido criada a partir da associação entre a intensidade de uma chuva forte e o fluxo de sangue do período menstrual, que pode ser intenso.

A expressão *dia difícil* talvez faça alusão às cólicas menstruais, ou seja, a indisposição da mulher nesses dias, que pode ser tanto física quanto emocional. Nesse quadro, vê-se explicitamente que o tabu linguístico se evidencia na fala de todos os informantes, mesmo na fala daquele que usou a lexia *menstruação*, o que demonstra a ideologia conservadora dos informantes guineenses, que optam pelas formas padrões.

Segue-se com a análise de dados de outro grupo de informantes de Guiné-Bissau, organizados no Quadro 26.

QUADRO 26 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
(03) BISSAU	01	Menstruação	Jovens (18 a 35)	Fundamental
	02	Ver a lua, lavar a lua, dias de mulher		
	03	Menstruação, semana de mulher	Idoso (50 a 65)	
	04	Menstruação, lavar a lua, ver a lua		

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 26, que traz os dados do terceiro grupo de informantes que têm nível fundamental de escolaridade, mostra que a lexia *menstruação* só não aparece na resposta da informante 02, que usou as expressões metafóricas *ver a lua, lavar a lua* e *dia de mulher*. As

duas primeiras expressões podem ser usadas por analogia ao núcleo desse sintagma, lua, que baseia a relação entre o ciclo lunar e o ciclo menstrual, visto que há uma semelhança entre eles, pois ambos se caracterizam por acontecerem em tempo determinado. Vale destacar que esse vocábulo, no contexto cultural guineense, é tipicamente das pessoas pertencente ao sexo feminino, sobretudo na fala das mais velhas. Para a informante 02, essas são formas utilizadas para tratar desse tema entre elas, na presença dos homens, tendo em vista que tratar desse tema, ainda de acordo com essa informante, é uma coisa reprovável. Leia-se o comentário da informante 02:

INF:- é uma forma de as nossas mães falar sem chamar o nome na frente dos homens, porque é feio falar isso.

Segundo Biderman (1998, p. 104), o vocabulário de uma língua é adquirido através do processo da educação social, e nesse processo, “o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade”.

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, organizados no Quadro 27, a seguir.

QUADRO 27 – Respostas para a questão 121 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(04) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Perder sangue	Jovens (18 a 35)	Fundamental
	02	Ver a lua, dias de mulher		
	03	Não lembra	Idoso (50 a 65)	
	04	Menstruação, ver a lua, semana de mulher		

Fonte: elaborado pelo autor

No Quadro 27, os dados mostram mais uma vez que a lexia menstruação tem sido evitada cada vez mais pelo grupo de informantes guineense que participou deste inquérito. Dentre todos informantes inquiridos, somente a informante 04 proferiu a lexia *menstruação* e outras variantes. O tabu para com esse fenômeno é tão presente na sociedade guineense que, às vezes, é difícil definir em qual sexo ou faixa etária o fenômeno se evidencia mais.

Um sinal claro desse tabu quanto à lexia menstruação é o silêncio do informante 03 diante da pergunta. Esse senhor, que já demonstrou a sua posição ideológica em outras questões, não foi diferente da posição notada anteriormente, de que, quando o assunto é desconfortável, usa o silêncio como a resposta. Diante dessa questão, o informante comentou apenas: “isso não é da minha conta”, pois demonstra claro que o assunto que está sendo

abordado não lhe diz respeito, ou seja, não cabe a ele falar disso, tendo em vista que ele é um homem. Isso revela um comportamento tabuístico, que pode ser explicado pelo fato de ser um fenômeno biológico característico de indivíduos do sexo feminino e que o informante entende o assunto como sendo inconveniente para si. Também vale ressaltar que esse informante pertence à segunda faixa etária, a faixa considerada mais conservador.

Passa-se, agora, a análise de dados de informantes de Guiné-Bissau que têm o ensino superior. Os dados desse grupo de informantes são agrupados no quadro a seguir.

QUADRO 28 – As respostas para a questão 121 do (QSL), em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
(05) BISSAU	05.a	Menstruação, semana da mulher	Jovens (18 a 35)	Superior
	06.a	Não lembra		
	05.b	Menstruação		
	06.b	Menstruação, dia difícil, ver a lua		
	07.a	Lavar a lua, menstruação	Idoso (50 a 65)	Superior
	08.a	Menstruação, sangramento, dias difíceis, ver a lua, lavar a lua, semana da mulher		
	07.b	Menstruação, jogo de Benfica, lavar a lua (risos...)		
	08.b	Menstruação		

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 28, que representa informantes do nível superior, mostra a situação um pouco diferente da dos informantes do nível fundamental, sobretudo no que diz respeito ao uso da lexia *menstruação*. Cumpre destacar que é na fala desse grupo que mais aparece essa lexia. Verifica-se que, de todos informantes desse quadro, somente a informante 06.a recusou-se a responder a questão.

Curiosamente, é na fala da informante 08.a que se tem a maior quantidade das lexias para denominar o fenômeno, porém, a informante demonstra fortes indícios do tabu linguístico no seu comentário, como se pode ler:

INF:- Meu filho, esse não é assunto de homem.

INQ:- É que estou fazendo um trabalho, preciso saber disso.

INF:- Esses nomes nem usamos com as raparigas que ainda estão a crescer, imagina com um rapaz! Vocês jovens de hoje são muito curiosos com as coisas, vocês não entendem que há assuntos que só pertencem adultos, como esse aqui.

INQ: Senhora, é um trabalho que estou fazendo, buscando entender a diferença entre o português de Guiné e do Brasil.

INF: Mas justamente com esta questão? Isso é insulto às mulheres. Se tu encontrasses uma mulher brava, poderia até ouvir o que não gostaria por causa desta pergunta. Mas como é um trabalho acadêmico, e eu também já estudei, vou dizer para ti. A palavra menstruação é mais comum, porém é um termo forte, por isso para evitar essa palavra usa-se vários nomes para falar disso. Nesses dias ouvi os meninos chamando de ‘sangramento’ até eu mesmo repudiei, porque é feio.

INQ:- Então qual é o termo adequado?

INF:- Na nossa época, usávamos termos como: dia difícil, ver a lua, lavar a lua, semana da mulher por aí vai. Temos que saber usar a linguagem leve, para não ferir a sensibilidade de alguém.
(Informante 08.a, Bissau)

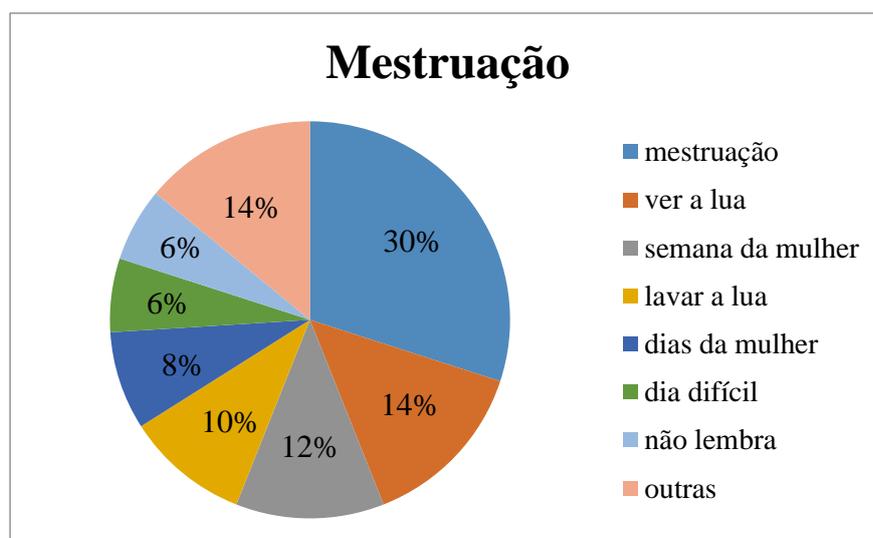
O discurso dessa senhora fala por si só, pois revela a ideologia conservadora da sociedade guineense, principalmente quando se trata de um assunto que remete ao órgão sexual. Logo no começo da conversa, a senhora admite que o questionário que lhe foi dirigido não era assunto de se tratar entre pessoas de sexos diferentes, e muito menos de faixas etárias distintas. Embora seja uma pessoa com nível de escolaridade avançado, essa informante manteve uma posição conservadora própria da sociedade guineense.

Ela deixa claro que o surgimento de outros termos substituindo a palavra *menstruação* se deu em função do tabu linguístico, porque, segundo ela, esse é “um termo forte” e que precisa ser substituído para amenizar o impacto negativo que provoca aos ouvintes. Por outro lado, o repúdio ao termo *sangramento* mostra o desconforto dessa lexia, aliás, nesse caso, não se pode atribuir esse repúdio ao uso do termo em si, mas ao fato de ser usado por indivíduos do sexo masculino com idade muito inferior à da informante.

Essa senhora também demonstrou um aspecto diageracional no seu discurso, já que parte do seu discurso se refere ao tempo passado como “na nossa época” para demonstrar que agora se trata de outro momento histórico. Paim (2013, P. 74), no seu artigo em que analisa a variação diageracional nas capitais brasileiras, utilizando dados do ALiB, afirma que as informações sobre o passado são, muitas vezes, reveladas na fala dos mais velhos por meio dos itens lexicais que fazem parte dos seus vocabulários. Além disso, os mais velhos também são reconhecidos nos seus discursos pelas “expressões, estruturas formulaicas, formas de tratamentos, relacionados com sua época”. É justamente essa marcação temporal que ocorreu no discurso da informante 8.a, usando a expressão temporal “na nossa época” para dizer que a sua geração usava a linguagem moderada, evitando termos eróticos ou obscenos. Dessa forma, se não se tratasse de um trabalho de cunho acadêmico, provavelmente, a informante não colaboraria respondendo essa questão, visto ser esse um assunto delicado.

Como se observa no quadro, os idosos apresentam menos tabu do que as idosas, por outro lado, as mulheres, nesse grupo, apresentam maior indício de tabu, negando-se e fazendo comentários negativos com relação ao tema.

Analise-se, a seguir, as porcentagens estatísticas dos dados de Guiné-Bissau, dos informantes com ensino superior, interpretados por meio da figura a seguir. Para essa questão, nessas localidades, foram selecionadas seis unidades lexicais mais recorrentes e restantes incluem-se nas outras formas.

Gráfico 9 – Percentual de ocorrências em Guiné-Bissau

Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico mostra que nessa localidade a lexia mais recorrente foi a *menstruação* com 30% (15), seguida de *ver a lua* 14% (7), *semana da mulher* 12% (6), *lavar a lua* 10% (5), *dias da mulher* 8% (4), *dia difícil* 6% (3) e *não lembra* 6% (3). As *outras* formas usadas somam 14% (7).

4.2.2. As formas registradas e não registradas nos dicionários da língua portuguesa para denominação do ciclo menstrual

O quadro a seguir apresenta a pesquisa feita nos dicionários da língua portuguesa para averiguar como esses itens lexicais são registrados nos dicionários pesquisados, apurar também se essas acepções correspondem à resposta que se busca na aplicação do questionário do Projeto ALiB e em Guiné-Bissau. Como havia sido justificado no item 4.1.3, o dicionário é um documento que legitima item lexical, dito de outra forma, o dicionário dá o item lexical o status de palavra pertencente a uma língua, pois quando uma unidade lexical está registrada no dicionário, ela passa a “existir” na língua (KRIEGER, 2007). Desse modo, busca-se observar se os conceitos e denominações apresentados pelos informantes já estão dicionarizados.

Quadro 29 – Informações sobre busca nos dicionários

QSL 135 – menstruação	Dicionários consultados		
	Aulete (2011)	Houaiss (2004)	Cunha (1986)
Lexias utilizadas			
chico	=	=	–
chovendo	–	–	⊖
dias de mulher	⊖	=	⊖
dias difíceis	⊖	⊖	⊖

doente	+	—	—
escrever com tinta vermelha	⊖	⊖	⊖
incomodada	=	=	⊖
jogo de benfica	⊖	⊖	⊖
lavar a lua	+	=	—
menstruação	=	=	=
menstruada	=	=	=
naqueles dias	⊖	+	⊖
perder sangue	⊖	⊖	⊖
tá de bode	=	=	—
tá de boi	=	=	—
tempo dela	⊖	⊖	⊖
tpm	—	—	⊖
regra	—	=	—
sangue bom	⊖	⊖	⊖
sangramento	+	+	⊖
semana da mulher	⊖	⊖	⊖
ver a lua	=	=	—

Fonte: elaborado pelo autor

Legenda utilizada no Quadro 29 para fornecer informações sobre busca nos dicionários: (=) *mesma acepção*; (+) *extensão de sentido*; (—) *outra acepção*; (⊖) *não registrado no dicionário*.

Os dados coletados nas localidades pesquisadas permitem observar que as denominações dadas pelos informantes e registradas nos dicionários apresentam algumas características para o fenômeno biológico menstruação. É possível traçar, por meio dos itens lexicais usados nas respostas, o perfil dos informantes de diferentes comunidades e de diferentes gerações, pois a expressão cultural e posicionamento ideológico estão sempre agindo sobre os usos da língua operados pelos informantes desta pesquisa. Os processos da analogia e criações metafóricas mostram a criatividade dos falantes na tentativa de fuga do elemento considerados tabu. Exemplos das lexias como *sangramento*, *tá de boi*, *tá de bode*, *escrever com tinta vermelha* e outras remetem à ideia do fluxo de sangue que é eliminado pela vagina. Portanto, essas expressões *sangramento*, *tá de boi*, *tá de bode* fazem alusão ao fluxo sanguíneo motivado por uma lesão. As denominações como *incomodado*, *dias difíceis*, *dias da mulher* e outras apontam para possível incômodo que esse fenômeno causa as mulheres durante esse período. É importante notar também que algumas expressões refletem determinadas culturas e representam uma localidade, como se observa nos usos de expressões como *jogo de benfica* e *ver a lua*, que só aparecem na fala dos guineenses, e *chico*, *regra*, comuns na fala dos brasileiros. Também pode-se considerar a ausência de denominações para esse fenômeno na fala de alguns informantes por motivos culturais, tendo em vista a visão que esses indivíduos têm da socialização de alguns temas, como a própria menstruação. Vale a pena ressaltar ainda que o tabu quanto à menstruação se dá por esse ter como base a ideia do

órgão sexual feminino em volta. Esses dados reforçam a ideia de que algumas proibições são reveladas no uso e no não uso dos elementos léxicos.

4.2.3 Quadro da produtividade das lexias por localidades para o conceito da menstruação

QUADRO 30 – distribuição diatópica

MUNICÍPIOS DO MARAMHÃO		
	Nome da Localidade	Itens lexicais utilizados
(026)	São Luís	Menstruação, menstruada, tpm, semana da mulher, dia da mulher, regra, chico, tá de bode, escrever com tinta vermelha
(027)	Brejo	Menstruação, tpm, no tempo dela, menstruada
(028)	Bacabal	Menstruada, nos dias, menstruada, tá de boi, tá de bode, incomodada
(029)	Imperatriz	Menstruação, tá de bode, menstruada
(033)	Alto Parnaíba	Menstruação, incomodada, tá de bode
MUNICÍPIOS DA BAHIA		
(086)	Jacobina	Menstruação
(087)	Barreiras	Menstruação, tá de bode, regra
(088)	Alagoinhas	Menstruação, tá de boi, tá de bode, regra, menstruada
(093)	Salvador	Menstruação, tá de boi, sangue bom, no seu tempo, no dia, menstruada, sangramento, regra
(099)	Ilhéus	Menstruação, boi, tá de boi, naqueles dias
GUINÉ-BISSAU		
(01-05)	Bissau	Menstruação, jogo de Benfica, sangramento, chovendo, ver a lua, dia de mulher, semana de mulher, dia difícil, lavar a lua, perder sangue

Fonte: elaborado pelo autor

No Quadro 30, reúnem-se os itens lexicais utilizadas em resposta à questão 147 do QSL por localidades. Esse quadro apresenta, de maneira panorâmica, a variedade dos itens lexicais usados para nomear o conceito de menstruação.

Nas localidades brasileiras pesquisadas, não se encontrou muita variação referente ao ciclo menstrual. No entanto, quando se compara Brasil e Guiné-Bissau, há algumas denominações específicas que refletem o contexto sociocultural de cada espaço geográfico. Pode-se citar *jogo de Benfica* na variedade guineense e *tá de bode* em algumas localidades brasileiras. As lexias usadas nessas duas localidades, ou seja, no Brasil e em Guiné-Bissau, para nomear o conceito de menstruação, mostram como a língua expressa a cultura de um povo. Um conceito construído em duas realidades culturais diferentes pode apresentar as mesmas características assim como denominações diferentes ou vice-versa, revelando olhares próximos e diferentes para o mesmo referente. Essas formas iguais/diferentes de olhar o mundo se reflete na seleção das unidades lexicais para nomear esse conceito. No Brasil, por exemplo, encontram-se as denominações *tá de boi*, *tá de bode*, *regra* e outras que são construídos a partir de um processo metáfora, relacionando o sangue de boi ou bode sacrificado ao sangue ciclo menstrual. A regra, por ser uma determinação biológica, ou seja, aquilo que é obrigatório em mulheres saudáveis pode ter sido associado ao fenômeno

menstruação, por este ter essa natureza, ou seja, uma atividade da qual os indivíduos do sexo feminino de uma determinada idade não podem evitar, uma determinação da natureza humana. Em Guiné-Bissau, as denominações *ver a lua*, *lavar a lua*, *semana da mulher* foram criadas a partir de um processo metonímico que fundamenta uma metáfora que é construída a partir do traço tempo regular nos dois conceitos: enquanto que, no ciclo lunar (as fases da lua), encontra-se uma regularidade, no ciclo menstrual, também possui uma certa regularidade, o traço que os une.

4.3 Finado: O que se refere à morte também é motivo da interdição

*Então nesse instante sim
sofrerei quem sabe um choque
um piripaque, ou um baque
um calafrio ou um toque
coisas naturais da vida
como comer, caminhar
morrer de morte matada
morrer de morte morrida
quem sabe eu sinta saudade
como em qualquer despedida.*
(Não Tenho Medo da Morte – Gilberto Gil)

A morte é a única certeza que o ser humano tem. Mesmo com toda essa certeza do dia da morte, ninguém a deseja. Como na epígrafe desta seção, feita com o texto de Gilberto Gil, observa-se a naturalidade da morte na cultura humana, em muitas culturas, a morte é vista como algo natural, como comer e caminhar. Desde a Antiguidade, os grandes filósofos e poetas tentavam desvendar este fenômeno para melhor compreendê-lo. É importante lembrar que a própria ciência vem evoluindo graças à vontade do homem de vencer o tempo e a morte.

Por outro lado, a morte, para muitas culturas pode ser um fenômeno que causa profunda dor. A morte se transformou em um acontecimento indesejável, uma vez que atrapalha o andamento normal da vida. Nesse contexto, é fácil perceber o porquê dos homens fazerem de tudo para ignorá-la ou mesmo evitarem falar dela e das coisas que a podem atrair, tais como doenças incuráveis, tocar objetos considerados sagrados e proferir nomes de seres sobrenaturais. Nessas culturas, determinadas palavras e práticas devem ser evitadas para afastar um acontecimento que pode desencadear-se em morte.

Nesse sentido, o tabu sobre a morte se evidencia no esforço que os indivíduos fazem para afastar a qualquer coisa que remeta a ideia de morte, para adiá-la. Isso fica claro quando o assunto é tratado com uma criança: por exemplo, quando ela quer saber de um parente

falecido, ou sobre um ente querido que está morto, ninguém se arrisca a explicar a real situação, evitando, assim, causar mal-estar ou abalo psicológico à criança.

Abbagnano (1982, p. 653), no seu *Dicionário de Filosofia*, explica que a morte “pode ser considerada como falecimento, isto é, como um fato que tem lugar na ordem das coisas naturais; em sua relação específica com a existência humana”. Considerando a ideia do autor, não se pode negar que a morte sempre está presente entre humanos, faz parte da lei da natureza, porém nem sempre é tratada como uma coisa natural, visto que sempre causa transtorno e inconformismo. Por ser tão temida e ser tão natural, nas diferentes culturas, são dados tratamentos diferenciados aos indivíduos mortos em cerimônias fúnebres, que recebem um tratamento religioso. Em muitos casos, nas cerimônias fúnebres, o sinal da morte é respeitado, impondo comportamentos diferenciados sobre os indivíduos.

De um modo geral, todas as religiões têm uma concepção sobre a morte. Por exemplo, cristãos, islâmicos, judeus acreditam na ressurreição após a morte, já os espíritas creem em encarnação após a morte. Esta mesma concepção está presente em sociedades consideradas tradicionais, inclusive as africanas, em que a morte é tratada com dignidade. Para elas, os mortos são onipresentes e ocupam um lugar decisivo na hierarquia de um ser na sociedade, pois de acordo com Augel (2007, p. 93), na sociedade guineense, por exemplo, os *irans*, entidades sobrenaturais que são responsáveis por receber os mortos, buscam as almas das pessoas que passam a fazer parte do mundo das entidades invisíveis e a presença dessa entidade é muito temida entre os guineenses. Nesse sentido, respeitar o morto é fundamental em culturas como a de Guiné-Bissau.

Ullmann (1987, p.149) afirma que, “(...) entre os masais da África, nunca se menciona o nome de uma pessoa que já morreu [...]”, porém, caso um nome semelhante ao nome do morto venha a soar igual ao nome interdito, aquele terá que ser substituído. Por seu turno, Guérios (1979, p.80) ressalta que, em várias sociedades, existe tabu sobre a morte. Segundo ele, “(...) entre os índios, pronunciar o nome de um morto é atrair desgraças (...)”, porque eles creem no poder do espírito da morte, que sempre está por perto. É por isso que, nas tribos da Austrália central, só por uma grande necessidade, cita-se o nome da pessoa morta e, quando se o faz, é em voz baixa.

Ainda segundo Guérios (1979, p. 81), entre os mossais (África), “(...) é ofensa grave declarar a denominação do extinto entre os parentes. Substituem-na por nome novo, que, então, podem torná-lo público”. Ainda de acordo com esse autor, entre certas tribos da Nova Gales do Sul, com a morte de um poeta, não transmitem-se suas canções para dança, de geração a geração, pois seu nome é tabuizado, e suas músicas deixam de ser cantadas. Na

América do Norte, segundo o autor, “(...) todos os tocaios do defunto abandonam o nome, adotando outro em solenes cerimoniais”. (GUÉRIOS, 1979, p. 82). Ainda é crime, entre os caroques (Califórnia) citar o parente falecido. Já para os goajiros (Colômbia), a punição pode ser mais severa, pode ser morte ou multa que, geralmente, corresponde a dois ou mais bois (cf. GUÉRIOS, 1979).

Scantamburlo (1991, p.76) afirma que o povo bijagó (Guiné-Bissau) “acredita que os mortos continuam a partilhar da vida da tabanca [aldeia] e os vivos têm o dever de tomar conta deles”. Essa proximidade dos vivos com os mortos faz com que o povo bijagó os respeitem ou os temam. O autor ressalta ainda que, quando morre uma pessoa, principalmente um ancião, a sua família oferece à comunidade comida, bebida e tabacos, além de falar das qualidades do morto. Mas, a “ninguém é permitido mencionar o seu nome ou olhar para as suas fotografias”. Essa interdição demonstra que o medo que perpassa a comunidade bijagó em relação aos mortos consiste no poder sobrenatural que é atribuído aos mortos.

Tendo essas ideias como cenário de reflexão, percebe-se que, desde épocas primitivas, cada sociedade posiciona-se segundo uma lógica de associação e interpretação das coisas que a rodeiam, dando-lhes as interpretações de acordo com as suas crenças e filosofia de vida. De certa forma, isso acaba levando a uma associação ou conexão mística entre a palavra e a coisa por ela designada. É, portanto, essa conexão entre o evento de morte e as palavras que fazem menção a esse evento que se enfoca a seguir.

QSL – FINADO / FALECIDO: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

O objetivo dessa questão é apurar as diferentes formas denominativas para se referir à pessoa que já morreu. A questão foi formulada para observar a variação denominativa referente ao conceito de pessoa morta. A questão não deixa dúvida quanto à sua objetividade. Nesse sentido, tendo em vista que essa questão poder transparecer algum medo dos falantes quanto à morte – alguns itens lexicais referentes ao conceito podem ser interditados devido ao medo para com a figura da entidade nomeada – ela foi selecionada para observar algum comportamento tabuístico.

Tendo como pano de fundo as denominados *finado/falecido*, busca-se, agora, examinar, por meio de observação dos dados de cada localidade, os itens lexicais usados para denominar esse conceito no Brasil – Maranhão e Bahia – e em Guiné-Bissau. Começa-se pelos municípios maranhenses, cujas denominações para o finado encontram-se reunidas nos quadros que seguem.

Segue-se com a análise de dados da capital do Estado, representadas no Quadro, a seguir.

QUADRO 31 – Respostas para a questão 135 do QSL, em São Luís

Informante	MESORREGIÃO
	NORTE MARANHENSE
	MICRORREGIÃO
	AGLOMERADO URBANA DE SÃO LUÍS
	Município
SÃO LUÍS – (026)	
01	Faleceu ¹⁹
02	Fulano
03	Falecida, defunto
04	Fulano, faleceu
05	Falecido
06	Falecida
07	Finado, falecido
08	Falecido, falecida, finado, finada

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados referentes ao município de São Luís demonstram a diversidade de uso de itens lexicais para se referir a quem já morreu. No Quadro 31, a lexia *finado* e *finada* só apareceram na fala de dois informantes, os utentes 07 e 08. Sendo o alvo da questão, se esperava que o uso dessa lexia se predominasse em resposta a essa pergunta, porém o item *falecido*, que é também alvo da resposta, é que predominou entre informante dessa localidade. O não uso dessa palavra para responder a questão pode ser motivado por fenômeno tabu: o termo é utilizado, no Brasil, para demonstrar respeito pela memória da pessoa falecida. A hipótese de esses informantes terem utilizados essa lexia na resposta pode não ser exclusivamente o fator idade, mas também a escolaridade, visto que as pessoas mais instruídas tendem a tabuizar menos. Geralmente, os idosos, talvez por terem visto e convivido com maior frequência com pessoas morrendo ou mortas, tendem a ter maior naturalidade com esse fenômeno, o que pode justificar que todos apresentaram duas denominações, contrariamente, os jovens apresentam apenas uma denominação. O fator idade, nesse sentido, se mostrou relevante. Considerando o fator sexo e o número de informantes do Quadro 31, o sexo feminino apresentou menor tabuização do que o sexo masculino, tendo em vista que essas denominaram muito mais o conceito em análise.

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Leste e Centro, representados no Quadro 32, a seguir.

¹⁹ É importante esclarecer que forma “faleceu” geralmente é identificada como flexão do verbo falecer em terceira pessoa de singular, mas neste trabalho, devido ao uso frequente dessa forma como resposta a questão, decidiu-se incluí-la nas lexias usadas como resposta, sem necessariamente categorizá-la como substantivo.

QUADRO 32 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Brejo e Bacabal

Informante	MESORREGIÃO	
	LESTE	CENTRO
	MICRORREGIÃO	
	Chapadinha Município Brejo – (027)	Médio Mearim Município Bacabal – (028)
01	Finada	Finado
02	Fulano	Finado
03	Falecida	Finado
04	Finado	Finado

Fonte: elaborado pelo autor

Nos dois municípios situados no Leste e no Centro de Estado, vê-se a situação diferente do que encontrada na capital do estado. Os dados do Quadro 32 mostram que, dentre todos informantes, somente dois deles não proferiram a lexia *finado*, ambos do município de Brejo: a informante 02, que usou o termo genérico *fulano* e o informante 03, que empregou o termo *falecida*. Em comparação com São Luís, por exemplo, os informantes dessa região optam pela lexia padrão, o que pode ser um índice de tabuízação.

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Leste e Centro, representados no Quadro 33, a seguir.

QUADRO 33 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Imperatriz e Alto Parnaíba

Informante	MESORREGIÃO	
	OESTE	SUL
	MICRORREGIÃO	
	Imperatriz Município Imperatriz – (029)	Gerais de Balsas Município Alto Parnaíba – (033)
01	Finado	Finada
02	Falecido	Finado
03	Não obtida	Finada
04	Finado	Finado

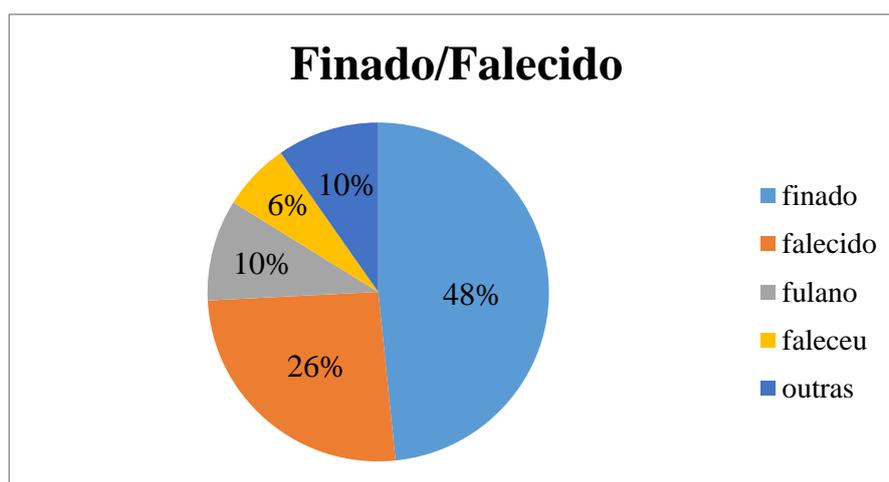
Fonte: elaborado pelo autor

Nos municípios de Imperatriz e de Alto Parnaíba, verifica-se nas repostas apresentadas no Quadro 33 que, além de informante 03 cuja gravação apresentou problemas técnicos, o que impossibilitou a obtenção de uma resposta, e a informante 02 que usou forma *falecido*, todos os outros informantes utilizaram a lexia *finado* sendo único item como resposta. Nessa perspectiva, não se pode afirmar que há indícios de tabu para com a palavra, mas sim quando se trata do nome que a pessoa tinha em vida, que geralmente não é proferido, como comenta o informante 04 de Imperatriz:

INF: - Finado, né? Não sei porque, mas as pessoas não chamam o nome, é finado mesmo.

Seguem-se com a análise, as porcentagens estatísticas dos dados do Maranhão, interpretados por meio da figura a seguir. Para essa questão, nessas localidades, foram selecionadas apenas quatro unidades lexicais mais recorrentes. Os *hápax* incluem-se nas outras formas.

Gráfico 10 – Percentual de ocorrências no Maranhão



Fonte: elaborado pelo autor

A computação estatística mostra que a lexia *finado* com 48% (15) foi a mais usada, seguida de *falecido* 26% (8), *fulano* 10% (3). Por último, veio a forma verbal *faleceu* com 6% (2) e as *outras* denominações representam 10% (3) do total de denominações.

Após a análise dos dados do Maranhão, apresenta-se, a seguir, os dados do estado da Bahia. Desse modo, segue-se a análise de dados da mesorregião Metropolitana de Salvador, representados no quadro a seguir.

QUADRO 34 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Salvador

Informante	MESORREGIÃO
	METROPOLITANA DE SALVADOR
	MICRORREGIÃO
	SALVADOR
	Município
	SALVADOR – (093)
01	Falecido, finado
02	Finado
03	Pessoa que já morreu, quem não está entre nós.
04	Finada
05	Finado
06	Finado, falecido
07	Finado
08	Questão não gravada

Fonte: elaborado pelo autor

Em Salvador, dos oito informantes que compuseram *corpus* desse município, somente dois não realizaram a lexia *finado*. A ausência dessa lexia se observa na resposta do infamante 03, de quem se lê esse comentário:

INF: É, é difícil tratar assim, tem que tratar pelo nome da pessoa que já morreu, eu chamo mesmo, é... sinhô Paulo morreu (inint...), sinhô Paulo não está entre nós, mais.

INQ: tem um nome específico que chama? Porque as pessoas não gostam de chamar pelo nome.

INF: É tem gente que não gosta, mas eu gosto, eu falo assim diretamente.

(Informante 03, Salvador)

O discurso desse informante revela uma demonstração de coragem para com nome de quem já morreu, porém se desvia da palavra *finado* que é, geralmente, usado para se referir ao indivíduo morto. Diferente do que pensa o informante 03, a informante 07 revela o que está por trás de não chamar nome de quem já morreu. Ela atribui essa crença aos outros (*dizem*), que acreditam que o nome da pessoa morta atrai o espírito dessa pessoa, portanto, não pode ser pronunciado em função do medo, como diz:

INQ: por que não se diz o nome?

INF: É, porque dizem que se não dizer assim, o outro aparece (risos...)

INQ: Eu acho interessante isso.

(Informante 07, Salvador)

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Centro-Norte e Extremo Oeste da Bahia, representados no quadro a seguir.

QUADRO 35 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Jacobina e Barreiras

Informante	MESORREGIÃO	
	CENTRO-NORTE	EXTREMO OESTE
	MICRORREGIÃO	
	JACOBINA	BARREIRAS
	Municípios	Municípios
Jacobina – (086)	Barreiras – (087)	
01	Finado, faleceu	Finado
02	Falecido	Finado
03	Finado	Finado
04	Defunto, falecido	Falecido (risos...)

Fonte: elaborado pelo autor

Os dados dos dois municípios que compõem o Quadro 35 mostram que o item *finado* foi interdito apenas na fala de três informantes, o que não se pode justificar se foi por motivo tabuístico ou não, visto que tanto os que proferiram essa lexia quanto os que não a proferiram foram objetivos nas respostas, sem quaisquer comentários que possam conduzir a uma análise para verificar indícios tabuísticos.

Talvez, um indício de tabu são os risos após a resposta da informante 04, de Barreiras. De qualquer modo, é importante lembrar que nem sempre risos sejam sinal de tabu

linguístico, principalmente, em tabus de natureza religiosa. Esses risos, sem outros elementos que possibilitem uma análise detalhada, não são suficientes para afirmar a existência do tabu.

Segue-se com a análise de dados da mesorregião Norte e Sul, representados no quadro a seguir.

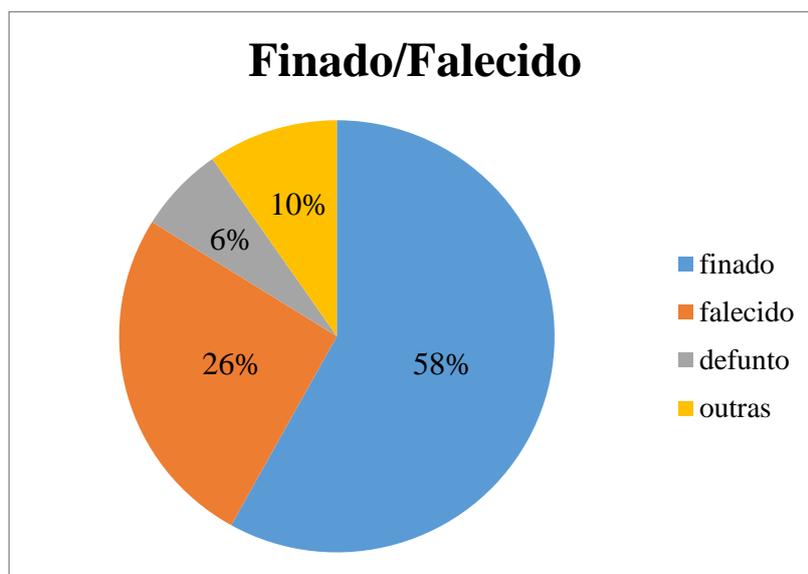
QUADRO 36 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Alagoinhas e Ilhéus

Informante	MESORREGIÃO	
	NORDESTE	SUL
	MICRORREGIÃO	
	ALAGOINHAS	ILHÉUS-ITABUNA
	Município	Município
	Alagoinhas – (088)	Ilhéus – (099)
01	Finada	Falecido
02	Finado	Falecido
03	Finada, finado, falecido	Finado
04	Defunto, finado	Finado

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 36, que representa os dois municípios baianos, mostra que a situação quanto à produção da lexia *finado* não é diferente das outras localidades. De todos os informantes que compõem esse quadro, o item *finado* não ocorreu somente na resposta de dois sujeitos, ambos jovens do município de Ilhéus. A ausência da lexia *finado* na resposta desses dois jovens ilheenses não foi suficiente para apurar se a interdição dessa lexia se deveu por questão do tabu, embora houvesse uma longa pausa antes da resposta na fala da informante 02, que é uma das estratégias da manifestação tabuística. O silêncio pode ser um indício de pouca familiaridade com o tema, tendo em vista que os jovens pensam menos na morte do que os idosos.

Seguem-se com a análise, as porcentagens estatísticas dos dados da Bahia, interpretados por meio da figura a seguir. Para essa questão, nessas localidades, foram selecionadas apenas três unidades lexicais mais recorrentes e restantes incluem-se nas outras formas.

Gráfico 11 – Percentual de ocorrências na Bahia

Fonte: elaborado pelo autor

Nas localidades baianas, a estatística mostra que o item *finado* foi o mais recorrente com 58% (18), seguido de *falecido* 26% (8) e do *defunto* 6% (2). Os outros itens somados deram 10% (3).

Após a apresentação e comentário dos dados do Brasil, segue-se com a análise de dados de Guiné-Bissau, representados no quadro a seguir.

QUADRO 37 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Guiné-Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(01) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Falecida, defunto	Jovens	Fundamental
	02	Falecida, falecido fulano	(18 a 35)	
	03	Coitada, aquele que já partiu	Idoso	
	04	Não lembra	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

Em Guiné-Bissau, o primeiro quadro representando informantes do nível fundamental da escolaridade revela a ideologia que está por trás do uso e não uso de uma determinada palavra. Apesar de a lexia *finado* ser um dos alvos da questão 135, nenhum informante fez a realização desse item. Foram usadas as mais variadas formas para se referir quem já morreu sem mencionar o nome, como explica o informante 03, na sua resposta:

INF:- Nós chamamos de coitada ou quem partiu.

INQ:- Por quê que vocês chamam de coitada?

INF:- Porque a pessoa morreu, perdeu o que é mais valiosa que tem, a vida. Coitada é usado também expressar pena que sente de quem morreu.

(Informante 03, Bissau)

Esse informante, idoso de 63 anos, esclarece o porquê da escolha da lexia *coitada* para se referir à pessoa morta. No contexto guineense, essa palavra é usada geralmente para se referir a quem não tem bens materiais, ou seja, é sinônimo de pobre. Na explicação dada por informante, há uma certa semelhança no uso dessa palavra, a perda da coisa valiosa. Se, de um lado, *coitada* é aquele indivíduo que não tem riqueza material, por outro lado, quem perde a vida é tratado como um *coitado*, visto que, para o povo guineense, a vida é maior riqueza que um indivíduo pode ter. Portanto, perdê-la simboliza uma perda inestimável, porque é a mais valiosa riqueza de tudo.

Ainda sobre os dados desse quadro, vale descrever o comportamento da informante 04 perante o questionário. Ao ser questionada sobre as denominações dada à pessoa que já morreu, a senhora de 65 anos, que já vinha se silenciando diante das questões que não lhe agrada, demonstrou mais uma vez que aquele assunto não lhe diz respeito. O silêncio absoluto e o olhar preocupante da senhora revelam o quanto esse assunto a incomodava, tanto que não pronunciou nenhuma palavra até que passasse para outra pergunta.

Segue-se com a análise dos dados de Guiné-Bissau, que estão organizados no quadro a seguir.

QUADRO 38 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Guiné-Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(02) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Falecida	Jovens (18 a 35)	Fundamental
	02	A pessoa do outro mundo		
	03	Não lembra	Idoso (50 a 65)	
	04	Não lembra		

Fonte: elaborado pelo autor

Nesse quadro, que representa um grupo de informantes com nível de escolaridade fundamental, o tabu linguístico se evidencia ainda mais, tanto pelo nome *finado* quanto pela figura a que se refere. Os informantes mais jovens, apesar de terem respondido usando itens *falecida* e *a pessoa do outro mundo*, em seu discurso, revelam o temor para com quem já morreu. A informante 02 comenta:

INF: - falam pessoa de outro mundo para afastar a alma de nós, não pode chamar o nome e muito menos falar a palavra que pode atrair o espírito.

A crença de que chamar o nome de quem já morreu ou utilizar algum termo que se referisse ao morto fez com que os dois informantes da segunda faixa etária se recusassem a mencionar qualquer item lexical, para evitar a represália do espírito do morto. O Mesmo

comportamento foi observado no Brasil com o informante 07 de Salvador, mas com menor intensidade. O informante 03 de Guiné-Bissau, em um curto comentário, diz:

INF:- Esse assunto é complicado.
 INQ:- É? Mas é dizer o nome!
 INF:- Não é só dizer o nome, mais do que isso. É melhor fechar esse assunto!”.
 (Informante 03, Bissau)

A recusa em não chamar algum nome e a solicitação para abandonar o assunto demonstram o quanto o tema relacionado à morte é tabu na sociedade guineense. Essa mesma postura, talvez do medo ao espírito de quem já morreu, levou a informante 04, uma senhora de 62 anos, a fugir de mencionar qualquer termo que possa atrair um espírito de morte. A informante deixou claro que a interdição é provocada pelo medo da aparição do espírito, como se pode ler:

INF:- Não, não posso falar o nome.
 INQ:- Não é chamar o nome que tinha em vida, mas a forma para se referir a essa pessoa?
 INF:- Sim, estou a entender sua pergunta, mas é que não posso responder isso.
 (Informante 04, Bissau)

O discurso dessa senhora deixa claro que o não-resposta não foi desconhecimento das denominações, mas sim, por questões do tabu, pois supõe-se que, na sociedade guineense, pronunciar o nome de certas entidades, pode atraí-las. Dentro desse grupo, os idosos apresentam maior tabu quanto à questão da morte, muito embora possa-se observar manifestações tabuísticas no discurso dos jovens.

Segue-se com a análise de dados de Guiné-Bissau, representadas no quadro a seguir.

QUADRO 39 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(03) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	01	Falecido fulano	Jovens	Fundamental
	02	Morto, coitada	(18 a 35)	
	03	Pobre, alma de outro mundo	Idoso	
	04	Não lembra	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

Os informantes guineenses do nível fundamental da escolaridade desse grupo seguem a tendência dos outros grupos, demonstrando, claramente, um temor para com a pessoa morta e, conseqüentemente, com a ideia e com o nome finado. As denominações usadas, as expressões faciais, os gestos, o silêncio são mecanismos utilizados por esses sujeitos da pesquisa para fugir da questão.

As expressões *alma de outro mundo*, utilizada pelo informante 03, mostra a dimensão que se dá à figura de quem já morreu. Pois, no contexto cultural guineense, os seres sobrenaturais, residentes do mundo invisível, podem transitar entre o mundo visível e invisível, da mesma forma o espírito de quem morreu também segue esse percurso: sai do mundo dos vivos e entra no mundo dos mortos, chamado “outro mundo”. Segundo Augel (2007, p. 93), a crença dos guineenses nas entidades sobrenaturais é tão forte que tudo o que diz respeito à vida tem uma explicação divina. Credo na existência de um mundo além desse, o povo guineense acredita que um indivíduo morto simplesmente se transfere por outro lugar, onde é recebido por *irans* (divindades protetoras com poder de castigar), que lhe atribui o poder.

Talvez, esse seja o principal motivo por trás do pavor dos falantes, relacionado à morte, mais especificamente aos espíritos. O respeito às divindades e o medo à retaliação dessas forças têm sido observado no comportamento de informantes guineenses. Chama à atenção o silêncio dos mais velhos que, sempre que o tema da conversa se refere à morte, eles declinam de tecer algum comentário. Quase todos informantes dessa faixa etária que se recusaram a proferir itens como resposta a questão tiveram o mesmo comportamento, demonstrando que o fizeram por razões tabuísticas. A informante 04 reafirma esse comportamento, ao ser questionada, ela diz:

INF:- Não estou preparada para responder essa pergunta.

Aqui, pode-se inferir duas coisas: i) o assunto pode não lhe agradar por trazer lembranças ruins, por ter perdido um ente querido há pouco tempo. Por outro lado, ii) pode ser pela crença de que alguma palavra possa atrair o espírito que pode causar algum mal.

O quadro 40, a seguir, apresenta os dados de um outro grupo de informantes de Guiné-Bissau.

QUADRO 40 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Guiné-Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
(04) BISSAU	01	Falecido	Jovens	Fundamental
	02	Defunto, morto	(18 a 35)	
	03	Não lembra	Idoso	
	04	Falecido	(50 a 65)	

Fonte: elaborado pelo autor

O último quadro, que representa informantes guineenses com ensino fundamental, mostra que o uso da *lexia* finado para se referir a pessoa que já morreu constitui ainda um

tabu nessa sociedade. Esses informantes preferem recorrer a outros termos como *falecido*, *defunto*, *morto* para se referir a quem já morreu, retendo o item *finado*, utilizando formas mais padrões na língua portuguesa. Isso mostra que, nessa cultura, esse item tem uma carga semântica muito forte e é conotada a uma divindade perigosa, de quem muitos pretendem se afastar, portanto, atrai-la, a melhor resposta é ficar em silêncio, como têm feito os informantes mais velhos.

Passa-se, agora, a análise de dados de informantes de Guiné-Bissau que têm o ensino superior. Os dados desse grupo de informantes são agrupados no quadro a seguir.

QUADRO 41 – Respostas para a questão 135 do QSL, em Guiné-Bissau

SETOR AUTÔNOMO DE BISSAU				
(05) BISSAU	INF	Lexias	Faixa Etária	Escolaridade
	05.a	Falecida, pobre, coitada	Jovens (18 a 35)	Superior
	06.a	Falecido		
	05.b	Falecida fulano, pobre, coitada, defunto, finado		
	06.b	Filho de outro mundo, pobre		
	07.a	Falecido, quem já partiu	Idoso (50 a 65)	Superior
	08.a	Defunto, morto, quem já se foi		
	07.b	Não lembra		
	08.b	Falecido		

Fonte: elaborado pelo autor

O Quadro 41 com as lexias proferidas pelos informantes com nível superior completo não difere muito dos de nível fundamental, uma vez que a seleção dos itens para a resposta revela que quase todo mundo comunga da mesma ideologia. Porém, cumpre dizer que é desse grupo de informantes que aparece o item *finado*.

Essa lexia apareceu na resposta do informante que mais produziu itens para responder a questão. Um detalhe chama a atenção: quem usou essa palavra foi um jovem, e a utilizou como última opção de resposta. O discurso deste jovem mostra o contexto em que essa palavra foi empregada:

INF: - Geralmente, quando a pessoa morre, evita-se seu nome. Mas quando há uma necessidade de referi-la, fala-se falecido fulano.

INQ: - Mas não há uma outra forma que se usa aqui em Guiné-Bissau? Porque acho que uma coisa pode ter vários nomes...

INF: Sim, claro. Os nossos avôs até as nossas mães usam as expressões pobre e coitada, pois eles intendem que a maior riqueza que uma pessoa tem é a vida, portando perder a vida é perder tudo, por isso que chamam quem morre desses nomes.

INQ: - E você então, qual é o nome ou expressão que você usa para falar de quem já morreu?

INF: - Eu, geralmente uso defunto, aliás como algumas pessoas usam, mais isso depende de quem estou me tratando, porque você já sabe como é a nossa sociedade, há coisas que se deve respeitar. Portanto, tratar de morto não é tratar de qualquer coisa.

INQ: - Não conhece mais nenhuma outra forma que as pessoas usam? Eu quero registrar maior quantidade possível de palavras usadas para a pessoa morta.
 INQ: - Olha, vou falar-te uma coisa, há uma palavra que quase ninguém usa, porque logo se pensa na aparição da figura que representa. Todos nós conhecemos esse espírito que assusta todo mundo, o **finado** que sai à noite.
 (Informante 05.b, Bissau)

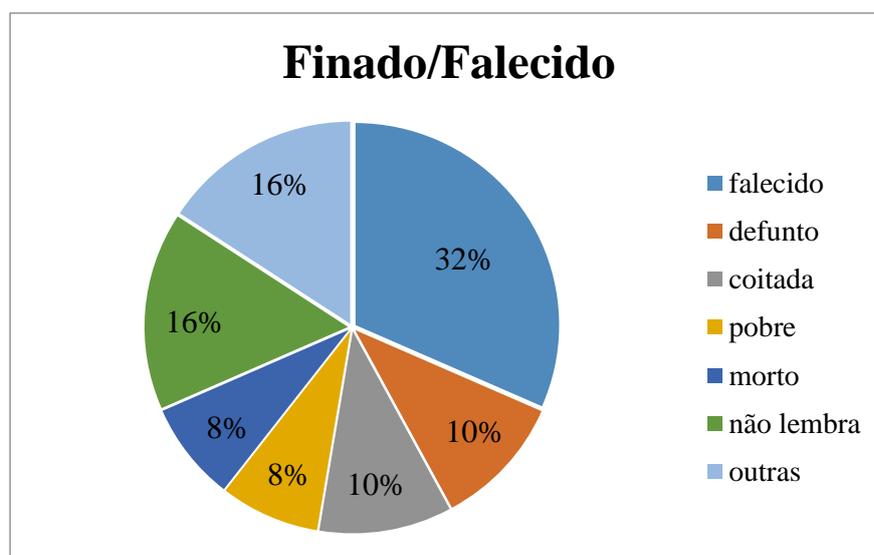
O informante mostrou a conotação da palavra *finado* na sociedade guineense: nesse grupo social, a ideia da palavra *finado* está diretamente relacionada com a palavra fantasma, como se fossem sinônimos, o que justifica o medo dos outros informantes em pronunciar essa lexia. Essa palavra, como havia dito, representa uma entidade maligna, sempre com a intenção de perturbar os indivíduos. Há um mito, em Guiné-Bissau, sobre a figura do *finado*, que se diz que o espírito daqueles que são recusados pelas entidades supremas, por terem feito coisas ruins durante suas existências, ao morrer, suas almas ficam perambulando entre vivos, principalmente no período noturno, nos lugares isolados, aparecendo para os vivos, com a intenção de levá-los com ele.

Usar a palavra *finado* é quase que invocar, automaticamente, na sociedade guineense, a entidade que representa, pois, essa entidade é uma figura conhecida no imaginário desse povo, tanto que muitos preferem usar outra expressão ou até mesmo se silenciar, a fim de não chamar o nome *finado*. Aliás, é sobre essa questão que se viu maior número de informantes indisponível a responder ou mesmo tratar do assunto, como o informante 07.b, que se recusou a responder à pergunta, alegando desconhecer qualquer forma para não chamar o nome que a pessoa tinha em vida. O estranho no seu comportamento é ele ter perguntado:

INF: - o que tu queres com esses nomes?

Esse questionamento não foi feito com intuito de obter resposta, mas é uma manifestação de preocupação de quem acha que isso é um “perigo” que se deve afastar.

Segue-se com a análise, as porcentagens estatísticas dos dados de Guiné-Bissau, interpretados por meio da figura a seguir. Para essa questão, nessas localidades, foram selecionadas apenas cinco unidades lexicais mais recorrentes, apresenta-se também o percentual da não resposta que é alto e restantes incluem-se nas outras formas.

Gráfico 12 – Percentual de ocorrências em Guiné-Bissau

Fonte: elaborado pelo autor

A última figura com dados de Guiné-Bissau apresenta o percentual estatístico das unidades mais usadas em resposta à questão. Observa-se que, nessa localidade, a lexia *falecido* representa 32% (12) do total do uso, seguida por *defunto* 10% (4), *coitada* 10% (4), *pobre* 8% (3) e *morto* também 8% (3). Ainda tem-se casos em a questão não foi respondida, denominado *não lembra* com 16% (6) e as *outras* denominações utilizadas com 16% (6).

4.3.1 As formas registradas e não registradas nos dicionários da língua portuguesa para conceito de finado

Como havia explicado anteriormente e feito nas outras questões, o quadro a seguir apresenta a pesquisa feita nos dicionários da língua portuguesa para averiguar como esses itens lexicais usados para nomear o conceito finado estão registrados nos dicionários e se as acepções correspondem à resposta que se busca na aplicação do questionário do Projeto ALiB e em Guiné-Bissau.

Quadro 42 – Informações sobre busca nos dicionários

QSL 135 – finado/falecido	Dicionários consultados		
	Aulete (2011)	Houaiss (2004)	Cunha (1986)
Lexias utilizadas			
alma do outro mundo	+	+	⊖
aquele que já morreu	⊖	⊖	⊖
coitada	–	+	–
defunto	=	=	=
falecido/a	=	=	⊖
faleceu	⊖	⊖	⊖
finado/a	=	=	+
filho de outro mundo	⊖	⊖	⊖

morto	=	=	=
fulano	+	+	+
quem já morreu	Θ	Θ	Θ
pessoa de outro mundo	Θ	Θ	Θ
pobre	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor

Legenda utilizada no Quadro 42 para fornecer informações sobre busca nos dicionários: (=) *mesma acepção*; (+) *extensão de sentido*; (–) *outra acepção*; (Θ) *não registrado no dicionário*.

As variedades denominativas obtidas com informantes mostram como a figura de quem já morreu pertence ao imaginário popular. Com as denominações usadas é possível traçar um perfil de informantes de cada comunidade, pois essas formas denominativas representam história, filosofia de vida e a construção ideológica dos diferentes grupos culturais. Embora os dados de dois grandes espaços geográfico, Brasil e Guiné-Bissau, apontem características comuns de alguns itens lexicais usados nas respostas, é na fala dos guineenses que se encontram as mais variadas formas para nomear a entidade. As lexias *aquele que já partiu*, *a pessoa do outro mundo*, *alma de outro mundo*, *filho de outro mundo*, por exemplo, mostram como essa figura é interpretada nessa sociedade, pois assim como entidades invisíveis são consideradas residentes do outro mundo, ou seja, do mundo dos invisíveis, os guineenses creem que, quando morre um indivíduo, ele vai para esse mundo, porém, não está muito distante dos vivos. Portanto, assim como as entidades invisíveis devem ser respeitadas e temidas por seus poderes de proteger e punir, os espíritos dos mortos também devem ser temidos, visto que esses espíritos recebem o poder das forças sobrenaturais que residem no “outro mundo”. O próprio silêncio por parte de alguns informantes demonstra quão essa figura é temida nessa sociedade, acreditando assim, na sua aparição quando pronunciado alguma palavra que a remete. No Brasil, por outro lado, o medo das pessoas mortas não fica tão evidente, nem nas denominações, em que a palavra *finado* e *falecido* aparecem com muita frequência e nem têm conotação tabuística. O próprio sentido da palavra para os brasileiros é diferente, não sendo possível encontrar o traço de fantasma nem nas respostas dos informantes e nem nos dicionários analisados.

4.3.2 Quadro da produtividade das lexias por localidades para o conceito do finado/falecido

O Quadro 43 apresenta os itens lexicais dados em resposta à questão 135 do QSL, por localidades. Nele, há, de maneira panorâmica, a variedade dos itens lexicais usados para nomear o conceito de “quem já morreu”.

QUADRO 43 – Distribuição diatópica

MUNICÍPIOS DO MARANHÃO		
	Nome da Localidade	Itens lexicais utilizados
(026)	São Luís	Faleceu, falecido, falecida, finado, finada fulano, defunto
(027)	Brejo	Finada, fulano, falecida, finado
(028)	Bacabal	Finado
(029)	Imperatriz	Finado, falecido
(033)	Alto Parnaíba	Finada, finado
MUNICÍPIOS DA BAHIA		
(086)	Jacobina	Finado, faleceu, falecido, defunto
(087)	Barreiras	Finado, falecido
(088)	Alagoinhas	Finado, Finada, falecido, defunto
(093)	Salvador	Falecido, finado, pessoa que já morreu, quem não está entre nós, finada
(099)	Ilhéus	Falecido, finado
GUINÉ-BISSAU		
(01 a 05)	Bissau	Finado, falecido, defunto, falecida, falecido fulano, coitada, aquele que já partiu, a pessoa do outro mundo, morto, pobre, alma de outro mundo, filho de outro mundo, quem já partiu, quem já se foi

Fonte: elaborado pelo autor

Pela análise do quadro, percebe-se que em Guiné-Bissau houve mais lexias para denominar “quem já morreu” que nas localidades brasileiras investigadas. Isso talvez se relacione ao fato de a lexia *finado* seja tabuizada no contexto sociocultural guineense, ocasionando o uso de outros termos como estratégia linguística para fugir do que é tabu.

4.3.3 Tipos de lexias encontradas no *corpus* da pesquisa

Neste tópico, não se pretende fazer uma abordagem profunda sobre tipos de lexias e muito menos sobre o processo de formação de palavras, pois a intenção é apresentar e agrupar, por meio de um quadro elaborado, os diferentes tipos de lexias encontradas no *corpus* analisado.

Tem-se observado em vários trabalhos que debruçam sobre o léxico a discussão sobre o conceito de variante, cabe aqui, mais uma vez, ressaltar a posição assumida quanto ao conceito de variante. Neste trabalho, o conceito de variante assumido é aquele que considera o comportamento da unidade lexical no contexto de uso, independentemente da sua classe, isto é, as diferentes formas usadas no mesmo contexto, com mesmo valor funcional, para nomear um conceito. Neste sentido, Para descrever as diferentes formas utilizadas pelos informantes para nomear os conceitos propostos no trabalho, optou-se, na descrição, a não utilizar o tremo “palavra”, porque seu conceito não abrange as unidades lexicais significativas tanto menor quanto maior, diferentemente o que o termo costuma representar. Conquanto, para dar conta das mais diversas formas que se apresentam como variante lexical, preferiu-se usar o termo

lexia que, segundo Silva (2006), foi proposto por linguista francês Bernard Pottier (1974). De acordo com Pottier (*apud* Silva, 2006, p. 11), as lexias são constituídas por elementos lexicais ou lexemas, ou seja, “unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem papel central na distinção das partes do discurso”. Percebe-se que o conceito da lexia proposto pelo autor consegue abarcar as estruturas linguísticas de diferentes naturezas, desde menores aos blocos maiores.

No seu estudo, Pottier (1974) propõe quatro tipos de lexias, das quais três são alvos de análise neste trabalho. São elas: lexias simples, compostas e complexas. O primeiro, isto é, lexias simples podem ser entendidas como palavras que comportam menor unidade lexical, constituída de um único radical e único lexema, com ou sem afixos, como pode se atestar em *diabo*, *satanás*, *demônio* e outras variantes para o conceito da entidade nomeada. Por ter essas características, Silva (2006) afirma que as lexias simples sempre coincidem com a noção de palavras simples.

As lexias compostas é nada menos da combinação das lexias simples ligadas às outras unidades lexicais. Para Silva (2006, p. 12), a lexia composta “consiste em pôr lado a lado duas lexias simples ou derivadas, ligadas para significação”, que podem ser por aglutinação ou justaposição, como atesta em, por exemplo, *coisa ruim*, *anjo mau* variantes do diabo.

As lexias complexas são geralmente constituídas por dois ou mais lexemas, denominadas de sequências lexemáticas. Esse tipo de lexia é geralmente reconhecido por sua sequência fixa, em virtude do uso constante numa língua, que normalmente acaba se transformando em construção fixa, com único significado, como se pode perceber, por exemplo, *escrever com tinta vermelha*, *jogo do Benfica*, ambas variantes de menstruação.

O Quadro 44, a seguir, vai apresentar os tipos de lexias e agrupá-los de acordo com suas categorias e o campo conceitual, de modo a facilitar o leitor na identificação dessas lexias. Não se pretende fazer a distribuição diatópica das localidades onde os itens foram usados, visto que já havia sido feito nos quadros anteriores.

QUADRO 44 – Tipos de lexias

QSL 147 - lexias usadas para o conceito <i>diabo</i>		
Monolexemática	Polilexemática	
Lexias simples	Lexias compostas	Lexias complexas
bicho, cão, capeta, chifrudo, condenado, diabo, demônio, ele, inimigo, isis, judas, Lúcifer, maldito, maligno, malfazejo, pecador, rabudo, recusado,	anjo mau, anjo de mal, bicho ruim, bicho mau, coisa ruim, príncipe dos céus, tá no inferno	alma do outro mundo

rejeitado, serpente, traidor		
QSL 121 - lexias usadas para o conceito <i>menstruação</i>		
Monolexemática	Polilexemática	
Lexias simples	Lexias compostas	Lexias complexas
chico, chovendo, doente, incomodada, menstruação, menstruada, tpm, regra, sangramento	tá de boi, tá de bode, dias de mulher, dias difíceis, lavar a lua, naqueles dias, perder sangue, tempo dela, sangue bom, semana da mulher, ver a lua	escrever com tinta vermelha, jogo de benfica
QSL 135 - lexias usadas para o conceito <i>finado/falecido</i>		
Monolexemática	Polilexemática	
Lexias simples	Lexias compostas	Lexias complexas
coitada, defunto, falecido, falecida, faleceu, finado, finada, morto, fulano, pobre	aquele que já morreu, quem já morreu	alma do outro mundo, filho do outro mundo, pessoa de outro mundo

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode observar no Quadro 44, embora as lexias sejam agrupadas de acordo com suas tipologias, todas elas têm um único propósito, dar significados aos conceitos propostos pelos questionários, independentemente das suas formas ou estruturas. Assim, os informantes inquiridos mostraram a dinamicidade da língua portuguesa por meio do uso das lexias para nomear esses conceitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a fase preliminar desta pesquisa até esta parte final, observa-se que língua além de ser usada para expressar realidade do mundo físico e abstrato, também reflete valores culturais de cada grupo social, pois a visão do mundo, crenças, posições ideológicas dos indivíduos pode ficar evidente nos usos linguísticos feitos pelos falantes. Nesse sentido e com os dados aqui apresentados, pode-se assumir que a língua é um fator da identidade cultural, porque revela o caráter peculiar da cultura de cada grupo humano.

Assim, observando a língua nesse prisma, é possível entender que ela não só serve como mecanismo que possibilita a comunicação entre seres humanos, como muitos o querem crer, o seu uso ultrapassa o limite de transmitir a mensagem por meio da fala ou escrita, ela é, também, o responsável pelo convívio, relações afetivas e posição ideológica de cada indivíduo, dentro de um contexto da interação social e cultural. Sendo assim, é necessário que se amplie a visão sobre o conceito de língua como apenas um instrumento de comunicação.

Esse trabalho permitiu compreender que o tabu é um fenômeno social, linguístico e cultural, que se manifesta na sociedade de diferentes maneiras e também condicionado por diferentes fatores, segundo Cardoso (2010), tais como: sexo, idade, religião, grau de escolaridade. Esses fatores mostraram-se evidentes na fala dos informantes das localidades contempladas na pesquisa. Com relação aos condicionadores do tabu linguístico, como se tentou mostrar ao longo deste trabalho, a religião, a ideologia, o nível de escolaridade, o sexo/gênero, dentre outros mostraram-se importantes para a compreensão tanto da variação quanto da não variação lexical desse campo semântico. Como foi possível observar ao longo da análise, em certos casos, os informantes que declaram ser religiosos tabuizaram mais os dois assuntos enfocados nas questões referentes ao tabu religioso, como abundam exemplos de casos dentro os informantes guineenses.

No que diz respeito ao tabu religioso, a busca pelas denominações para o conceito de diabo mostra que não há uma significativa variação denominativa para esse conceito entre as localidades brasileiras pesquisadas, pois os dados revelam que há uma similaridade nos usos lexicais entre indivíduos desses espaços, visto que se trata do mesmo território político-social. Situação diferente com relação a Guiné-Bissau, onde os dados apresentados mostram uma significativa variação denominativa para essa ideia quando comparados com os das localidades brasileiras. Ainda sobre essa questão, observa-se o tabu linguístico se evidencia tanto na fala dos brasileiros quanto na fala dos guineenses, principalmente aqueles que declararam ser praticante de alguma religião. Mas, é importante destacar que é nos

informantes guineenses que o tabu mais se transparece, revelando o perfil conservador da sociedade guineense, que ainda é ligada à tradição. Pois nessa sociedade, a ligação entre os indivíduos e as forças invisíveis é uma condição para o bem-estar social, uma vez que essas forças são divindades protetoras e ao mesmo punem, portanto devem ser temidas.

No que tange ao tabu social, a busca pelas denominações dadas ao ciclo menstrual mostra uma situação quase igual àquela observada no tabu religioso, ou seja, comparando os dados das localidades brasileiras, percebe-se que não há muita variação lexical para nomear esse conceito, embora não se possa negar que há unidades lexicais tipicamente de uma localidade, o que revela a peculiaridade de cada espaço geográfico. No entanto, quando confrontar Brasil e Guiné-Bissau, percebe-se que se tratando de duas realidades culturais totalmente diferentes, pois algumas formas denominativas refletem o contexto sociocultural de cada um desses grandes espaços geográficos, como, por exemplos, as lexias *jogo de Benfica* e *ver a lua* na variedade guineense e *de bode* e *regra* obtidas na fala dos brasileiros.

Os itens lexicais usados nesses dois espaços geográficos, Brasil e Guiné-Bissau, para nomear os conceitos apresentados, mostram como a língua expressa a realidade cultural de um povo. Os três conceitos lançados revelam olhares próximos e diferentes para o mesmo referente. Esses olhares iguais/diferentes se reflete na seleção das unidades lexicais dos falantes para nomear esses conceitos. Essas diferenças denominativas refletem a visão do mundo e a posição ideológica dos indivíduos que integram as comunidades investigadas.

Ainda com relação à questão da moralidade, observa-se algumas evidências que contribuíram fortemente para os indícios tabuísmos, uma dessas evidências se revela quando o inquiridor e o informante são pessoas de sexo diferente, o que conduz aos informantes a evitar o item tabu ou interditar qualquer item referente à ideia. Há registros de informantes que, ao serem arguidos com a questão **121** (do questionário do ALiB), evitaram proferir a lexia tabuizada, como é o caso da informante 8.a, da segunda faixa etária, de Bissau, que, ao ser inquirida por uma pessoa do sexo oposto e com uma diferença enorme de idade, mostrou, no seu discurso, não se sentir à vontade para abordar o assunto proposto, comentando seguidamente: “Meu filho, esse não é assunto de homem (...) esses nomes nem usamos com as raparigas que ainda estão a crescer, imagina com um rapaz! (...)”. Esse tipo de comportamento denuncia manifestação do tabu, pois embora se saiba da existência de certas coisas, em certos contextos, não se pode abordar assuntos referentes a elas, porque as palavras podem revelar temas proibidos. De modo geral, para avaliar o comportamento tabuístico dos informantes que representaram as localidades pesquisadas, a religião aparece como um fator determinante para compreender a tabu linguístico, seguida de sexo, em que mulheres se

mostram menos à vontade em relação aos homens, principalmente na questão referente ao tabu moral. A faixa etária foi outro fator relevante para apurar o tabu linguístico, pois os dados revelam que os mais velhos formam os que mais tabuizaram, revelando, assim, o perfil conservador desse grupo etário, como foi possível observar ao longo da análise de dados.

Entretanto, esta pesquisa possibilitou observar que a tabuização ou a não-tabuização de algo depende da ideologia do povo, do modo como ele observa e constrói o mundo e, conseqüentemente, de sua organização social. Com relação a fatores linguísticos e à colaboração que esse fenômeno dá às mudanças que ocorrem na língua, o tabu linguístico, em particular, pode ser considerado um dos elementos responsáveis por mudanças semânticas, constantes em línguas humanas, visto que a língua e a sociedade sofrem rotineiras transformações. Palavras que têm uma acepção em uma comunidade pode receber acepção diferente em outra. Por isso, não somente práticas sociais e culturais são abandonadas, mas também, algumas palavras perdem o sentido original e adquirem novos significados, há aquelas caem em desuso por não serem mais adequadas à nova realidade. Essas mudanças ou reorganizações, ocorridas no interior do léxico, mostram o quanto à língua está sujeita às transformações sociais dos grupos de falantes.

Acredita-se que, nesses dois espaços – Brasil e Guiné-Bissau –, a presença de grupos de interesses, unidos por falarem “a mesma língua”, requer que se examine a língua não só como um fator de importância político-econômica, mas também como um fator de identificação cultural, sem perder de vista a diversidade da cultura entre esses dois países e a influência das línguas étnicas do país africano, que tiveram contato com o português falado no Brasil, na constituição dessa variedade do português.

Assim, a língua portuguesa como “a língua da unidade entre os povos”, Brasil e Guiné-Bissau, dois espaços “unidos pela mesma língua”, também se distanciam pelas suas características apontadas anteriormente, destacando os fatores históricos e culturais que contribuíram para a formação de cada povo.

A língua, como a materialização da linguagem, sempre revela os valores culturais de um povo e, assim: “A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras. Processam-se julgamentos de ‘bons’ ou ‘maus’ termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos”. (PRETI, 1984, p. 61). Por isso que não se pode separar a língua da sociedade e dos fatos que permeiam a realidade, uma vez que eles sempre estarão ligados.

Vale ressaltar que o estudo do tabu oferece subsídios ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa e ampliará o conhecimento da variante linguística usada nas localidades

pesquisadas, representativa do vernáculo, além de abrir espaço para a comparação dos dados aqui coletados com os de outras localidades. Cumpre lembrar que conhecer a realidade da língua e aprender a respeitar a variação linguística é um dos objetivos do ensino de uma língua natural.

Com este trabalho, percebe-se que, embora existam palavras que permitem expressar desejos, sentimentos, emoções, nem tudo pode/deve ser dito em qualquer situação (FOUCULT, 1996, p. 9), principalmente quando se acredita no poder que a palavra possui. A língua, por ser um fato social e cultural, pode sofrer alterações por conta de fatores que são próprios da sociedade, uma vez que ela acompanha a evolução e as constantes transformações do homem na sociedade. Desse modo, o homem, como usuário da língua, deve fazer dela, o tempo todo, um uso dinâmico, adequando-a a cada contexto situacional e cultural. Mas toda essa dinâmica passa pela avaliação da sociedade em que se inserem seus falantes, uma vez que a sociedade é que define o que pode (caráter moral ou religioso) e o que não pode (imoral ou sagrado) ser dito e/ou feito.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Vianna. O dialeto rural não é mais aquele. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMA, 2006, p. 23-29.
- ALMEIDA, Laura de. **Aspectos semântico-lexicais dos tabus linguísticos em atlas linguísticos estaduais**. *TradTerm*, p. 361-377. Disponível em < www.usp.br/tradterm >. Acesso em: 31 de janeiro/2008.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed.- Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza: UFC/MÍDIA, 2009.
- AUGEL, Maema Parente. **O desafio do escomburo: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª ed.- Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- BÍBLIA SAGRADO. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri-São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p. 1.248.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da Palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em < http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf >. Acesso em: 12 de mai. 2017.
- BIERLEIN, John LaFleur. **Mitos paralelos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **As práticas da linguagem**. Tradução de Renato Cabral Rezende. São Paulo: Cortez editora, 2008.
- CAMMILERI, Salvatore. **A identidade do povo Balanta**. Tradução de Lino Bicari e Maria Fernanda Dâmano. Lisboa: Fernando Mão de Ferro, 2010.
- CARDOSO, Augusto. **Administração Política e Saber Bijagós: uma perspectiva analítica de conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau**. Disponível em < <http://www.uesb.br/eventos/encontroadministracaopolitica/artigos/EAP046.pdf> >. Acesso em: 07 de jul. 2014.

CARDOSO, Suzana Alice, **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: Editora da UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: um problema da mudança linguística**. Tradução de Carlos Alberto Faraco da Fonseca e Mário Ferreira. – Rio de Janeiro: presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, Geisa Borges da. **Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil**. 212f. II. 2016. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FAFINA, Danilo Mussa. **Tabu Linguístico no Português Falado no Maranhão e em Guiné-Bissau: um estudo geo-sociolinguístico**. 2014. 60 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FELDMAN, Sérgio Alberto. **A presença do diabo no cotidiano medieval judaico: os ritos de passagem**. *Revista de História e de Estudos Culturais*. n. 4, v 2, p.1-14. 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GEIGER, Paulo (org.). **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, Escrita e Poder**. 1º reimpressão. 3º edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Ed Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

GUIMARÃES, Ruth. **Os filhos do medo**. Porto Alegre: Globo, 1950.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles, FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Senso 2010 – Maranhão e Bahia**. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=210860&search=maranhao|pinheiro>. Acesso em: 15 ago. 2017.

IBGE, MAPA MUNDI

KARLBERG, Luísa Galvão Lessa. **O tabu linguístico com espelho da vida social.** *Jornal A Gazeta*, 17 e 18/04/2005. p. 1 e 2.

KRAIEGER, Maria da Graça. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.) **As Ciências do Léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. V. III Campo Grande/São Paulo: Ed. UFMS/HUMANITAS, 2007, p. 295-340.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos/** Willian Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola, 2008.

LOUREIRO, K.; SCARAMUSSA, Z. **O Diabo e suas representações simbólicas em Ramon Llull e Dante Alighieri (séculos XIII e XIV).** In: *Revista Mirabilia* 2, dez. 2002, p. 202-223. ISSN 1676-5818. Disponível em: < http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2002_14.pdf >. Acesso em: jan. 2016.

ORSI, Vivian. **Tabu e preconceito linguístico.** *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em <www.revel.inf.br>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MACHADO, Eloy. URETA, Marta. **Aproximación al tabú de las malas palabras.** Disponível em: < http://letras-uruguay.especialatino.com/notas/malas_palabras.htm >. Acesso em: 19 jun. 2017.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional.** *Filologia e Linguística Portuguesa*, Brasil, v. 16, n. 2, p. 261-275, dec. 2014. ISSN 2176-9419. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83852> >. Acesso em: 10 Jun. 2015. doi: < <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p261-275> >.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Um ponto de interseção para a dialetologia e a lexicografia:** a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. *Estudos* (UFBA), v. 41, 2010. p.49-70.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?** In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 63-80.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov.** – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. **As palavras proibidas.** *Revista de Letras*. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1986.

OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves de. **Religiões e crenças na Bahia:** aspectos do léxico refletidos nos dados do Projeto ALiB. 2016. 276p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é linguística.** São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, 184).

ORSI, Vivian. **Lexicologia: o que há trás do estudo das palavras?** In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (org.) *Ciências da linguagem: o fazer científico?* 2º vol. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

PAIM, Marcela Moura Torres. **A variação diageracional nas capitais do projeto ALiB.** www.sociodialeto.com.br. Bacharelado e Licenciatura em Letras. UEMS/Campo Grande. Mestrado em Letras. UEMS/Campo Grande, v. 3, n. 9, p. 70-85, mar. 2013.

PRETI, D. **A linguagem proibida:** um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: Queiróz, 1984.

RAMOS, Conceição de Maria Araujo. **Variações lexicais no atlas linguística do Maranhão:** São Luís e Santa Luzia In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. ROCHA, Maria de Fátima Sopas. BEZERRA, José de Ribamar Mandes. (Org.). *A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas linguístico do Maranhão em foco.* São Luís: Edufma, 2006, p. 26-32.

RICHTER, Lisiane da Silva Arruda; ISQUERDO, Aparecida Negri. **Mitos e tabus linguísticos. Contribuições do Projeto ALiB.** Relatório de Pesquisa, Campo Grande, UFMS, 2008/09. 20p. (PIBIC/CNPQ).

SAPIR, Edward. **Língua e ambiente** (1969). *Linguística como Ciência: Ensaio.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Etnologia dos Bijagós da ilha de Bubaque.** Instituto de investigação científico tropical, Lisboa. Instituto nacional de estudos e pesquisa. Bissau: 1991.

SILVA, Moises Batista da. **Uma palavra só não basta:** um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras.* Fortaleza, v. 1/2, n. 28, p. 11-20, jan./dez. 2006. Disponível em < <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2308/1775> > Acesso em: 20 dez. 2017.

ULLMANN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

_____ **Semântica:** introducción a la ciencia del significado. Madrid: Aguilar, 1965.

Apêndices

Apêndice A – Apêndice O MITO EM GUINÉ-BISSAU: o medo das entidades sobrenaturais

Em Guiné-Bissau, por exemplo, uma sociedade ainda muito ligada à tradição, a ligação entre o que é visível e o invisível, o natural e sobrenatural é muito forte (AUGEL, 2007, p. 92). Embora o guineense seja um povo constituído por diferentes grupos étnicos cujas línguas e culturas são distintas, em Guiné todos comungam o mesmo sentimento, o de que a sua existência é regulamentada pelo contato com as entidades sobrenaturais que podem orientar o que se deve e o que não se deve fazer.

Para o povo guineense, as consultas às forças supremas são quase uma tarefa obrigatória, a fim de melhor compreender a sua existência e a das coisas que o envolve. Essas consultas, geralmente, são feitas por meio de cultos aos antepassados, realizados principalmente por grupos étnicos animistas. Essa prática parte do princípio de que como Deus, o Criador, está muito longe dos mortais, há de haver um intermediário entre o homem e as forças espirituais (AUGEL, 2007).

Sendo uma prática comum a esse povo, tudo que diz respeito à vida humana tem de ter uma explicação divina. Assim, as mortes, doenças, desentendimento no seio da família, insucesso econômico ou profissional, problemas como falta da chuva ou qualquer fenômeno que prejudica a comunidade são assuntos tratados no plano do mundo espiritual, envolvendo as forças supremas.

Crendo nessas entidades, as principais práticas religiosas das etnias animistas (Balanta, Manjaco, Pepel, Mancanha, Bijagó, Felupe, Nalu etc) se concentram nos *irans*, entidade, que, segundo a crença guineense, recebe os mortos. Segundo Augel (2007, p. 93), entre os autores guineenses, não há uma explicação satisfatória sobre o conceito da palavra *iran*, pois uns a atribuem ao “Deus, espírito sagrado”, outros à “divindade protetora com poder de castigar” quando desobedecê-la. Desavença à parte em torno do conceito da palavra, na crença popular, os *irans* são entendidos como entidades supremas que protegem os que neles creem e ao mesmo tempo punem quando lhes faltam com compromisso.

O sentimento de que há um ser supremo cujo poder está acima do alcance humano, condiciona o estilo de vida dos indivíduos, determinando o que é sagrado e o que não o é, o que se pode fazer e o que não se pode.

Na sociedade guineense, há várias atividades envolvendo as entidades sobrenaturais. Essas atividades são restritas a determinado grupo de indivíduos que utiliza, como critério

básico para fazer parte do coletivo, a participação no ritual da iniciação, o *fanado*²⁰, ritual em que se crê que um homem tem contato direto com forças sobrenaturais.

Por conta do mito que paira na sociedade guineense, na maioria das vezes interpretado como a “realidade”, tudo o que se realiza tem que ser por vontade das entidades invisíveis, o que desencadeia várias interdições sobre lugares, eventos e muitas outras coisas. É nesse sentido que, em Guiné-Bissau, há um mito a respeito do mês de agosto: para os guineenses, não se deve fazer, por exemplo, mudança de casa nesse mês, por ser esse o mês de azar.

Do mesmo modo, no mês de agosto, evitam-se algumas atividades cotidianas, tais como viagens, casamentos, compra e venda de imóveis. Essa crença alcança o âmbito do comportamento social, visto que, na sociedade guineense, quem nasce nesse mês é uma pessoa considerada problemática, por isso está sujeita a sofrer algum preconceito. Afinal, ela nasceu no mês que atrai desgraças²¹.

A crença nos mitos traz limitações para a vida dos indivíduos nessa sociedade, pois são os mitos que fundamentam as justificativas sobre interdições que acontecem em diferentes eventos e em diferentes grupos de indivíduos. Por exemplo, nas etnias que seguem a religião islã, não é permitida participação de mulheres nas cerimônias fúnebres, ou seja, elas não podem ir ao cemitério acompanhar último momento do sepultamento. Nessa religião, as mulheres não podem estar na frente do homem no momento da reza, sempre a trás, aliás, o lugar delas na mesquita, no momento da reza, é sempre do lado de fora.

A interdição também vigora em outras culturas. Na Balanta, por exemplo, são interditados, em vários eventos e lugares, os indivíduos que ainda não participaram do ritual da iniciação. Esses indivíduos não podem participar no conselho de anciões para tomada de qualquer decisão ou na cavação de túmulo para realização da cerimônia fúnebre, nesses eventos participam só os chamados *blante Bin andan* (homens grandes), ou seja, os guardiões.

No que diz respeito à fala, é extremamente proibido falar do assunto da iniciação com indivíduo que ainda não participou desse ritual e muito menos revelar-lhe o que lá acontece. Caso contrário, a consequência será calamitosa. Ainda nessa cultura, o homem

²⁰Fanado é uma prática de circuncisão comum aos homens em Guiné-Bissau. Cada grupo étnico tem uma forma de realizá-lo. Geralmente, os indivíduos que vão participar desse ritual passam por um processo de preparação, avisando os familiares e amigos. O rito sagrado do fanado é feito na mata fechada, num lugar sagrado em que os participantes acampam, num período de um a três meses, e onde recebem ensinamentos dados pelas divindades e espíritos sagrados, sobre como se comportar na vida adulta.

²¹ A vivência/experiência do autor deste trabalho, como aluno do Programa de Estudante-Convênio de Graduação – PEC-G, atualmente na condição de aluno do mestrado em Língua e Cultura, ao longo de oito anos, no Brasil, mostrou-o que aqui, também, o mês de agosto é considerado como um mês aziago.

solteiro e não circuncidado não pode fazer o pedido de casamento a uma mulher, mesmo sendo rico ou tendo prestígio em outro contexto cultural. Esse pedido só pode ser feito por um parente, sobretudo um irmão que já tenha participado do ritual da circunscrição (CAMMILERI, 2010, p. 69).

A mesma interdição é vista na cultura dos Bijagós. Segundo Cardoso (2013, p.13), na ilha do *Poilão*, no arquipélago dos bijagós, é permitido, somente, desembarque das pessoas que passaram por *manrass* (cerimônia da iniciação), que pertencem a quatro *tabancas* (aldeias) das vilas de Canhabaque, ou pesquisadores autorizados pelos Bijagós. Ainda, de acordo com esse autor, esses indivíduos devem respeitar os princípios estabelecidos em relação ao lugar sagrado.

Além disso, devem respeitar regras restritas, tais como explorar somente os recursos vegetais que serão utilizados no próprio sítio, não derramar sangue humano nem animal, não ter relações sexuais e não sepultar mortos. Para desembarcar nessa ilha, é necessário pedir a autorização dos espíritos (CARDOSO, 1013, P. 13).

Comungando a mesma ideia do autor, se pode perceber que essa interdição exerce um papel importante na preservação desse espaço e da vida marinha nessa localidade, onde muitas tartarugas marinhas passam para desovar dezenas de ovos sem correr risco de algum predador humano. Cardoso (2013) afirma que, em muitas ilhas, alguns animais são considerados sagrados pela população local e não devem ser mortos, mas sim protegidos. Por exemplo, no Parque Nacional de Orango (PNO), os hipopótamos são protegidos, sendo únicos dessa espécie a habitarem as zonas marinhas e não os rios. O mesmo acontece com tubarões da ilha Formosa, onde são considerados seres igualmente sagrados.

Para os Mancanhas, que ora comungam o mesmo ritual dos Papeis, flagra-se também a interdição do caráter religioso-sagrado. Para eles, no toca choro (cerimônia de culto ao morto), não é permitido o abate de qualquer tipo de animal por parte de um sobrinho da pessoa morta (essa é uma prática comum à cultura guineense, é uma cerimônia tradicional, de caráter religioso-sagrado para cultuar a pessoa morta), antes de que o tenha realizado no toca choro dos pais; caso contrário, as consequências serão trágicas.

Já com os Manjacos, a interdição consiste na preparação do túmulo da pessoa morta. Nesse evento, é extremamente proibida a circulação da mulher no espaço demarcado para cavação; caso esta venha a desobedecer e pisar este espaço, corre risco de não ter filhos ou até de perder a vida. Para evitar essa tragédia, a pessoa tem que procurar líderes espirituais para interceptar o perigo.

Os medos provocados pelas forças sobrenaturais ajudam a preservar alguns lugares, como as matas sagradas do chão de Manjaco dos temíveis *irans* Cobiana e de Mama Djombo²² (AUGUEL, 2007).

A existência dessas forças no imaginário dos guineenses faz com que temam tudo o que os envolve, pois acredita-se, por exemplo, em quase todos os grupos étnicos animistas, que um indivíduo que passou por todas as etapas dos rituais para formação social de um homem, quando morre, se junta aos antepassados, subordinados ao Espírito Supremo.

Como se pode observar nas descrições anteriores, o medo das coisas reflete diretamente na concepção ideológica de um ser guineense e, conseqüentemente, no uso da linguagem, sobretudo quando se trata de assuntos ligados aos seres sobrenaturais, seres esses que se acreditam ser controladores de todas as ações dos indivíduos nessa sociedade.

Portanto, os mitos, ainda que não tenham selo de verdade, isto é, comprovação científica, continuam exercendo seus poderes em muitas sociedades, principalmente nas sociedades tradicionais, onde a força da ciência ainda não vigora. Vale considerar que mesmo nas sociedades cuja crença/verdade se assenta na comprovação científica, os mitos servem, em certos contextos, de recurso para explicar aquilo que a ciência ainda não alcançou. Dito de outra maneira, eles existem para preencher a lacuna que a ciência ainda não conseguiu preencher, como acontecia na Grécia antiga. Entretanto, os mitos veem da tradição, a tradição pode mudar com o tempo, mas não se apaga totalmente, sempre é preservada na memória das diferentes gerações.

²² Cobiana e Mama Djombo são dois dos grupos musicais mais famosos de Guiné-Bissau.

Apêndice B – A contribuição da pesquisa para o Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB)

Os itens lexicais coletados neste trabalho serão integrados ao Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), um projeto vinculado ao ALiB. Portanto, a elaboração do glossário, foram consideradas todas as lexias analisadas como resposta às questões da pesquisa, desde que seja considerado variante lexical. Nessa perspectiva, leva-se em consideração como variante lexical as diferentes formas que se apresentam no mesmo contexto de uso, como aponta Machado Filho (2014, p. 173) no seu estudo sobre o conceito de variante lexical na perspectiva histórico-variacional, quando ressalta que deve ser considerado variante:

Cada forma diferente de se apresentar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva (Machado Filho, 2014, p. 273).

Adotando o conceito da variante lexical apresentado pelo autor, neste trabalho, para elaboração de glossário, engloba-se nessa categoria, tantas lexias simples, compostas e complexas, desde que sejam usadas no mesmo contexto como defende o autor.

A elaboração do glossário veio logo após o processo de extração e análise dos dados. Nesse processo, as lexias usadas foram selecionadas para constituírem verbete, tomando como modelo a microestrutura prevista para o DDB. É importante lembrar que verbete é conjunto de informações referentes à uma unidade lexical, pois ele é composto por um lema e por todos elementos tipográficos ou não-tipográficos.

Para o mapeamento das unidades lexicais utilizadas pelos informantes na pesquisa, que compõem o Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB), decidiu-se não fazer a legenda para os municípios da Bahia, fazendo apenas para os municípios maranhenses e para a capital guineense, uma vez que há um trabalho em curso, uma tese de doutorado, desenvolvida por Isamar Neiva, cuja proposta é elaborar o Dicionário Dialectal Baiano, pegando todas as questões do Questionário Semântico Lexical (QSL), em todas as localidades que fazem parte da rede de ponto do Projeto ALiB, no estado da Bahia.

Como pouco se sabe sobre Dicionário Dialectal Brasileiro, para facilitar um pouco ao leitor, apresenta-se a microestrutura que foi adotada na elaboração do glossário, incluindo os itens indicadores. Para facilitar a consulta por parte do leitor, apresenta-se, a seguir, a microestrutura do verbete com itens e indicadores por meio do Quadro 45.

Quadro 45 – MICROESTRUTURA PRELIMINAR DO DDB, PARA VERBETES PLENOS, EM 2010

ITENS	INDICADORES										
	TIPOGRÁFICOS	NÃO TIPOGRÁFICOS									
lema principal	redondo, letra minúscula, negrito	seguido de traço									
[transcrição fonética]	em <i>SildoulosIPA</i> ,	entre colchetes, sílaba tônica marcada com sinal ¹ , seguida de traço									
classificação gramatical	redondo, minúsculo, conforme lista de abreviaturas,	seguida de ponto									
(étimo, origem ou processo de formação)	étimo ou origem e (ou) processos formativos em <i>itálico</i> ,	entre parênteses, encerrado(a) por ponto, precedido(a) do sinal <, sigla convencional para língua de origem (para o étimo), processos formativos marcados com sinal +									
Áreas temáticas do QSL:	redondo, minúsculo, <i>itálico</i>	encerrado por ponto									
‘Definição ou acepções’	em minúsculas, em paráfrase lexicográfica,	entre aspas simples, encerrada(s) por ponto									
Descrição sociodialetal do lema principal	redondo, iniciais das localidades em maiúsculo,	seguinte à cabeça do verbete, entre chaves, com nome da localidade e a caracterização sociolinguística do informante representada por numeral, separados por barra (/) e encerrada por ponto									
lemas secundários	em letra minúscula e negrito, em redondo quando a forma for dicionarizada, em <i>itálico</i> quando for variante não dicionarizada,	precedido(s) de til (~), sendo a última variante encerrada por ponto.									
Descrição sociodialetal do lema secundário	redondo, iniciais das localidades em maiúsculo,	entre chaves, encerradas por ponto, como o nome da localidade e a caracterização sociolinguística do informante representada por numeral.									
Remissões lexicais	em minúscula, em redondo quando a forma for dicionarizada, em <i>itálico</i> quando for variante não dicionarizada	precedidas do sinal → e encerradas por ponto.									
Legenda geolinguística	---	<table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td></td> <td>026</td> <td></td> </tr> <tr> <td>027</td> <td>028</td> <td>029</td> </tr> <tr> <td></td> <td>033</td> <td></td> </tr> </table>		026		027	028	029		033	
	026										
027	028	029									
	033										

Com o desenvolvimento da pesquisa, a microestrutura foi alterada em alguns aspectos:

- i) A ‘definição’ sucedia a ‘área temática’ e passou a precedê-la²³.
- ii) Considerando admitir o tipo de definição lexicográfica, acrescentou-se o item ‘formulação da pergunta’, que é apresentado após a ‘área temática’, com o número da questão do QSL com a qual a lexia foi documentada, seguida da formulação da pergunta como consta no Questionário ALiB.
- iii) Escolha de indicadores tipográficos e não-tipográficos para caracterizar a ‘abonação’ e ‘marcas de uso’, itens previstos na microestrutura preliminar de 2010.
- iv) Exclusão do item ‘transcrição fonética’. Embora esse item, inversamente à ortoépia, não possua caráter normativo, mas, estritamente, descritivo, optou-se por excluir, a fim de evitar interpretações equivocadas.
- v) Substituição de nome da localidade por número da rede de ponto do ALiB. Assim, legenda geolinguística contém seguintes informações: i) número de cada localidade; ii) identificação sociodialetoal, referente ao gênero e faixa etária – 1 = homem, jovem; 2 = mulher, jovem; 3 = homem adulto; 4 = mulher, idoso.

Para melhor esclarecimento e visualização sobre algumas alterações feitas, apresentam-se, a seguir, a microestrutura atual, expressa no Quadro 46, por ordem de apresentação de cada item no verbete e a chave de consulta.

²³ Os pontos elencados indicam que foram feitas algumas alterações do Projeto original para versão preliminar da tese de doutorando Isamar Neiva de Santana.

QUADRO 46 – MICROESTRUTURA DO VERBETE DE ACORDO COM O DDB

Itens	Indicadores Tipográficos	Indicadores Não-tipográficos
<p>Lema Principal</p> <p>Forma canônica do item lexical em foco. Quanto ao glossário, formas de maior frequência na rede de pontos foram as escolhidas para lema principal. Em casos de mesma frequência, a forma mais prototípica na língua foi escolhida.</p>	Letra redonda, minúscula e negritada .	<p>Em casos de homografia (ex: mãe adotiva¹ e mãe adotiva²), utiliza-se o número sobrescrito para marcar unidades lexicais homógrafas</p> <p>Quando uma lexia que se pretende lematizar não possui forma canônica, em termos lexicográficos, recorre-se à estratégia de indicação de morfologia falsa, conforme a metodologia do Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico (DEPARC), a exemplo de verbos no infinitivo.</p> <p>A morfologia falsa é indicada pelo uso de colchetes (ex: abort[ar]).</p>
Transcrição Fonética	---	---
Classificação Gramatical	Letra minúscula, redonda, conforme a lista de abreviaturas.	Encerrada por ponto.
<p>Étimo, Origem ou Processo de Formação</p> <p>Os étimos foram pesquisados em três dicionários: “Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa”, “Dicionário Houaiss” e o “Dicionário etimológico da língua portuguesa”.</p>	Letra redonda, minúscula, língua de origem conforme lista de abreviaturas, étimo ou origem em <i>itálico</i> .	Entre parênteses e encerrado por ponto. Formas compostas ou derivadas identificam-se com o sinal de adição (+).
<p>Definição</p> <p>Codificação da informação semântica do item lexical em definição lexicográfica.</p>	Inicial maiúscula, restante minúscula e arredondada.	Entre aspas simples (‘’) e encerrada por ponto.
<p>Área Temática</p> <p>Seção à qual o item lexical em foco pertence no conjunto de respostas ao Questionário Semântico-Lexical.</p>	Inicial em letra maiúscula, redonda e resto minúsculo.	Encerrada por ponto.
<p>Questão</p> <p>Pergunta conforme o Questionário Semântico-Lexical na pesquisa do ALiB.</p>	Abreviatura do questionário utilizado em letras maiúsculas, número da questão e a pergunta em letra redonda.	Uso de dois pontos (:) para introduzir a pergunta e encerrada por uma interrogação. Em casos de um item fazer referência a outro, este terá seu número entre parênteses dentro da pergunta.
Pontos e Informantes do Lema	Nome da localidade iniciada por	Entre chaves, encerrados por

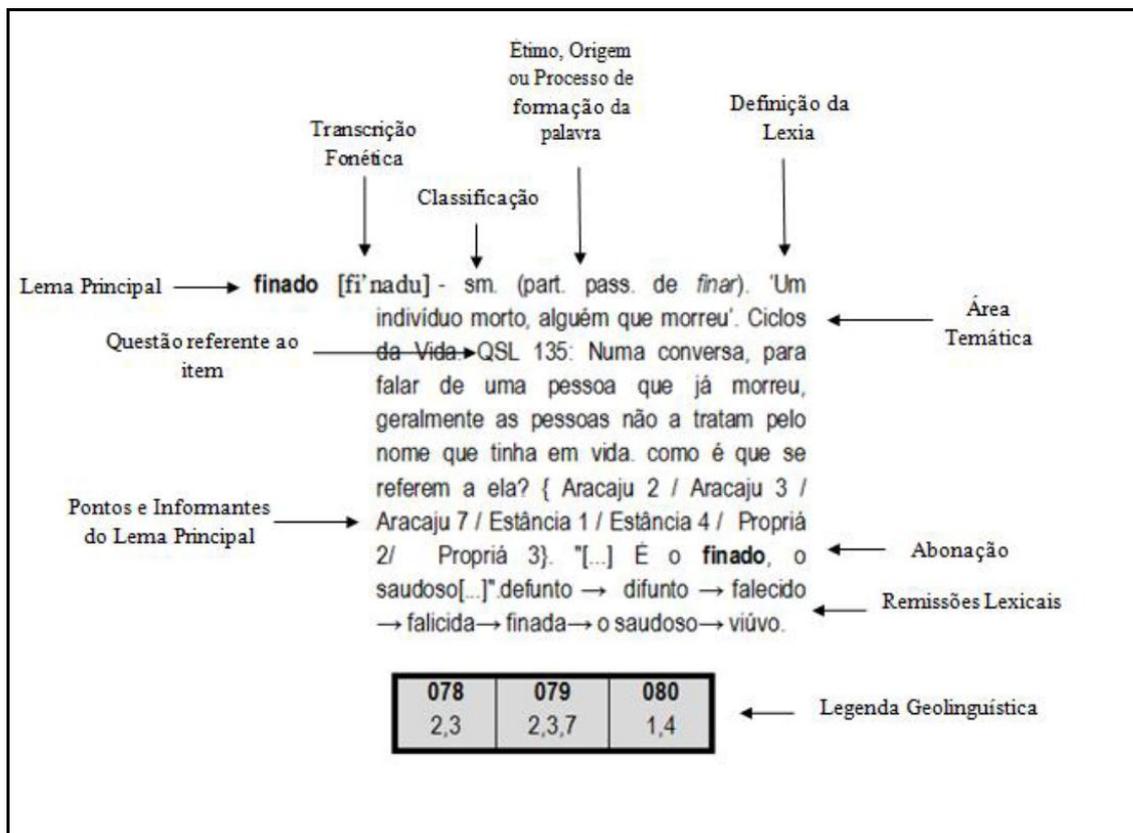
Principal	letra maiúscula, letra redonda e número de identificação do informante nos mesmos formatos.	ponto, com o nome da localidade e a caracterização sociolinguística dos informantes representada por numeral, separada por barras, conforme rede do ALiB.
Abonações Emprego do item em situação real de fala extraído do <i>corpus</i>.	Iniciada por letra maiúscula, redonda e a unidade lexical em negrito .	Iniciadas por aspas duplas, colchetes fechados com três pontos internos para indicar resposta extraída do <i>corpus</i> e encerradas por ponto.
Remissões Indicações que remetem a outros itens que correspondam ao lema principal.	Letra minúscula, redonda e <i>itálica</i> para variantes lexicais que não correspondam à norma padrão.	Iniciadas e separadas por setas e encerradas por ponto.
Legenda Geolinguística Uma representação da distribuição diatópico-diastrática, exibindo as ocorrências dos itens lexicais e seus informantes.	Os números negritados na parte superior representam as localidades. Os números na parte inferior representam os informantes.	A quantidade de quadros indica o número de localidades investigadas. As áreas hachuradas indicam a presença do item lexical em determinada localidade, enquanto os quadros brancos representam ausência ou não computação do item lexical na localidade.

Fonte: ADAPTADO DO PROJETO DICIONÁRIO DIALETAL BRASILEIRO.

Além dos quadros ilustrativos onde foram apresentados os itens adotados para a constituição dos verbetes, o DDB conta com uma figura ilustrativa chamada chave de consulta (ver Figura 2) que facilita melhor a compreensão de microestrutura adotada para a constituição de verbetes. É importante ressaltar que a microestrutura adotada para o DDB é constituída por 7 itens obrigatórios que são: entrada do lema principal; classificação gramatical; registro etimológico ou de processo formativo; definição lexicográfica; área temática do QSL; as variantes que podem se constituir como lemas secundários e (ou) múltiplos e variantes vocabulares e; legenda geolinguística – e três itens opcionais: a abonação, as remissões semânticas e a marca de uso. Cada item é apresentado por indicadores tipográficos e não-tipográficos específicos²⁴.

²⁴ A descrição feita por doutorando Isamar Neiva de Santana, na versão preliminar da tese de doutorado.

FIGURA 2 – CHAVE PARA CONSULTA



Quanto às abreviaturas que aparecem na microestrutura e também no glossário, o quadro a seguir apresenta os itens.

**O GLOSSÁRIO E A LEGENDA GEOLINGUÍSTICA COM DADOS DO
MARANHÃO E DE GUINÉ-BISSAU**

Anexos

Aa

alma de outro mundo → finado. “[...] quem ja morreu nós falamos **alma do outro mundo** [...]”

7

anjo mau → diabo. “[...] Aquele desobedece a Deus, **anjo mau** [...]”.

3,4,7b

anjo de mal → diabo. “[...] **anjo de mal**, aquele anjo malsoso [...]”.

1,5

anjo mau → diabo. “[...] **anjo mau**, é isso [...]”.

	026	
	6	
027	028	029
	033	

Bb

bicho → diabo. “[...] tem, o **bicho** [...]”.

	026	
27	28	29
	33	
	4	

bicho ruim → diabo. “[...] chama de **bicho ruim** [...]”.

	026	
27	28	29
	33	
	1	

bicho sujo → diabo. “[...] alguns falam **bicho sujo** [...]”.

7b

Cc

cão → diabo. “[...] utilizam esse nome também [...]”.

7b

cão → diabo. “[...] o **cão** né, tá com cão, o nome muito pesado, né. [...]”.

	026	
	1,3,5,6,7,8	
027	028	029
1,3,4	2,3	
	33	
	2,3,4	

capeta → diabo. “[...] é chamado de **capeta**, soube através dessas meninas que gostam da telenovela brasileira, elas dizem que o diabo se chama assim também [...]”.

7b

capeta → diabo. “[...] o **capeta** [...]”.

	026	
	1,2,5,6,8	
027	028	029
	1	
	033	

chico → menstruação. “[...] **chico**, uhn! [...]”.

	026	
	8	
027	028	029
	033	

chifrudo → diabo. “[...] o **chifrudo** [...]”.

	026	
	8	
027	028	029
	033	

chovendo → menstruação. “[...] assim que se fala quando a mulher está no período da menstruação, **tá a chover** (risos) [...]”.

1

coitada → finado. “[...] falamos **coitada** porque já não está mais viva [...]”.

2,3,5.b

condenado → diabo. “[...] sim, porque ele é **condenado** para viver no inferno [...]”.

6.b,7a,7b

coisa ruim → diabo. “[...] **coisa ruim** [...]”.

	026	
	5	
027	028	029
	033	

Dd

de bode → menstruação. “[...] **de bode** [...]”.

	026	
	1,5,8	
027	028	029
	3,4	1
	033	
	4	

de boi → menstruação. “[...] É... ela tá, a gente pode dizê... a maioria diz que fulano tá **de boi** [...]”.

	026	
	28	
027	3	029
	033	

defunto → finado. “[...] usamos **defunto** para não chamar o nome dele [...]”.

1,2,5b,8a

defunto → finado. “[...] usa defunto, né [...]”.

026

	3	
027	028	029
	033	

demônio → diabo. “[...] tudo é a mesma coisa, falar **demônio** é mesmo coisa falar do diabo [...]”.

1,2,2,4,4, 5.a,6b,7.b,8.a,8.b

demônio → diabo. “[...] **Demônio** que eles chamo por aí [...]”.

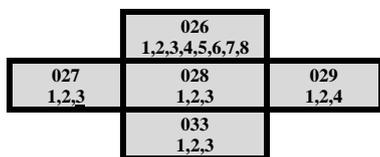
	026	
	2,4,5	
027	028	029
1	1	2,4
	033	
	1	

diabo → sm. (lat. *diabŏlus*). ‘Ser sobrenatural expulso do céu. Espírito do mal residente no inferno’. Religião e Crenças. QSL 147: Deus está no céu e no inferno está____. “[...] todos nós sabemos que é o **diabo** quem comanda o inferno, ele é a origem do mal, porque tentou desafiar o Deus mostrando que ele também tem o poder, agora foi expulso do paraíso e quer levar os outros para o inferno com ele [...]”. anjo mau → anjo de mal → bicho sujo → cão → capeta → condenado → demônio → isis → Lúcifer → maldito → malvado → pecador → recusado → satanás → serpenteo.

1,1,1,1,2,3,4,4,7b,8a

diabo → sm. (lat. *diabŏlus*). ‘Ser sobrenatural expulso do céu. Espírito do mal residente no inferno’. Religião e Crenças. QSL 147: Deus está no céu e no inferno está____. “[...] Deus no céu e o diabo no inferno está____. “[...] tem tanto nome que você nem pode imaginar que dão para esse tipo de coisa, mas só há um Deus [...]”. anjo mau → bicho →

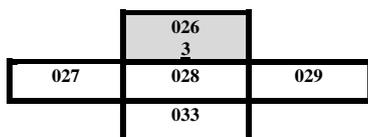
bicho ruim → cão → capeta →
chifrudo → coisa ruim → demônio
→ ele → inimigo → judas → Lúcifer
→ príncipe dos céus → satanás →
satanais.



dias de mulher → menstruação. “[...] falamos **dias de mulher** porque elas ficam chateadas quando estão com período menstrual [...]”.



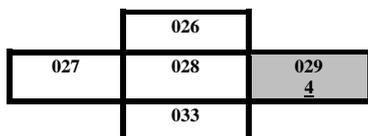
dia da mulher → menstruação. “[...] os **dia da mulhé** [...]”.



dia difícil → menstruação. “[...] **dia fíficil** é o dia que a mulher sofre com menstruação [...]”.

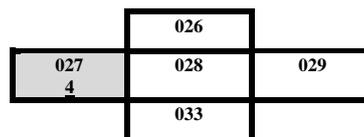


doente → menstruação. “[...] o pessoal do antigamente dizia que fulano tá **doente**, não é, nunca dizia menstruação. [...]”.



Ee

Ele → diabo. “[...] Sei lá, Deus está no céu e **ele** está no inferno [...]”.

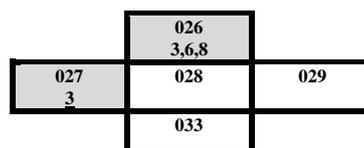


Ff

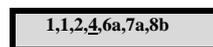
falecida → finado. “[...] falamos **falecida** para não chamar o nome da pessoa que já morreu [...]”



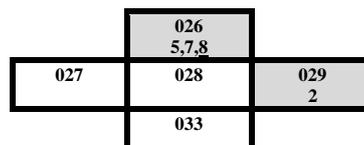
falecida → finado. “[...] Ah! falecida, chama sempre **falecida**, olha a falecida era sempre assim, assim, assim [...]”.



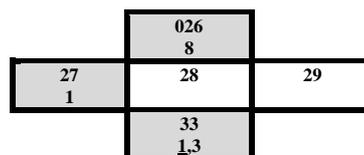
falecido → finado. “[...] é **falecido** mesmo que fala por aqui [...]”.



falecido → finado. “[...] o **falecido** [...]”.



finada → finado. “[...] Ah, **finada** [...]”.

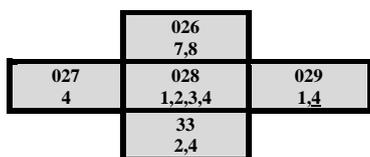


finado → sm. (port. pass. de *finar*). 'Nome para se referir ao indivíduo que já morreu'. Ciclo da Vida. QSL 135: Numa

conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela? "[...] o **finado** que sai à noite [...]".
 alama de outro mundo → coitada → defunto → falecida → falecido → morto → pobre.

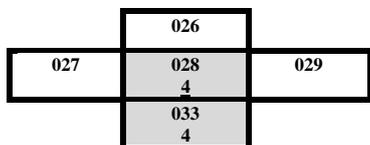
5b

finado – sm. (port. pass. de *finar*). 'Nome para se referir ao indivíduo que já morreu'.
 Ciclo da Vida. QSL 135: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela? "[...] não sei porque, mas as pessoa não chamo o nome, é **finado** mêmô [...]".
 defunto → falecida → falecido → finada.

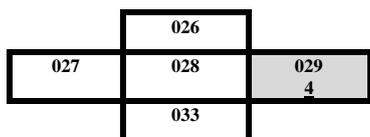


Ii

incomodada → menstruação. "[...] outro dizem que a muié tá **incomodada** [...]".



inimigo → diabo. "[...] é **inimigo**, né [...]".



isi → diabo. "[...] nós muçulmanos chamamos isso de **isi** [...]".

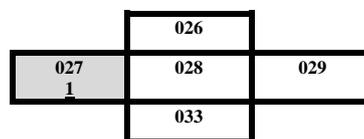
2

Jj

jogo do benfica → menstruação. "[...] para não falar a palavra feia, usamas **jogo de benfica** ou o benfica está a jogar, com isso os colegas já entendem o que isso quer dizer [...]".

1,1,7,b

judas → diabo. "[...] **judas** [...]".



Ll

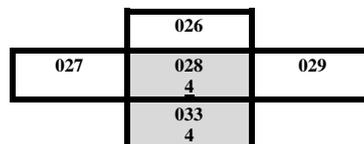
lavar a lua → menstruação. "[...] quando a mulher está no período de mesntruação, para não dizer que ela está menstruada, falamos **lavar a lua**, que significa menstruação (risos) [...]".

2,4,7a7b,8a

lúcifer → diabo. "[...] **lúcifer**, o anjo que foi expulso do paraíso [...]".

2,2,5a

lúcifer → diabo. "[...] **lúcifer** [...]".



Mm

maldito → diabo. "[...] aquele que deu origem ao pecado, o **maldito** [...]".

2,2,3,5a

menstruação – sf. (< lat. *menstruar* + *ação*).

'Sangue que normalmente mulher perde todo mês com a descamação das paredes internas do útero quando não há fecundação'. Ciclo de Vida. QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? "[...] eh, a mulher sofre demais, todo mês ela tem que perder sangue, ainda bem que é só sangue de **menstruação** [...]". chovendo → dias de mulher → dia difícil → jogo do benfica → lavar a lua → sangramento → semana da mulher → → ver a lua.

1,1,2,3,3,3,4,4,4,5^a,5b,7a,7b,8^a,8b

menstruação – sf. (< lat. *menstruar* +

ação). 'Sangue que normalmente mulher perde todo mês com a descamação das paredes internas do útero quando não há fecundação'. Ciclo de Vida. QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? "[...] mas eu conheço mais mesmo por **mestruação** [...]". de bode → de boi → chico → incomodada → menstruada → nos dias → no tempo → no tempo dela → regra → semana da mulher → tpm.

	026 2,3,4,5,6,7,8	
027 1,2	028 2,4	029 1,2
	033 1,2,3,4	

menstruada → menstruação. "[...] A gente diz que a mulhé está **menstruada** [...]".

	026 1	
027 3,4	028 1,2	029 4
	033	

morto → finado. "[...] pode falar também o **morto**, principalmente quando tem medo de chamar outros nomes [...]".

2,2,8.a

Nn

nos dias → menstruação. "[...] tem muita gente que não quer falar o nome né, diz hoje tal estou **nos dias** [...]".

	026	
027	028 1	029
	033	

no tempo dela → menstruação. "[...] e assim a mulher tá **no tempo dela**, uma vez têm pessoas que questionou o nome, diz oh, a mulher está no tempo dela, pronto foi assim [...]".

	026	
027 3	028	029
	033	

Pp

pecador → diabo. "[...] sim, há vários nomes que ele é atribuído, inclusive o **pecador** porque cometeu pecados e foi mandado para o inferno [...]".

1

perder sangue → menstruação "[...] eh, perder sangue [...]".

7a

pobre → finado. "[...] eh, **pobre** também [...]".

3,5a,5b,6b

príncipe dos céus → diabo. "[...] Tem outros nomes, mas não são tão comuns. **Príncipe dos céus** é o diabo. Pouca gente sabe [...]".

	026 5	
027	028	029
	033	

Rr

recusado → diabo. "[...] **recusado** porque cometeu o pecado [...]".

3

regra → menstruação. "[...] **regra** [...]".

	026 6,8	
027	028	029
	033	

rejeitado → diabo. "[...] ele é o **rejeitado** [...]".

4,4

Ss

satanás → diabo. "[...] **satanás**, diabo e outros nomes que as pessoas usam se refere a mesma coisa, a diferença é que cada um escolhe um nome para chamar a figura maldita [...]".

1,3,4,4,5a,6b,7b,8a,8b

satanás → diabo. "[...] **satanás** que o pessoal usa também [...]".

	026 7,8	
027 2,3	028 1	029 1
	033 1,4	

satanais → diabo. "[...] **satanais** é demônio, tem bocado de nome aí [...]".

	026	
027	028 4	029
	033	

semana de mulher → menstruação. "[...] é **semana de mulher** porque fica toda incomodada, estressada [...]".

3,3,4,4,5a,8b,

semana da mulher → menstruação. "[...] eh, **semana da mulhé** [...]".

	026 3	
027	028	029
	033	

sangramento → menstruação. "[...] quando acontece fala-se que a mulher está a sangrar ou o **sangramento** [...]".

1,8a

serpente → diabo. "[...] eh, **serpente** quem fez o homem pecar [...]".

7a

Tt

tpm → menstruação. "[...] Diz que está de tpm [...]".

	026 1	
027 2	028	029
	033	

traidor → diabo [...] é conhecido como traidor [...]".

7a

Vv

ver a lua → diabo. "[...] geralmente quando uma menina chega a fase de adolescente, entre 14 a 16 anos,

começa a perceber que ela já é uma mulher, porque começa a **ver a lua** [...]".

2,2,2,4,4,6b,8a



Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
Ficha da Localidade
No. do ponto: No. do informante:

1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES:
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:
6. NÚMERO DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante:
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:



Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
Ficha do Informante

No. do ponto:

No. do informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:		4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	
5. IDADE:		6. ENDEREÇO:	
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:			
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO. CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	
RENDA			
19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar			
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO			
20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura		23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. enquanto trabalha B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro C. <input type="checkbox"/> nunca F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral D. <input type="checkbox"/> noticiário policial G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> música C. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias D. <input type="checkbox"/> semanalmente B. <input type="checkbox"/> às vezes E. <input type="checkbox"/> raramente C. <input type="checkbox"/> nunca	

26. NOME DO JORNAL: _____ A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial D. <input type="checkbox"/> pr. cultural G. <input type="checkbox"/> classificados B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> política H. <input type="checkbox"/> outra C. <input type="checkbox"/> variedades F. <input type="checkbox"/> página policial
28. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca	
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____	

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRATICA? _____				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S): 		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO: 		
46. OBSERVAÇÕES: 		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: _____ UF: _____	49. DATA DA ENTREVISTA: 50. DURAÇÃO: _____